

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Ana Cláudia Pinheiro

**Pensando os *Think Tanks*:**

Uma revisão da produção acadêmica brasileira

FLORIANÓPOLIS

2019

Ana Cláudia Pinheiro

**Pensando os *Think Tanks*:**

Uma revisão da produção acadêmica brasileira

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ary Cesar Minella.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pinheiro, Ana Cláudia

Pensando os Think Tanks : Uma revisão da produção  
acadêmica brasileira / Ana Cláudia Pinheiro ; orientador,  
Ary Cesar Minella, 2019.

113 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências  
Sociais, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Think Tank. 3. Revisão  
bibliográfica. 4. Publicações Brasileiras. 5. Institutos de  
Pesquisa. I. Minella, Ary Cesar . II. Universidade Federal  
de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III.  
Título.

Ana Cláudia Pinheiro

**PENSANDO OS THINK TANKS:  
UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de "Bacharel em Ciências Sociais" e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

Florianópolis, 15 de julho de 2019.



Prof. Dr. Tiago Daher Padovezi Borges  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**



Prof. Dr. Ary Cesar Minella  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Dra. Maria Soledad Etcheverry Orchard  
Universidade Federal de Santa Catarina



Me. Ricardo Bez Claumann  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedicado à minha parte mais bonita e sensata que nomeei Arthur.

## AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho pode ser dissociado de uma rede de contatos, de suporte, de instrumentação, apoio. Depois de quase cinco anos de graduação seria impossível registrar todos que passaram por mim e que de alguma forma contribuíram para este resultado. Nossos círculos sociais de rotina são os mais lembrados nesse momento, pois são de extrema importância. Entretanto, não queria deixar de registrar que, desde as pessoas nas redes sociais virtuais que lembraram os eventos do meu interesse, àquelas que compartilham uma história de vida em um bar, todas, de alguma forma, me fizeram ver o mundo de maneiras diferentes e, conseqüentemente, de aguçar minha percepção para vida e para este trabalho.

Agradeço muito a todos que trabalham comigo diariamente, oferecendo ombro amigo, conselhos e comida na hora certa. É com café e carinho que se faz a labuta. A flexibilização de horários proporcionada pela gerência, em nome da organização, foi outro ponto crucial na minha formação. Possibilitou minha ida em palestras, congressos, seminários, cursos e na participação em vários núcleos de pesquisa, inclusive no que me possibilitou a conclusão deste estudo.

Foi neste núcleo que encontrei o meu paciente e atencioso orientador, amigos e colegas que ajudaram no meu amadurecimento, o assunto que me despertaria o interesse científico e a possibilidade de me especializar em um tema nessa carreira que agora escolhi seguir.

À Universidade e toda a sua grande estrutura que me proporcionou experimentar a realização de um sonho que um dia pareceu distante e impossível.

À família, sendo o núcleo mais próximo, o apoio diário nas coisas mais básicas e mais íntimas. Sem a estrutura familiar, muita coisa seria diferente. O silêncio para leitura, os favores da farmácia, a roupa recolhida, o carro emprestado. As coisas comuns que só damos valor quando as perdemos.

À outra família, aquela que escolhemos na vida, às amigas e aos amigos o meu muito obrigada. Desde o incentivo para fazer o vestibular, apresentar trabalho em congresso internacional, dividir a casa para fazer o TCC, compartilhar sushi, cervejas, vinhos e lamúrias. Sinto o orgulho que têm de mim nos seus olhares e isso me realiza. Mesmo quando não acreditava possível, sempre estiveram lá. É deles e delas todas as linhas aqui escritas e deveria ter no meu diploma os seus nomes impressos ao lado de “apoio emocional”.

O agradecimento final, mas não menos importante, é para todos os amigos que fiz durante o curso. Funcionários, alunos e professores que com seus exemplos e modos de ser,

ajudaram-me a lapidar habilidades que eu não sabia que tinha. Mostrando novas perspectivas, tirando meu chão, minhas certezas. Palavras não serão suficientes para agradecer. Transformaram em motivação, superação, risos e dramas a maçante rotina de autoquestionamento, problematizações e superação de críticas. Agradeço a todos a tour divertida dessa fase. Que me deem a honra de permanecerem cruzando o meu caminho.

Ao amigo Ynti Alan Teixeira Tischler. Tivemos sua formação e nossa amizade interrompidas por um fato social. Ensinou-me muito durante o pouco tempo que estivemos juntos. Lembrarei sempre, cheia de saudades.

“Cada um, cada um”.

- Você nunca soube viver. Sempre achou que seu dever era, como se diz, participar. Ficar no centro da realidade. Mas o que era para você a realidade? A política. E a política é a espuma suja na superfície do rio, enquanto a vida do rio se passa numa profundidade muito maior. O estudo da fecundidade feminina já dura milhares de anos. É uma história sólida e certa. Para ela é inteiramente indiferente que este ou aquele governo esteja no poder. Eu, quando ponho uma luva de borracha e examino os órgãos femininos, estou muito mais próximo do centro da vida do que você, que quase perdeu a vida porque se preocupava com o bem da humanidade. (Milan Kundera, 1972)

Você já viu uma ligação elétrica com dois fios positivos? É sempre um positivo e um neutro. Para que um possa fazer funcionar, o outro sempre tem que ceder. (Isidro Domiêncio Pinheiro - *In Memoriam* – Meu sábio avô)

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender o estado da arte dos estudos acerca das instituições denominadas *think tanks*. Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa que, através de análise qualitativa e quantitativa propõe mostrar o conceito usado pelas publicações brasileiras e identificar o perfil coletivo dos autores sobre o tema. A construção do banco de dados foi obtida via arquivos impressos e digitais, encontrados em plataformas de busca online de trabalhos científicos. Chegou-se à conclusão que *think tanks* são organizações que pautam a opinião pública para influenciar os poderes decisórios em políticas públicas, agindo como grupos de interesse. Apesar de observarmos grande heterogeneidade nas referências utilizadas pelas publicações brasileiras, foi possível identificar duas linhas de influência que nomeamos “visão tecnicista” e “visão política”. Também foi possível compreender que a região que mais publica e tem autores sobre o assunto é a Sudeste com concentração no estado de São Paulo e que, apesar de vincularmos estas entidades à políticas públicas e atividades de grupos de interesse, há uma clivagem nas referências brasileiras opondo estudiosos de *think tanks*, estudiosos de políticas públicas e estudiosos de agências de lobby.

**Palavras-chave:** *Think Tank*. Revisão bibliográfica. Publicações Brasileiras. Institutos de Pesquisa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desmembramento do Conceito.....	36
Figura 2 – Ano de Publicação dos trabalhos brasileiros com o termo <i>think tank</i> .....	38
Figura 5 - Percentual à quantidade de publicações no período .....	47
Figura 5 - Dez características mais citadas em número absoluto .....	48
Figura 6 - Percentual à quantidade de publicações no período .....	49
Figura 7 – Autores mais usados como referência.....	68
Figura 8 - Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – por unidade federativa (em %).....	71
Figura 9 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Instituições dos autores – por unidade federativa .....	72
Figura 10 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Formação dos autores/as no momento da publicação .....	72
Figura 11 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Formação dos autores/as por período .....	74
Figura 12 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Tipos de publicação por período. .	75
Figura 13 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Áreas de formação profissional dos autores.....	78
Figura 3 - Áreas de estudo mais presentes x período de publicação .....	78
Figura 14 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Instituições vinculadas às publicações. ....	79
Figura 15 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Instituições de origem dos autores/as .....	79
Figura 16 – Brasil. Publicações com o termo <i>think tank</i> – Abordagem acerca do tema. ....	80
Figura 17 – Gradiente conceitual sobre os <i>think tanks</i> .....	86
Figura 18 – Abordagem acerca dos <i>think tanks</i> .....	88

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Plataformas digitais de busca. ....	28
Quadro 2 – Itens extraídos dos trabalhos para posterior tabulação .....	32
Quadro 3 – Área de Formação dos pesquisadores.....	33
Quadro 4 – Plataformas digitais de busca .....	86

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Palavra-Chave: <i>Think Tank</i> .....	31
Tabela 2 – Características dos <i>think tanks</i> mais apresentadas nas publicações brasileiras .....	45

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BD Biblioteca Digital da Câmara Dos Deputados
- BDSF Biblioteca Digital do Senado Federal
- BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- BND Biblioteca Nacional Digital
- CEBRAP Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
- CFP Conselho Federal de Psicologia
- CFSPC Conselho Federal do Serviço Público Civil
- CGEE Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
- CLACSO *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*
- CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CT & I Ciência, Tecnologia e Inovação
- DASP Departamento Administrativo do Serviço Público
- FAPESP Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- FGV Fundação Getúlio Vargas
- FURG Universidade Federal do Rio Grande
- IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBICT Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- IBOPE Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- IDRC - International Development Research Centre
- IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- ISEB Instituto Superior de Estudos Brasileiros
- KAS *Konrad Adenauer Stiftung*
- LUME Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul
- PUC-Minas Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
- PUC-RS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul

UCB Universidade Católica de Brasília

UEL Universidade Estadual de Londrina

UERJ Universidade Estadual do Rio De Janeiro

UFC Universidade Federal do Ceará

UFES Universidade Federal do Espírito Santo

UFF Universidade Federal Fluminense

UFG Universidade Federal de Goiás

UFMA Universidade Federal do Maranhão

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP Universidade Federal de Ouro Preto

UFPA Universidade Federal do Pará

UFPB Universidade Federal da Paraíba

UFPE Universidade Federal de Pernambuco

UFPEL Universidade Federal de Pelotas

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande Do Sul

UFRN Universidade Federal do Rio Grande Do Norte

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCAR Universidade Federal de São Carlos

UFU Universidade Federal de Uberlândia

UFV Universidade Federal de Viçosa

UNB Universidade Nacional de Brasília

UNESCO Organizações das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

USP Universidade de São Paulo

UTFPR Universidade Tecnológica do Paraná

UVJM Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
2.1	METODOLOGIA .....	26
<b>3</b>	<b>OS ESTUDOS BRASILEIROS E A DEFINIÇÃO DE <i>THINK TANKS</i>.....</b>	<b>41</b>
3.1	QUAIS CARACTERÍSTICAS ACERCA DAS INSTITUIÇÕES DENOMINADAS <i>THINK TANKS</i> .....	44
3.1.1	A mídia e a opinião pública .....	49
3.1.2	Futurólogos com reputação científica.....	54
3.1.3	<i>Lobby, Advocacy Tank</i> e Formação de quadros .....	57
3.2	QUAIS AUTORES SÃO REFERÊNCIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS.....	61
<b>4</b>	<b>QUEM ESCREVE SOBRE THINK TANKS NO BRASIL? .....</b>	<b>70</b>
4.1	VISÃO TECNICISTA .....	80
4.2	VISÃO POLÍTICA.....	83
4.3	GRADIENTE CONCEITUAL.....	86
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Foi em 2016 o primeiro contato com o termo. Fazia parte de um grande projeto que tinha a pretensão de compreender os vários ramos de ligação do empresariado com demais organismos sociais. Foi amor à primeira vista. Primeiro, porque era o desconhecido e apenas isso já era motivação suficiente para desbravar páginas e páginas de leitura digital. Naquele momento, vislumbrava estudar um grande *think tank* brasileiro ou suas relações. Um alerta do google avisava semanalmente todas as páginas passíveis de serem encontradas nesta plataforma com o termo “*think tank*”. Um mundo foi se abrindo. Aqui, no Brasil, não era comum, mas lá fora estas entidades não são mais discretas. Mesmo assim, a dúvida sobre o que exatamente era um *think tank* sempre pairava. O trabalho de conclusão de curso de graduação é um exercício de pesquisa, desta forma, o resolvido foi se debruçar a pesquisar o que mais me perturbava: como podia haver trabalhos brasileiros sobre *think tanks* se os brasileiros não sabiam o que eram *think tanks*? (no sentido de os trabalhos colocarem contradições sobre a definição destas entidades). A tese de Juliana Hauck foi essencial para a definição do objeto dessa pesquisa. Ela buscou todas os conceitos consolidados internacionalmente para fazer o recorte do objeto na sua tese. Porém, ainda me faltava muita bagagem teórica que tornasse possível um desenho, então, resolvi procurar os recursos discursivos de outros brasileiros para ajudar a clarificar o tema. Assim nasceu esse trabalho, de uma dificuldade conceitual. E vai terminar na certeza de que não podemos conceituar. Outras dúvidas surgiram, o que é parte do universo acadêmico.

O objetivo geral foi apurar o estado da arte e analisar a produção acadêmica que trata sobre o tema *think tanks* no Brasil, através de uma revisão bibliográfica em plataformas online de busca de trabalhos acadêmicos. Para atendê-lo, delimitamos como objetivos específicos a) levantar qual o entendimento dos pesquisadores brasileiros sobre as instituições *think tanks*, como as identificam e quais seus atributos; b) identificar quem são os autores e autoras tomados como referência bibliográfica nas publicações brasileiras sobre *think tanks* e c) produzir o perfil dos acadêmicos que publicam trabalhos no Brasil acerca dos *think tanks* e identificar quais instituições de pesquisa a eles vinculadas.

O primeiro e grande desafio foi o referencial teórico, já que equivale ao nosso objeto de estudo. Tentamos fazer uma reconstrução histórica que nos remonte ao surgimento dessas entidades, o surgimento do termo e como foi possível hoje estarmos tratando sobre isso no Brasil do século XXI.

O surgimento e proliferação deste tipo de entidade foram possíveis após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com o desenvolvimento tecnológico estadunidense e a formação de blocos de potência mundiais e órgãos de regulação também em níveis mundiais. Precisávamos entender por que ora uma instituição era citada como *think tank* e negada em outro. Quais as diferenças conceituais? Era preciso um conceito? Por que alguns acadêmicos conceituam? Se é dado que são instituições de pelo menos mais de cinquenta anos de atuação, por que no meio acadêmico quase não se houve falar delas? Sabemos que em nossa área de investigação há mais perguntas do que respostas, porém, a insegurança ao tratar do tema inviabilizou qualquer projeto antes que esforços fossem feitos para entendermos um pouco mais sobre estas entidades.

Trata-se de um trabalho de meta-análise, com dados qualitativos e quantitativos onde a fonte dos dados foi obtida em plataformas digitais de busca de trabalhos acadêmicos. Como recurso metodológico para auxiliar na análise, dividimos as publicações em três períodos distintos e extraímos dos trabalhos, além dos dados das publicações, os conceitos apresentados pelos/as autores/as brasileiros/as.

O primeiro capítulo vai buscar a definição de *think tanks* usadas nos trabalhos para compreendermos como o acadêmico brasileiro entende essas entidades e quem ele usa como referência. Assim, esse capítulo faz menção às características mais apontadas nos tópicos, quais sejam, a mídia e opinião pública; futurólogos com reputação científica, *Lobby*, *Advocacy Tank* e Formação de Quadros. O primeiro capítulo também elenca quem são as referências usadas pela academia brasileira e suas relações com os *think tanks*.

O segundo capítulo tenta traçar um perfil dos estudiosos brasileiros que se dedicam ao estudo de *think tanks* e abordá-los à luz das características conceituais que utilizaram em seus trabalhos.

Por fim, as considerações finais, referências, apêndices e anexos para melhor compreensão dos pontos abordados.

Esperamos que esta pesquisa possa auxiliar outros estudantes que passam pela angústia da definição dessas entidades. Nossa intenção última é inculcar na ciência política pontos de reflexão acerca dos motivos, interesses e atitudes de quem estuda estas entidades. Primeiro devemos compreender nosso papel e responsabilidade enquanto intelectual, assim, as perguntas deixam de gerar angústias, para gerar motivações.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

“Estado e capital: aí a raiz do problema” (CRUZ, 2019)

Trata-se de prática acadêmica elencar os autores referenciais sobre o objeto da pesquisa para compreendermos as concepções – divergentes ou convergentes – histórico do tema, contexto e possíveis contradições de forma fundamentar nossa argumentação. Porém, este trabalho, tem justamente por objetivo questionar o referencial da matéria. Em pesquisa exploratória para o projeto de pesquisa, identificou-se que majoritariamente os referenciais teóricos, não apenas dos brasileiros, mas de latino-americanos e europeus, vem de autores implicados com *think tanks* norte-americanos ou que recebem doações de grandes fundações.<sup>1</sup> Autores que defendem a existência destas entidades como necessárias ao desenvolvimento social das nações, deixando explícita a ideia de que o Estado, e seu corpo constitutivo, não teriam competência para responder problemas sociais com ousadia, criatividade e grande aporte técnico. Nos Estados Unidos, o papel de pensar problemas públicos está, principalmente, nas mãos de institutos privados de pesquisa e há longa literatura sobre isso, inclusive disponibilizada pelos próprios *think tanks*.

No período da Segunda Guerra (1939-1945), as salas reservadas para as definições estratégicas ficavam “tão afastadas do mundo da ação quanto aquários ou tanques de peixes” (BURKE, 2003), que fez surgir a expressão “*think tanks*”. Em tradução literal “tanques de pensamento”. Esta gíria militar foi tomada de empréstimo para designar instituições que se concentram “mais na pesquisa do que na docência e mais na política e na economia do que nas ciências naturais” (BURKE, 2003). Tatiana Silva (2007) também explica a escolha do termo a partir deste mesmo período histórico, na concepção de que os espaços seguros serviam para reunir representantes militares, ou seja, o Estado, junto aos demais representantes da sociedade civil. Desta forma, o termo traria como essência a união destas duas esferas da ação política na tomada de decisões estratégicas. Instituições que ganharam a alcunha de *think tanks* já existiam bem antes do termo surgir. Devido à popularização do termo, as organizações formais foram “apelidadas” posteriormente.

---

<sup>1</sup> Tratamos aqui de James McGann e o financiamento de seus livros pela Brooking Institutions e os eventos promovidos pelo seu centro de pesquisa para a promoção dos grandes *think tanks* norte-americanos; de Diane Stone e sua prestação de serviços para diversos institutos de políticas públicas em Canberra, Londres e Washington e para a UNESCO; e de Enrique Mendizabal, autor peruano e seu ranking de *think tanks* financiado pela William + Flora Hewlett Foundation.

Até os anos 60 do século XX, o governo dos Estados Unidos foi o principal financiador dos institutos de pesquisa e desenvolvimento, onde no final daquela década “foram gastos 150 bilhões de dólares” (DICKSON, 1975, p. 16). Isso se deu, devido as aproximações do Governo Federal norte-americano com os institutos universitários para aumentar o seu poder bélico durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De acordo com James McGann (2007) é nos anos 70 do século XX que há grande expansão de *think tanks* nos Estados Unidos em questão de números, o que nos faz pensar sobre a predição de Yehezkel Dror, trazida por Paul Dickson (1975) de que a incidência de *think tanks* seria tanta nos Estados Unidos e trabalhariam em tantas frentes da área política que fariam emergir “institutos educacionais para treinamento de profissionais e de cientistas políticos”, o que por sua vez, aumentaria a pressão no governo para abrir “viveiros de ideias”<sup>2</sup> públicos (contudo, não-governamentais), para “trabalharem diretamente com o público” (DICKSON, 1975, p.281), ou seja, longe da especulação do capital privado.

A competência destes centros de estudos foi matéria de jornal no Brasil. Em 26/02/1968, a reportagem da Folha de São Paulo “Tanques de ideias resolvem problemas”, mostrou para o Brasil as atividades de alta tecnologia dos institutos de pesquisa (RAND Corporation, Brookings etc.) e, que devido ao seu incremento na sociedade americana de incrível potencial tecnológico para o desenvolvimento, estavam em franco crescimento, indo de 12 institutos durante a Segunda Guerra (1939-1945) para 400 naquele ano. Ou seja, a reportagem trata estes institutos de pesquisa completamente diferentes em sua constituição e práticas dos institutos brasileiros já existentes naquele período, como dizia,

Governar uma nação como os Estados Unidos não é tarefa fácil. E dirigir uma indústria ou um negócio num mundo cada vez mais estonteante no ritmo das mudanças tecnológicas, exige um constante afluxo de novas ideias e novos métodos. (...) Para ajudar o homem moderno a medir-se com as civilizações que ele criou, surgiu nos Estados Unidos, formidável número e notável variedade de instituições independentes de pesquisa, comumente chamadas de ‘tanques de ideias’, dedicadas a criar ideias e disseminar informações.” (FOLHA DE SP, 26/02/1968, p.06, 2º Caderno)

Estas organizações voltadas para as “mudanças tecnológicas” eram vistas como entidades outras quando voltávamos à realidade brasileira. E é sabido o papel crucial que instituições brasileiras tiveram no desenvolvimento de políticas públicas, como a criação do

---

<sup>2</sup> Tradução de Fernando de Castro Ferro para *think tank* no livro “Centrais de Ideias” de Paul Dickson, publicado em 1975 no Brasil pela editora Melhoramentos.

Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP em 1938, (precedido pelo Conselho Federal do Serviço Público Civil - CFSPC) com o objetivo de regulamentar corpos públicos e realizar concursos de provas e títulos. Segundo Sérgio Miceli (1979) o DASP teve papel fundamental no recrutamento de especialistas para o setor público e criar uma espécie de *ranqueamento* dos diplomas e, conseqüentemente dos profissionais, que não estariam de acordo com as diretrizes dos programas que foram adotados durante o período populista (1945-1964). René Dreifuss também avalia o papel central do DASP à uma mudança nas formas de recrutamento para o serviço público que se dava no interior da burguesia industrial e que agora passaria “a prática de patronato para o governo central” (DREIFUSS, 1981, p. 24). O consenso estabelecido entre os autores, nacionais e internacionais, é o de que *think tanks*, são instituições formais que se estabelecem no objetivo de produzir “ideias” através da prática de pesquisas para influenciar os centros decisórios na aplicação de políticas públicas. Entendendo *think tank* desta forma, podemos avaliar que no Brasil, há desde muito, dispomos deste tipo de entidade: Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB (1937), Fundação Getúlio Vargas – FGV (1944), Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP (1969), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (1964) e Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE (1942). Fundações e institutos públicos e privados completamente imbricados na formação política, administrativa e econômica brasileira. O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT (1954), por exemplo, nasceu como ideia das Organizações das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO que sugeriu à Fundação Getúlio Vargas – FGV a abertura de um centro brasileiro de bibliografia.<sup>3</sup> Neste período pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945) as organizações transnacionais começaram a se consolidar como interlocutores interestatais, tendo é claro, como ponto de referência, o modelo de desenvolvimento social oriundos dos países “desenvolvidos”. Desta forma, institutos e fundações já eram entidades consolidadas nas sociedades europeia e norte-americana e, foi justamente o advento da Segunda Guerra que abriu caminho para a expansão deste tipo de organização social, que seria a ponte entre a técnica científica proveniente dos centros universitários e os centros decisórios do Estado

As entidades brasileiras acima listadas faziam papel similar no Brasil, porém a utilização do termo *think tank*, se deu bem mais tarde e, por elas mesmas. *Think tank* no Brasil, às vezes é utilizado para se referir especialmente às entidades norte-americanas dentro ou fora

---

<sup>3</sup> Fonte: Site Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, 2019. Disponível em <http://cicib.ibict.br/index.php/manuais>. Acesso em 09/06/2019 às 22:57h.

do território estadunidense, em outras, para designar apenas os institutos politicamente orientados: conservadores ou neoliberais. Isso criou uma clivagem desses institutos e fundações entre quem se autodenomina e quem não. A Fundação Getúlio Vargas, por exemplo, usou pela primeira vez o termo referindo-se a si própria em 2008<sup>4</sup>, outros, até hoje não o fazem. Temos instituições brasileiras que se designam *think tanks* e, inclusive figuram nos rankings mundiais de influência<sup>5</sup>; também dispomos de organizações *think tanks* transnacionais como o *Student for Liberty*<sup>6</sup>, uma rede que promove os ideais liberais e financia cursos em universidades nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e, instituições como a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE (1961), que não se diz *think tank*, mas constam no ranking da Pensilvânia e outras como IBOPE e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que fazem pesquisa de alta relevância social e não se denominam assim, nem pelos rankings, nem por si mesmas.

As organizações originariamente brasileiras que fizeram tradição surgiram durante a “era dourada do capitalismo” (VICENTE, 2009, p. 124), entre as décadas de 1940 e 1960, com o nascimento de um modelo econômico que vai defender o livre mercado entre os Estados. O crescimento mundial da população, somado ao aumento do consumo que impulsionou o crescimento econômico tanto dos países capitalistas quanto dos socialistas – mesmo sob a tensão do período da Guerra Fria (1947-1981) – e às crises do petróleo, foram o pontapé inicial para que se pensasse em novos modelos econômicos, que, somadas às insatisfações das grandes companhias com o modelo de Estado vigente (devido à alta carga tributária), deu início à crise do Estado do bem-estar social. (VICENTE, 2009, p. 124 e 125)

Javier Vadell (2003) escreve sobre “O papel dos *Think Tanks* na construção da hegemonia neoliberal”<sup>7</sup>, analisando, a partir do impacto de “O caminho da servidão” na comunidade científica norte-americana, os esforços de Friedrich August von Hayek para retomar o Congresso Walter Lipmann no pós-guerra e o fomento da abertura de *think tanks* engajados na defesa do liberalismo econômico, ganhando “corações e mentes” (VADELL,

---

<sup>4</sup> Fonte: Relatório Anual 2008. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/12483>. Acesso em 09/06/2019 às 23:18h.

<sup>5</sup> A Fundação Getúlio Vargas – FGV é líder na América Latina de influência em políticas públicas desde 2009 de acordo com o Ranking do Lauder Institute, Universidade da Pensilvânia. Disponível em [https://repository.upenn.edu/think\\_tanks/](https://repository.upenn.edu/think_tanks/). Acesso em 09/06/2019 às 22:31h.

<sup>6</sup> Fonte: Site Studenty for Liberty, 2019. Vinculados, no mínimo a sete instituições de ensino públicas e privadas brasileiras. Disponível em <https://www.studentsforliberty.org/brasil/>. Acesso em 09/06/2019 às 23:40.

<sup>7</sup> ESTEVES, Paulo Luiz (org.) **Instituições Internacionais**: Segurança, comércio e integração. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

2003, p. 394). Friederich Hayek seria o expoente das ideias e o elo com intelectuais do meio empresarial que debatiam e advogavam a favor de um capitalismo livre, sem as travas estatais ou “outro entrave que freasse seu desenvolvimento” (VICENTE, 2009, p. 126). A batalha do capitalismo contra o socialismo precisava se expandir, a transnacionalização das empresas e a melhoria nos sistemas financeiros a partir da década de 1970 foram respostas concretas às ideias do novo liberalismo que estava surgindo: de um capitalismo em escala mundial. A expansão norte-americana nos seus anos dourados na década de 1970 é exemplo do que a transnacionalização de empresas pode fazer na cultura das sociedades. Esta modificação cultural decorrente de um processo econômico foi o fator preponderante do que hoje entendemos por “globalização”. Alguns autores, como Perry Anderson chamam de “pensamento único”, as ideias neoliberais que foram “naturalizadas” e enraizadas nas sociedades capitalistas ao redor do globo.

“A globalização, segundo Ramonet, se assenta em dois pilares ou paradigmas inabaláveis. O primeiro reside na comunicação que, de forma lenta e persistente, está desbancando a noção de progresso tal como se entendia antigamente. O segundo, diz respeito ao mercado. Ele substitui, na atualidade, a coesão social e a ideia de que a sociedade deve funcionar como um relógio.” (VICENTE, 2009. Pg. 135)

O debate entre Thomas Friedman e Ignacio Ramonet<sup>8</sup> exemplificam os posicionamentos contrários e favoráveis à esta possível nova ordem mundial. Para Friedman, a globalização seria o resultado dos erros cometidos no mundo quando houve a polarização entre capitalistas e socialistas e que, numa nova sociedade onde há uma diversidade cultural, prepondera a mais forte, ou seja, a norte-americana, então nesta perspectiva, “a globalização tende a americanizar as culturas” (VICENTE, 2009. Pg. 129). As novas tecnologias criadas no contexto da globalização poderiam ser a saída para encontrar o equilíbrio entre o Estado e as liberdades individuais. Ignácio Ramonet, ex-aluno de Roland Barthes<sup>9</sup>, forjou o termo “quinto poder” para designar a pressão que a mídia, agora calcada com tecnologia disponível para a comunicação de massas, provoca na “balança” do Estado, trazendo provocação semelhante à dos pesquisadores Jesús Vivar e Guadalupe Aguado, “[...] *el poder político tiene varios*

---

<sup>8</sup> Ignácio Ramonet é fundador do Observatório de Meios de Comunicação – Media Watch Global – junto com Armand Mattelart. Informação em ALBORNOZ, Luís A. Os observatórios ibero-americanos de informação, comunicação e cultura-balanço de uma breve trajetória. **Revista Compós**. Brasília: Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006

<sup>9</sup> Informação em: VIVAR, Jesús Miguel Flores. GUADALUPE, Aguado Guadalupe. Blogs, Sociedad y Quinto Poder. **Revista Anagramas**. Medellín: Universidade de Medellín, jan. a julho de 2007. Vol. 5. N. 10. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4851640.pdf> acesso em 18/05/2019 às 20:10hs

*contrapesos, el poder económico tiene también su contrapeso, pero ¿qué o quién es el contrapeso del poder mediático?"* (VIVAR e GUADALUPE, 2007). Discordando de Friedman, Ramonet vê que o processo de fusão que pode ocorrer entre culturas com pesos econômicos diferentes, de forma que a menor sobreviva, acaba provocando fissuras, principalmente de ordem cultural, criando dentro do processo “agregador” um gérmen de destruição da parte mais fraca. “Culturas locais minoritárias entraram em processo de colisão com outras mais fortes e predominantes, sofrendo perdas de identidade, tendendo, conseqüentemente, a desaparecer.” (VICENTE, 2009. PG. 132)

Devido aos custos da Segunda Grande Guerra (1939-1945), os países envolvidos reduziram seus investimentos na América Latina e, como consequência, abriram-se mecanismos de cooperação financeira internacional, desta forma

“(…) teriam os países latino-americanos conhecido as elevadas taxas de crescimento de seus setores manufatureiros, no período do após guerra, caso não houvessem contado com a efetiva cooperação de grupos internacionais, principalmente norte-americanos, com ampla experiência industrial e fácil acesso às fontes de financiamento?” (FURTADO, 1976, p. 247)

Estas cooperações internacionais não se deram apenas nas camadas produtivas, mas também no letramento e formação da elite acadêmica brasileira. Até hoje, entidades como Fundação *Ford* dos Estados Unidos, *Konrad Adenauer Stiftung* (KAS) da Alemanha, Centro Internacional de Pesquisa e Desenvolvimento (IRDC) do Canadá financiam bolsas de pesquisa e publicações de trabalhos brasileiros.

"Após 21 anos de regime autoritário (1964-1985), a sociedade brasileira retornou à normalidade constitucional e ao governo civil. Durante toda a década de 1980, aprofundou-se a contribuição da Fundação Ford para o processo de transição para a democracia. O Escritório do Brasil apoiou os grupos que estavam à margem dos novos acordos, antecipou-se aos acontecimentos que mais à frente se tornariam fatos e realidade e entendeu a natureza dos desafios que se colocavam à sociedade recém-egressa do autoritarismo." (WITOSHYNSKY, 2002, p. 204)

Este panorama que apresentamos tendo o período pós-guerra de fundo, fez surgir “novas formas de capitalismo que se realizavam a nível global” (DREIFUSS, 1981, p. 49) e o nascimento de grandes organizações de alcance mundial que pautariam uma agenda em conformidade com os países representantes da “concentração econômica e concentração industrial integradas” (DREIFUSS, 1981, p. 49). Daí em diante, tanto as empresas produtoras e financeiras abriram seu leque para as tarefas transnacionais, em agenda pautada pelo bloco multinacional, quanto os institutos de pesquisa e desenvolvimento começaram a atuar devido

aos problemas pertinentes à política externa norte-americana neste período (TEIXEIRA, 2007). Apesar da medição de impacto ser quase uma “lenda” dentro destas entidades, a prova de sua eficácia é o contínuo investimento por partes de grandes representantes do capital ou do próprio governo<sup>10</sup> para o contínuo fomento de pesquisas e projetos, nacionais e internacionais.<sup>11</sup>

A grande concentração dessas organizações nos Estados Unidos, onde também é sua origem e, o fato deste país tomar para si a responsabilidade de ser um modelo de valores culturais, políticos e econômicos para todos os países do globo, fez com que os referenciais teóricos produzidos sobre estas entidades pertencessem também a este mesmo arcabouço simbólico. Um dos autores representantes dessa origem tecnocrática dos *think tanks* é James McGann e, toda definição encontrada acerca destas organizações em diversos autores, está, de alguma forma, expressa em seu trabalho. Para ele, trata-se de institutos de pesquisas politicamente orientados sobre questões internas ou externas, em uma linguagem acessível, que permite ao público tomar decisões bem informadas sobre diversas questões que cercam a política;

Estruturados como corpos permanentes, em contraste com comissões ad hoc ou painéis de pesquisa, os *think tanks* dedicam uma porção substancial de seus recursos financeiros e humanos para comissionamento e publicação investigação e análise política nas ciências sociais: ciência política, economia, administração pública e assuntos internacionais. Os principais produtos dessas organizações são livros, monografias, relatórios, resumos, conferências, seminários, briefings e discussões informais com legisladores, funcionários do governo e principais interessados. (McGANN, 2007, p. 11, grifo nosso)

Tendo o exposto, ainda há muito o que entender sobre a real permeabilidade das ações dos *think tanks* no tecido social, entretanto, sabemos que pesquisas brasileiras já discorrem sobre o assunto e tentaremos compreender quais perspectivas buscaram para o intento. O histórico deste tipo de organização nos Estados Unidos tem relação direta com o nascimento destas entidades em solo brasileiro e, o assunto passa da ciência política e sociologia para as relações internacionais, por surgirem neste contexto de mundialização de referenciais econômicos, culturais e políticos dos países ocidentais de sistema capitalista, gerando uma

---

<sup>10</sup> Colocamos Governo não apenas para fazer relação aos sistemas socialistas. Vale ressaltar que países capitalistas também subsidiam as atividades dos *think tanks*. Temos como exemplo o maior *think tank* canadense até hoje, o International Development Research Centre – IRDC, que é governamental e financia diversas atividades acadêmicas no mundo, inclusive no Brasil.

<sup>11</sup> Em 2016 o IPEA fez chamada pública para a contratação de pesquisador de campo graduado para trabalhar no projeto “*Think tanks* e o impacto da pesquisa”, porém não conseguimos localizar por meios eletrônicos os resultados da mesma. Fonte: Site do IPEA. disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=406&limitstart=80](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=406&limitstart=80). Acesso em 08/06/2019 às 23:40h

simbologia a respeito do que seria adequado ao desenvolvimento social de todo o mundo. Ainda, todos estes acontecimentos, somente foi possível, devido a colaboração de um verdadeiro exército de cientistas de diversas áreas, que, através de suas pesquisas, ajudaram a moldar o curso da história.

Deve-se notar que a elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas de acordo com processos históricos tradicionais muito concretos. Formaram-se camadas que, tradicionalmente produzem intelectuais; trata-se das mesmas camadas que, muito frequentemente, especializaram-se na "poupança", isto é, a pequena e média burguesia fundiária e alguns estratos da pequena e média burguesia das cidades. A diversa distribuição dos diversos tipos de escola (clássicas e profissionais) no território "econômico" e as diversas aspirações das várias categorias destas camadas determina, ou dão forma, à produção dos diversos ramos de especialização intelectual. (GRAMSCI, 1982, p.10)

Sendo assim, nosso referencial teórico parte da análise de Dreifuss e sua perspectiva sobre a elite orgânica, entendendo aqui, a elite acadêmica que se organiza em prol de campanhas políticas e ideológicas junto a institutos formalmente constituídos e de reputação científica para difundir socialmente através da mídia ou em grupos de reflexão, os resultados de suas pesquisas e suas propostas para o bom desenvolvimento social das nações.

As atividades ideológicas e sociais combinadas da elite orgânica consistiam em doutrinação geral e doutrinação específica, ambas coordenadas com atividades político-ideológicas mais amplas [...]. Através da doutrinação específica, a elite orgânica tentava moldar a consciência e a organização dos setores dominantes e envolvê-los na ação como uma "classe para si", enquanto consolidava a liderança política nas frações multinacionais e associadas dentro da elite dominante. (DREIFUSS, 1987, p.232)

Será possível verificarmos se os trabalhos brasileiros estão replicando esses ideais dos intelectuais vinculados a *think tanks*, já que eles mesmos produzem conhecimento acerca de si, ou, se dispomos de uma visão descolada dos centros de pensamento que trabalham o tema.

## 2.1 METODOLOGIA

A arte de pensar o impensável (SILVA, 2007); o poder invisível (MEDEIROS et al., 2017; CARDEÑOSA, 2007); difusor do neoliberalismo (MATO, 2007; FARIAS, 2010); reservatório de ideias (RIGOLIN e HAYASHI, 2012); tanques pensantes, (ALMANZA, 2006); observatório de informação (ALBORNOZ e HERSCHMANN, 2006); “*softpower*” (COSTA, 2017); “*universidad sin estudiantes*” (SPARCIA e LOZANO, 2017); são inúmeras as nomenclaturas encontradas na literatura para se reportar às entidades que se autodenominam ou que são denominadas por acadêmicos como *think tanks*. Podem ser centros de pesquisas vinculados ou não a universidades, nascer de partidos políticos, empresas, fundações, institutos dos mais diversos perfis, com distintas finalidades de constituição, com ou sem fins de lucro e outros mais. Um recorte mais apurado em alguma característica, uma redução que se faça para caber em um conceito, acaba excluindo dele, *think tanks* reconhecidos e identificados por seus pares. Esta situação é o fio condutor da pesquisa, no sentido de estarmos refletindo constantemente sobre a ação e a denominação dessas entidades, já que o surgimento destas, não está, necessariamente, relacionado ao aparecimento do termo “*think tank*”.

Nossa revisão bibliográfica optou pela busca do termo “*think tank*” sem traduzi-lo, mesmo tendo como foco os trabalhos brasileiros, porque a) apesar de existirem várias outras denominações como visto acima, elas acabam sempre por ser uma tradução deste termo literalmente ou remeter à ele; b) os *think tanks* vinculados à grandes associações internacionais (meta *think tanks*<sup>12</sup>) não traduzem o termo como forma de manter uma identificação entre seus pares nos eventos e publicações internacionais; c) *think tanks* que se autodenominam assim, de alguma forma, identificam suas ações na promoção de políticas públicas à moda estadunidense, e, em seus sites, o conceito de *think tank* é similar ao usado pela literatura norte-americana<sup>13</sup>.

O termo também não se altera em obras acadêmicas traduzidas para o português, como por exemplo, na nota (4) de rodapé do livro “Da Violência” de Hannah Arendt:

---

<sup>12</sup> Como a Atlas Network, fundada pelo Argentino Alejandro Chafuen, com 83 organizações vinculadas na América Latina. Disponível em <https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean>. Acesso em 10/06/2019 às 19:04h

<sup>13</sup> Como exemplo, a missão do CEBRI publicada em seus informativos: “*Em recente pesquisa, a Universidade da Pensilvânia apontou o CEBRI como o 36º mais importante think tank do mundo e o 3º da América Latina. (...) O CEBRI produz igualmente informação e conhecimento específico na área externa e propostas para a elaboração de políticas públicas. Linhas de pesquisa resultam em estudos, boletins, relatórios, newsletters e outros produtos específicos para instituições e empresas patrocinadoras.*” Disponível em <http://midias.cebri.org/arquivo/ArtigoBrazilAfrica.pdf>. Acesso em 10/06/2019 às 19:19h.

“*Report from Iron Mountain*; Nova Iorque, 1967, a sátira da mentalidade da *Rand Corporation* e de outros *think tanks* está provavelmente mais próxima da realidade, com o seu “tímido olhar por sobre as fronteiras da paz”, do que a maioria dos estudos “sérios”. O seu argumento principal, de que a guerra é tão essencial para o funcionamento de nossa sociedade que não ousamos aboli-la a menos que descubramos maneiras ainda mais criminosas de lidar com os nossos problemas, chocará apenas aqueles que esqueceram até que ponto a crise de desemprego da Grande Depressão foi resolvida apenas com o início da Segunda Guerra Mundial ou aqueles que negligenciam convenientemente ou procuram ignorar a extensão do atual desemprego latente por detrás de várias formas de subterfúgios.” (ARENDDT, 1970, p.65 – Grifo nosso)<sup>14</sup>

e na literatura estrangeira publicada no Brasil:

“Fundado em 1920 como um *think tank* particular, a lista de ex-integrantes do CRE incluía quase todos os secretários de Estado norte-americanos, mais de meia dúzia de presidentes, a maioria dos diretores da CIA, senadores, juízes e representantes de dinastias lendárias como os *Morgan*, *Rothschild* e *Rockefeller*. A combinação sem paralelos de poderio intelectual, influência política e riqueza material de seus membros rendera ao Conselho a reputação de “o mais influente clube privado da Terra”. (BROWN, Dan. *Inferno*. 2013 - Grifo nosso)<sup>15</sup>

“Esse conhecimento se tornou clandestino, ressurgindo na Europa renascentista quando, segundo a maioria dos relatos, foi confiado a um grupo de elite de cientistas que trabalhava no mais importante *think tank* científico da Europa — a Real Sociedade de Londres —, enigmáticamente apelidado de Colégio Invisível.” (BROWN, Dan. *O símbolo perdido*. 2009. Grifo nosso)<sup>16</sup>

Esta questão nominal acabou alterando a metodologia do trabalho. Inicialmente, usaríamos o software *Publish or Perish* para uma pesquisa mais concisa, com técnicas específicas e de possível reprodução para fins de comparação futura. Porém, este software busca em plataformas digitais o termo desejado no título, resumo ou palavras-chave, mas sem filtro de publicações por país e, reporta um limite de até mil publicações por pesquisa (*query*). Além da utilização de palavra na língua inglesa para a busca, “*think tank*”, – o que dificulta os achados de publicações brasileiras – o termo nos Estados Unidos está tão atrelado à pesquisa científica, que nas “áreas duras” – química, física – e também da área da saúde - em medicina, biologia e afins – recebem no título a aplicação “*think tank*” na maioria dos artigos publicados, aumentando a incidência de estudos norte-americanos no resultado da pesquisa e não de brasileiros como queríamos. Foi preciso abandonar o software e passar para a busca manual nas

---

<sup>14</sup> ARENDDT, Hannah. *Da Violência*

<sup>15</sup> BROWN, Dan. *Inferno*. Biblioteca do exilado. São Paulo: Editora Arqueiro, 2013. Versão digital.

<sup>16</sup> BROWN, Dan. *O símbolo perdido*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009

plataformas digitais com outra dificuldade: “*think tank*”, além de ser uma gíria para algo próximo a “grande cérebro” é também sinônimo de “grupos de reflexão” em pesquisas com grupos focais nas áreas da psicologia e serviço social. Assim, estamos cientes de que o trabalho se configura, quando estamos reportando a forma de coleta de material, como uma produção do tipo “estado da arte” – já que existe a possibilidade de que algum trabalho não tenha aparecido na busca – e combinada com meta-análise<sup>17</sup> na tabulação e análise dos dados, com o intuito de descobrirmos quais são os possíveis entendimentos do que é *think tank*, a quem ou a que a academia brasileira está recorrendo para explicar o fenômeno e quem são os pesquisadores que se dedicam aos *think tanks*. A tentativa foi abranger o maior número de trabalhos possíveis, inclusive, sem delimitação de período<sup>18</sup>, de forma a conhecer os primeiros registros acadêmicos do termo. A pesquisa exploratória foi feita para a qualificação do projeto de conclusão do curso – TCC, no primeiro semestre de 2018, e uma segunda revisão bibliográfica, e definitiva, em março de 2019, agregou mais 48 trabalhos ao escopo.

As seguintes plataformas digitais de busca de trabalhos acadêmicos e os respectivos resultados estão no Quadro 1:

Quadro 1 – Plataformas digitais de busca.

PLATAFORMA	FILTRO	RESULTADOS
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD	SEM FILTRO	17
BIBLIOTECA DIGITAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	SEM FILTRO	5
BIBLIOTECA DIGITAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP	POR TIPO DE PUBLICAÇÃO [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO/TESE DE DOUTORADO]	7
BIBLIOTECA DIGITAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	SEM FILTRO	0
BIBLIOTECA DIGITAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR	SEM FILTRO	0
BIBLIOTECA DIGITAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV	SEM FILTRO	1
BIBLIOTECA DIGITAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES	SEM FILTRO	0
BIBLIOTECA DIGITAL DE DISSERTAÇÕES UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA - UCB	SEM FILTRO	3
BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG	SEM FILTRO	2

<sup>17</sup> "(...) utilização de técnicas estatísticas para analisar resultados empíricos de pesquisa, com o objetivo de produzir sínteses de literatura". Em: FIGUEIREDO FILHO, Dalson B. et al. O que é, para que serve e como se faz meta-análise? Brasília, IX Encontro da ABCP, 2014

<sup>18</sup> Para as publicações antigas. As recentes tiveram o período delimitado até dezembro de 2018.

BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA	SEM FILTRO	0
BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF	SEM FILTRO	13
BIBLIOTECA DIGITAL DO SENADO FEDERAL	SEM FILTRO	10
BIBLIOTECA DIGITAL FGV	SEM FILTRO	172
BIBLIOTECA DIGITAL UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP	SEM FILTRO	3
BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL	SEM FILTRO	0
BIBLIOTECA VIRTUAL FAPESP	SEM FILTRO	4
DOMÍNIO PÚBLICO	SEM FILTRO	2
LUME - REPOSITÓRIO DIGITAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS	FILTROS PARCIAIS PARA [TESES E DISSERTAÇÕES 127 RESULTADOS]; [PRODUÇÃO CIENTÍFICA 20 RESULTADOS]; [ACERVO 01 RESULTADO]	148
PERIÓDICOS CAPES	FILTRO PARA TIPOS DE PUBLICAÇÃO [ATAS DE CONGRESSOS; CAPÍTULOS DE LIVROS; RESENHAS; ARTIGOS; TESES E DISSERTAÇÕES] FILTRO PARA LÍNGUA PORTUGUESA E DEPOIS SELECIONANDO AS REVISTAS BRASILEIRAS APRESENTADAS NO RESULTADO [BRAZILIAN ADMINISTRATION REVIEW; CADERNOS EBAPE.BR; DADOS; POLÍTICA & SOCIEDADE; REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICA EXTERNA; REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA; SOCIEDADE E ESTADO; TEMPO SOCIAL; AMBIENTE E SOCIEDADE; REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO]	35
PORTAL DE PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO - UERJ	SEM FILTRO	7
PROQUEST DATABASES	LOCALIZAÇÃO [BRASIL] E TIPO DE FONTE [PERIÓDICOS ACADÊMICOS; REVISTAS; DISSERTAÇÕES E TESES]	133
PROQUEST TESES E DISSERTAÇÕES	COM FILTRO PARA LÍNGUA PORTUGUESA E SEM FILTRO POR PAÍS	61
RED DE BIBLIOTECAS VIRTUALES CLACSO	FILTRO [TODAS LAS COLECCIONES DE BRASIL]	4
REDALYC.ORG	LOCALIZAÇÃO [BRASIL]	138
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE DE OURO PRETO	SEM FILTRO	10
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL	SEM FILTRO	4
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB	SEM FILTRO	10
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG	SEM FILTRO	0

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	SEM FILTRO	10
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC	SEM FILTRO	36
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU	SEM FILTRO	21
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC	SEM FILTRO	1
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA	SEM FILTRO	10
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG	SEM FILTRO	0
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN	SEM FILTRO	18
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI – UVJM	NÃO FOI POSSÍVEL ACESSAR O SITE	0
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE NACIONAL DE BRASÍLIA - UNB	SEM FILTRO	52
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA DO PARANÁ - UTFPR	SEM FILTRO	6
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL PUC-MG	SEM FILTRO	0
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL PUC-RS	SEM FILTRO	39
REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA	SEM FILTRO	0
SCIELO BOOKS	SEM FILTRO	0
SCIELO.BR	SEM FILTRO	2
SISTEMA DE SUBMISSÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPEL	SEM FILTRO	0
SPELL SCIENTIFIC PERIODICS ELETRONIC LIBRARY	SEM FILTRO	1
WORLDCAT	FILTROS [NOT JUVENILE AUDIENCE] E PARA LÍNGUA PORTUGUESA	40
	<b>TOTAL</b>	<b>1025</b>

Fonte: Produzida pela autora, 2019.

As aplicações de filtros de busca foram feitas quando possíveis e quando atendiam os critérios previamente estipulados. Foram estes: publicações acadêmicas dentro do território nacional, em qualquer língua, por pesquisador brasileiro ou estrangeiro com o termo *think tank* nos campos:

- título;
- resumo/abstract;
- palavras-chave;
- introdução;
- nome de capítulo.

nesta ordem de importância. Ou seja, quando o trabalho tinha o termo no resumo e nas palavras-chave, por exemplo, foi considerado na contagem o trabalho achado através do resumo e não pela palavra-chave. Como pode ser constatado na tabela 1, não há registro de trabalho com

“*think tank*” na palavra-chave, não porque não houvesse, mas porque o mesmo termo já estava no título ou no resumo/abstract desse mesmo trabalho. Incluímos a busca no campo introdução para que estudos de caso sobre *think tanks* pudessem ser encontrados quando o autor fizesse a menção em outras partes do texto, pois geralmente no título e no resumo constam apenas o nome da entidade estudada.

O “nome de capítulo” foi aplicado para livros, teses, dissertações e monografias, mas não para artigos.

Tabela 1 – Palavra-Chave: *Think Tank*

Palavra-Chave: <i>Think Tank</i>						
Tipo de Trabalho	Capítulo	Introdução	Resumo	Título	Palavra-Chave	TOTAL
Anais de Congresso	0	2	1	14	0	17
Artigos Científicos	0	13	13	24	0	50
Capítulo de Livro	0	0	0	3	0	3
Dissertação de mestrado	3	9	22	9	0	43
Entrevista	0	0	0	1	0	1
Livro	0	0	0	2	0	2
Monografias de Conclusão de Curso	0	1	2	1	0	4
Projeto/Relatório de Pesquisa	0	1	3	2	0	6
Resenha	0	0	0	2	0	2
Tese de doutorado	2	10	11	4	0	27
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>36</b>	<b>52</b>	<b>62</b>	<b>0</b>	<b>155</b>

Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Devido a estes mesmos critérios de busca, alguns trabalhos brasileiros sobre *think tanks* não puderam constar no resultado, como por exemplo, dois artigos derivados da dissertação de Flávio Henrique Casimiro. Sua dissertação atendia aos critérios, mas os artigos não tinham o termo “*think tank*” nos locais pré-definidos.

Dois artigos não entraram no resultado definitivo por um motivo diferente, eles não tinham referências bibliográficas. A exclusão se deu, não apenas por não sabermos em quais obras o conceito de *think tank* estava sendo referenciado, mas porque eram ensaios de publicidade para promoção de *think tanks*, publicados por eles mesmos, sendo eles: a) Artigo

“A Importância do CGEE<sup>19</sup>” de Mario Neto Borges, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq no ano da publicação do artigo (2016). Ele recuperou o conceito de *think tank* para ressaltar a importância do CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos na formulação de políticas do setor de tecnologia “na avaliação de políticas públicas e na disseminação de alternativas baseadas em CT & I<sup>20</sup>, capazes de dar sustentação ao desenvolvimento social e econômico, em âmbito regional e do País” (BORGES, 2016, p. 109). O outro, b) foi o de Igor Castellano da Silva, “*Think tanks: conceito, casos e oportunidades no Brasil*” do *think tank* da área de relações internacionais, Instituto Sul-americano de Política e Estratégia – ISAPE. Este Instituto tem por missão auxiliar na elaboração de políticas públicas no Brasil e no exterior “através da promoção da integração sul-americana com vistas à soberania e ao desenvolvimento” (SILVA, 2012, p.06) e, diferente do CGEE, que recebe recursos públicos e da iniciativa privada, o ISAPE se mantém com contribuições semestrais dos seus associados.

Assim, excluindo estes dois, foram encontrados 155 trabalhos publicados entre 1975 e 2018. A tabulação dos dados foi feita analisando cada um dos trabalhos e retirando as seguintes informações para posterior mensuração:

Quadro 2 – Itens extraídos dos trabalhos para posterior tabulação

<b>Título</b>	
<b>Ano da publicação</b>	
<b>Cidade da publicação</b>	
<b>UF</b>	
<b>Autor(x)</b>	Nome de autor(x) e todos os coautor(x), quando houver.
<b>Publicado por</b>	Nome da Revista quando artigo ou Instituição de Ensino quando monografia, dissertação ou tese.
<b>Instituição vinculada à publicação</b>	Entidades, Empresas ou Instituições de Ensino que financiam a publicação.
<b>Tipo de publicação</b>	Artigo, Monografia, Dissertação ou Tese. Artigos que tratavam de entrevista ou resenha foram identificados separadamente. Projetos de pesquisa de mestrado e doutorado também.
<b>Área de formação dx(s) autor(x)</b>	Considerada a formação no momento da publicação.
<b>Grau de instrução dx(s) autor(x)</b>	Considerado o grau de instrução no momento da publicação

<sup>19</sup> Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, à época, *think tank* vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

<sup>20</sup> CT & I: Ciência, Tecnologia e Inovação.

<b>Instituição dx(s) autor(xs)</b>	Considerada a vinculação institucional no momento da publicação. A Instituição vinculada ao autor será usada também como cidade/UF de origem do autor.
<b>Tema central do trabalho</b>	Avaliação subjetiva de forma a identificar quantos trabalhos tinham <i>think tank</i> como tema central.
<b>Think Tanks e suas relações</b>	Avaliação subjetiva de forma identificar quais características dos <i>think tanks</i> estão sendo abordadas nos trabalhos.
<b>Define Think Tank?</b>	Se apresenta conceito para o termo <i>think tank</i> .
<b>Conceito de Think Tank ou como se refere a Think Tank</b>	Qual o conceito apresentado, caso haja.
<b>Autor(xs) referência para conceituar Think Tank</b>	Qual ou quais autor(xs) usados como referência para conceituar <i>think tank</i> .

Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Com relação ao grau de instrução, o doutorado foi o limite e consideramos o título P.h.D. equivalente a doutor. Então, o espectro vai de graduando/a, passando por graduada/o, mestrando/a, mestra/e, doutoranda/o e doutor/a. Se tem pós-doutorado, o limite de graduação utilizado foi o doutorado, por entendermos que é o que define o campo de atuação profissional do acadêmico. A área de formação considerada foi a do momento da publicação, ou, se o profissional foi para outras áreas no pós-doutorado, consideramos a área do doutorado, bem como a instituição de ensino do doutorado. Estes dados, além de fornecer informações sobre as publicações, também vão ajudar a montar o perfil dos autores brasileiros.

Se o tema do trabalho era, por exemplo, Institutos liberais, o “tema” tabelado foi classificado como *think tank* quando o autor/a relacionava a prática destes institutos com as práticas que ele entendia ser de um *think tank*. E, só foi considerada a definição de *think tank* no texto, quando o autor/a mencionava o termo *ipsis litteris* somado ao conceito na sequência, no mesmo parágrafo. Não foi entendido como definição de *think tank* quando os autores/as mencionavam as características junto aos termos: “Institutos Liberais”, “Institutos Econômicos”, “Institutos de Pesquisa”, ou correlatos.

Para fins de comparação da relação publicação versus área de formação profissional, elencamos o resultado em onze grandes áreas, quais sejam:

Quadro 3 – Área de Formação dos pesquisadores

Ciência Política Estudos Políticos Política Científica e Tecnológica	Ciência Política
--	------------------

<p>História  História Contemporânea  História das Ciências e das Técnicas &amp; Epistemologia  História e Ciência  História Social</p>	<p>História</p>
<p>Ciências Militares  Estudos Estratégicos Internacionais  Relações Internacionais</p>	<p>Relações Internacionais</p>
<p>Ciências  Ciências Sociais  Sociologia  Sociologia Jurídica  Sociologia Política</p>	<p>Ciências Sociais</p>
<p>Educação  Pedagogia</p>	<p>Educação</p>
<p>Economia  Serviço Social</p>	<p>Economia</p>
<p>Administração  Administração de empresas  Administração Pública  Administração Pública e de Empresas  Business Management  Gestão Pública  Políticas Públicas  <i>Public Leadership and Management</i>  Responsabilidade Social Corporativa</p>	<p>Administração</p>
<p>Ciências da Informação  Cinema</p>	<p>Comunicação</p>
<p>Comunicação  Comunicação e Cultura  Comunicação Social  Jornalismo  Linguística Textual e Teorias do Discurso</p>	
<p>Direito e Relações Internacionais  Direito</p>	<p>Direito</p>

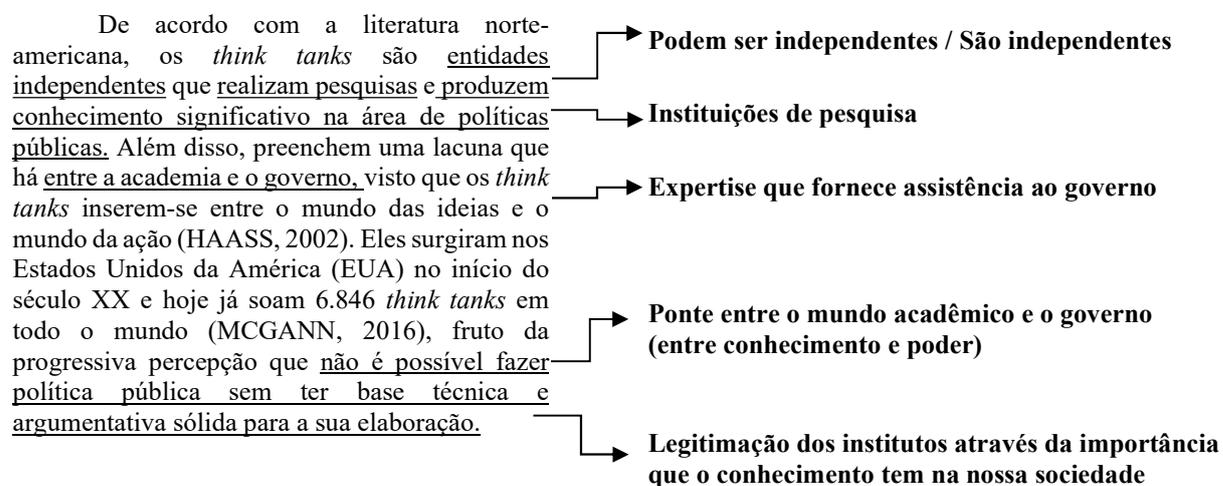
Direito Econômico-Financeiro Ciências Criminais	
Ergonomia de Sistemas de Produção Saúde Mental Ciências da Reabilitação Terapia Ocupacional	Saúde
Arquitetura Química	Ciências Exatas

Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Em um segundo passo de tabulação da amostragem, esta coluna “Conceito de *Think Tank* ou como se refere a *Think Tank*” foi desmembrada em características que em conjunto auxiliam a formar os conceitos mais usados sobre *think tanks*. Assim, o trabalho ganha moldes de trabalho quantitativo, mas sem prescindir de uma análise integrativa, ou seja, sem abandonar os aspectos qualitativos e as aplicações do conceito. Além de termos os números de incidência de determinadas características, vamos poder analisar qualitativamente suas relações com as abordagens dos autores que foram referenciados nos trabalhos brasileiros. Não queríamos fazer uma lista a priori das possíveis denominações que poderiam aparecer, então, dissecamos todos os parágrafos e classificamos da seguinte forma, como por exemplo, o trabalho de:

*SECCHI, Leonardo; CAVALHEIRO, Ricardo Alves; ITO, Leticia Elena. Os Think Tanks Na América Latina e a Produção de Conhecimento Aplicado à Política Pública: Latin American Think Tanks and the Promotion of Knowledge Applied to Public Policies. Revista Brasileira de Tecnologias Sociais, Itajaí, Sc, v. 4, n. 2, p.93-195, jun. 2017. Semestral. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rbts/issue/view/486>>. Acesso em: 10 jun. 2019.*

Figura 1 - Desmembramento do Conceito



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Sendo assim apareceram no processo classificatório 34 partes de conceito, sendo elas:

*Advocacy tank* / Atores políticos  
 Assessoria à partidos políticos  
 Atividades orientadas para o futuro  
 Atuação em âmbito nacional e internacional  
 Atuação em redes  
 Buscam transmitir imagem técnica / conhecimento que se pretende especializado e partidariamente isento  
 Conceito derivado da *RAND Corporation*  
 Difere de grupos de interesse e lobby  
 Elite pensante  
 Expertise que fornece assistência ao governo  
 Formação de quadros / *Revolving door*  
 Formalmente institucionalizados  
 Híbridos (relações com a academia, meio político, empresarial, mídia / age como centro acadêmico, lobista, relações públicas...)  
 influência/intervenção nos processos decisórios (governo) / Formulação de políticas públicas  
 Instituições de pesquisa  
 Institutos de pesquisa politicamente orientados  
 Institutos privados  
 Legitimação dos institutos através da importância que o conhecimento tem na nossa sociedade  
 Linguagem compreensível para o público  
 Locus criativo / Organizações autônomas / Pensamento Autônomo / Grupos de reflexão  
 Pauta do debate público / formação de consenso / Sensibiliza a sociedade para temas de seus interesses  
 Pesquisa/expertise multidisciplinar

Podem ser associados à grupos de interesse  
Podem ser independentes / São independentes  
Ponte entre o mundo acadêmico e o governo (entre conhecimento e poder)  
Projetos de curto, médio e longo prazo  
Projetos de longo prazo  
Promoção de ideias liberais/neoliberais / Institutos liberais/neoliberais  
Promotores de eventos públicos e privados para o debate e circulação de ideias  
Recebem doações de grandes empresas  
Relações estreitas com a mídia  
Reputação científica / Credibilidade  
Sem fins lucrativos  
Ideais da Sociedade *Mont Pèlerin*

Em alguns trabalhos, pode ter sido usado uma característica apenas, como no “A percepção acadêmica chinesa sobre o Brasil e a relação bilateral” de 2014. Ruichen Zheng usou *think tank* para sinônimo de “Instituição de Pesquisa”. Ou, pode se ter combinado, duas, três ou mais características na mesma explanação, como na monografia de Sara Dalpiaz Carlos, “Os zeladores da democracia”; onde no parágrafo:

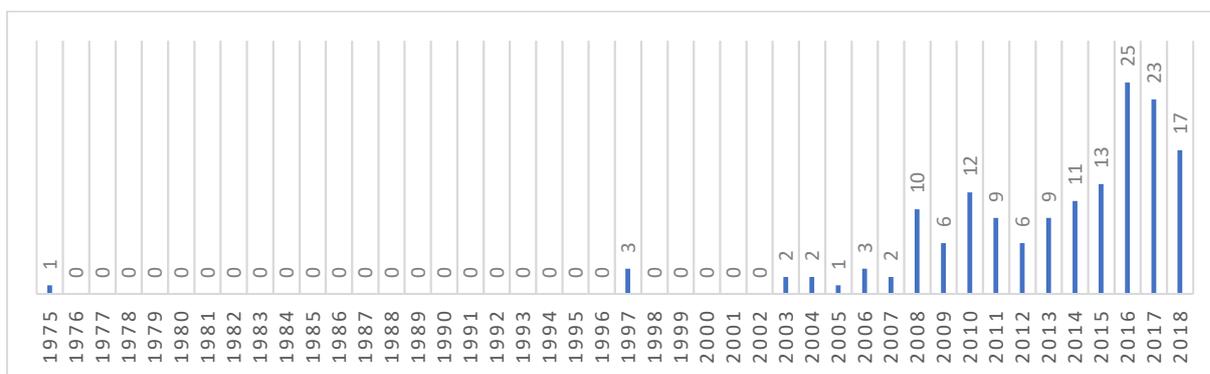
“Eles se constituem em institutos privados de pesquisa que estão presentes no processo de formulação de políticas públicas, nos Estados Unidos e na Inglaterra, desde os anos 40 (Denham, 1996), produzindo conhecimento sobre temas sujeitos a regulamentação pública e, principalmente, formulando projetos de políticas públicas orientados pela doutrina do liberalismo [...] A manutenção desse movimento foi possível devido à existência de grandes empresas dispostas a financiar essa rede de *think tank*, seus estudos e publicações. Sobretudo, a existência dessas redes foi fundamental para a consolidação do neoliberalismo como alternativa política e para internacionalização do movimento nos anos 80.” (CARLOS, 2018. Grifo nosso)

ela combina:

- Institutos privados
- Atuação em âmbito nacional e internacional
- Institutos de pesquisa politicamente orientados
- Promoção de ideias liberais/neoliberais / Institutos liberais/Neoliberais
- Influência/intervenção nos processos decisórios / Formulação de políticas públicas;
- Recebem doações de grandes empresas
- Atuação em redes

Além de subdividir o conceito em subcategorias, como recurso metodológico, decidiu-se por uma cisão temporal post-facto, colocando o ano 2000 como o divisor de águas. A década que se inicia no ano 2000 é fundamental para os autores de referência no tema (como confirmaremos a seguir), devido à multiplicação deste tipo de entidade pelo globo e o marco de uma obra que colocaria os *think tanks* como centro de pensamento voltado para o futuro: “O ano 2000: uma estrutura para a especulação sobre os próximos trinta e três anos” de Herman Kahn (Ex-colaborador da RAND Corporation e fundador do *Hudson Institute*) e Anthony Wiener (cientista político) onde propunham “as bases para uma forma de prever o futuro”. (ANDRIONI, 2014, p.13).

Figura 2 – Ano de Publicação dos trabalhos brasileiros com o termo *think tank*



Fonte: produzido pela autora, 2019.

Como é possível perceber na figura 2, existem 3 momentos distintos no volume de publicações, desta forma, faremos a inclusão dos quatro primeiros trabalhos (*outliers*) do total, publicados entre 1975 e 1997, nas análises qualitativas - sobre os conceitos de *think tanks* -, porém, serão excluídos, analisados separadamente, quando o foco ou a relação na análise for feita em cima do período publicado. Neste último caso, no cotejamento com eventos no tempo, a análise será voltada para os 3 grupos de publicações correntes entre 2003 e 2018, quais sejam:

2003 a 2007 – 1º Período

2008 a 2013 – 2º Período

2014 a 2018 – 3º Período

Estes três momentos serão importantes para compararmos se houve influência maior de um dos autores em determinado período ou conceito, ou seja, se a forma de ver estas entidades mudou com o passar do tempo ou se houve alteração das referências sobre o assunto.

Não conseguimos ter acesso a 7% dos trabalhos na íntegra, um total de onze. Incluímos nos dados, porém, por conter o termo *think tank* nas partes disponíveis para acesso, como o título ou resumo, pois seria importante identificarmos a quantidade total. Desta forma, entraram na análise quantitativa, mas não na qualitativa.

A escolha por comparar os conceitos foi feita porque como são entidades de origem estadunidense, o público brasileiro não está afeito ao termo e, por isso, os acadêmicos/as podem sentir necessidade de explicar em poucas linhas o que são estas organizações e a que estão vinculadas. O problema é que, quando se explica em poucas linhas, pode-se estar tratando algo de forma superficial e, ainda, correndo o risco de não transmutar a definição estrangeira para conceber a condição brasileira, com instituições enraizadas na constituição da nossa sociedade, considerando-se as relações dessas com o empresariado (MINELLA, 2009), por exemplo, ou na própria formação da academia brasileira, se considerarmos o financiamento estrangeiro vultoso em bolsas e centros de pesquisas nacionais (MICELI, 1979; DREIFUSS, 1981). Daí, surge imprescindível verificar o comportamento dos estudiosos brasileiros frente à um fato relativamente novo (a considerar todo conhecimento acumulado de estudos da sociedade) e de literatura, às vezes escassa, às vezes contraditória. “Escassa” não pela quantidade, pois entendemos que localizar 111 trabalhos em pesquisa exploratória foi mais do que prevíamos, porém, menos de 10% dos trabalhos são estudos de caso, impossibilitando compreendermos a fundo o funcionamento destas instituições no Brasil e na América Latina. Pode-se considerar escassa também, no sentido de que se trata de entidade que perpassa fronteiras de diversas disciplinas: ciência política, economia, sociologia, relações internacionais, administração pública, história, educação, serviço social e, inclusive, áreas da química e da saúde, era de se esperar no mínimo, depois de pouco mais de duas décadas após o primeiro estudo de caso (Institutos de pesquisa econômica), em decorrência do aumento de cursos universitários no país nos último anos, que a produção já estivesse mais densa e consolidada - ou seja, mais que a média de 9,4 trabalhos ao ano - já que “cabe-nos refletir sobre as dificuldades de se estabelecer no caso brasileiro a relação quantidade/qualidade como partes de um processo que incluía um projeto de universidade.” (FÁVERO e SGUISSARDI, 2012, p. 83)

Com relação à análise qualitativa, vamos procurar os autores mais referenciados pelos brasileiros e comparar com o conceito empregado, servirá também para avaliar possíveis vieses ou distorções. Descobriremos também se já existem brasileiros como referência no assunto ou se a literatura predominante é estrangeira, mais precisamente estadunidense, local de origem

dessas entidades. Por fim, mas não menos importante, através das instituições de ensino, procurar vinculações com entidades (empresas, jornais, núcleos de pesquisa, *think tanks*) ou professores que possibilitaram a pulverização do termo nas investigações acadêmicas de forma entender melhor de onde surgiu a problemática no meio científico brasileiro.

### 3 OS ESTUDOS BRASILEIROS E A DEFINIÇÃO DE *THINK TANKS*

*“Uma proposição científica é como uma bula papal sobre o controle da natalidade que só prega aos convertidos.” (Bourdieu, 1980)*

Este capítulo vai fazer a apresentação dos dados decorrentes do conceito de *think tank* ou como estas organizações estão sendo tratadas no universo acadêmico brasileiro. O primeiro trabalho publicado com o termo no Brasil foi o livro do jornalista Paul Dickson com o título “Centrais de Ideias: *Think Tanks*” em 1975. Nos Estados Unidos em 1971 tinha o título apenas “*Think Tanks*”. Dickson (1975) escreve de forma irônica e humorada a história das “fábricas limpas” nos Estados Unidos:

“Ao passarmos por elas, sua aparência convida-nos a esquecê-las. A maioria é constituída por construções de vidro e concreto que se erguem no meio de paisagens criadas pelo homem. São fábricas que não poluem o ar com fumaça, nem sujam as águas com resíduos industriais.” (DICKSON, 1975, p. 11)

O livro faz a reconstrução histórica e análise do surgimento dessas entidades no momento em que governo e a academia uniram esforços para prover poder bélico ao Estados Unidos, passando pelo nascimento de “viveiros de ideias” nos centros das cidades e não mais em zonas afastadas, como a RAND Nova York<sup>21</sup> e a proliferação em aceleração destas organizações nos Estados Unidos.

O desenvolvimento tecnológico impulsionado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) promoveu uma ampliação nas pesquisas científicas concentradas em dois tipos: a) pesquisa básica, aquela que se faz pelo próprio valor que o conhecimento gerado vai agregar, como por exemplo, o extensivo estudo de todas as propriedades do polímero, e a b) pesquisa aplicada, feita sob encomenda para atender uma necessidade específica, como no exemplo de Dickson, uma vacina ou um avião mais veloz. Um verdadeiro império de pesquisa e desenvolvimento se desenrolou naquele momento, inculcando na cultura estadunidense o aparato tecnológico como um valor daquela sociedade. Um bom exemplo do seu significado foi expresso pelo filme “2001: Uma odisséia no espaço” (1968) de Stanley Kubrick.

Depois de Dickson, o próximo trabalho encontrado foi publicado apenas em 1997, ou melhor, três trabalhos publicados, todos da – que já na época era – Professora de Administração

---

<sup>21</sup> Trabalha exclusivamente para tentar encontrar soluções aos problemas urbanos das grandes metrópoles.

Pública da Fundação Getúlio Vargas, Maria Rita Loureiro Durand, que pesquisou sobre a formação das elites dirigentes no Brasil, e os apresentou em relatório de pesquisa do Núcleo e Pesquisas e Publicações - NPP da Fundação Getúlio Vargas - FGV, em publicação nos anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ENANPAD e em artigo na Revista do Serviço Público. Todos resultados da sua dissertação sobre os Institutos de Ensino e Pesquisa de Economia Aplicada, concluindo que a prática de *revolving door*, (será vista mais tarde) é uma das características dos *think tanks*, mantida por uma “elite político-administrativa” entre os cargos nestas entidades, intercalando com cargos em universidades e empresas privadas (DURAND, 1997). Depois de Dickson em 1975 e Durand em 1997, somente em 2003 teremos o início de uma produção brasileira voltada para o tema.

É em 2003 que vai aparecer a primeira tese de doutorado, de Denise Gros, que virá se tornar, como veremos mais tarde, uma das referências brasileiras no assunto. Em 2004, Gros leva o tema para o Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais que é publicado em seus anais. O ensaio de Luis Fernando Ayerbe é publicado no mesmo período e trata sobre as prospecções dos *think tanks* norte-americanos e o Departamento de Estado dos Estados Unidos para a política sul-americana. Este ensaio foi publicado pelo Observatório Político Sul-Americano - OPSA, vinculado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que produz pesquisa com “o compromisso em colaborar para a formação de uma inteligência especializada nas questões políticas sul-americanas, influenciar a esfera pública, gerar pesquisa de qualidade, quantitativa e qualitativa, sobre eventos regionais” (OPSA, 2019). Objetivos estes semelhantes aos de um *think tank*, como veremos no decorrer do trabalho.

No início, se concentravam nas áreas de ciências sociais e história, quando em 2006 surgiram os primeiros trabalhos na área de relações internacionais<sup>22</sup>, e esta área fará surgir um outro expoente brasileiro de referência sobre os *think tanks*: Tatiana Teixeira, que, com o livro “Os *Think Tanks* e sua influência na política externa dos EUA: a arte de pensar o impensável”, publicado em 2007, colocará estas instituições como atores relevantes nos processos decisórios governamentais na política exterior estadunidense até chegar no papel desempenhado pelos

---

<sup>22</sup> Lembrando que o curso de Relações Internacionais no Brasil começou apenas em 1974 Fonte: UNB. Disponível em <https://irel.unb.br/ensino-e-pesquisa/graduacao/>. Acesso em 14/06/2019 às 13:04h E a pós-graduação, separada da área de Direito, apenas em 1985 na PUC-Rio. Disponível em <http://www.iri.puc-rio.br/instituto/historico>. Acesso em 17/06/2019 às 13:10h.

neoconservadores nos seus *think tanks* e sua influência na guerra com o oriente médio. Esta área de Relações Internacionais, que é constituída de métodos, perspectivas e correntes de pensamento que lhe são próprias, há alguns anos não ditam mais os termos do debate, já que, na interlocução com uma “pluralidade de novas perspectivas”, as ciências sociais foram redefinindo a agenda dessa área (CRUZ, 2019, p.12). Então, trabalhos como de Gros e Teixeira, como veremos depois, são influenciados pelo mesmo círculo de pensadores que estão pautando o estudo do tema dessas entidades no Brasil.

Nessa segunda fase, há um aumento exponencial na quantidade total de trabalhos (como mostra a figura 1), entrando em cena, a partir de 2008, a área da educação, como a dissertação de mestrado de Adriano Vieira (2008), orientada por José Roberto Rus Perez que avaliou a qualidade da educação brasileira. Na área da comunicação, temos o primeiro trabalho com o artigo da jornalista Liriam Sponholz “Neutralizando o Conhecimento: como jornalistas lidam com experts”, onde ela demonstra que os jornalistas “procurariam, rotineiramente, os mesmos experts e não confrontariam as informações obtidas com uma segunda fonte.” (SPONHOLZ, 2008). Até 2008, os trabalhos tinham *think tank* no seu escopo como variável, mas sobreposto a outro tema, por exemplo, a influência dos think tanks na política externa norte-americana, na Argentina, ou na reconstrução do Iraque; suas influências nas políticas para a educação, entre outros. Em 2009 surge a primeira dissertação de mestrado na área da Administração específica sobre *think tanks*; nela está o propósito de produzir uma “taxonomia à brasileira” dos *think tanks*, sua contextualização no mapa nacional e inclusive a proposta de uma nomenclatura na língua portuguesa para estas entidades: “OrPAPP – Organização de Pesquisa e Aconselhamento em Política Pública.” (SOARES, 2009, p.110). Em 2010, outro trabalho específico sobre *think tanks*, de Marlos Lima, aponta, através de entrevistas e estudo bibliográfico, que as “incertezas prospectivas dos *think tanks*” estão situadas em pelo menos quatro pontos: Globalização, concorrência, recursos humanos e financiamento. (LIMA, 2010, p.204)

A partir de 2014, na terceira fase, surgem as monografias de conclusão de curso de graduação e um aumento ainda maior na produção até 2017. O ano de 2018 mostra que a quantidade reduziu, porém ainda não se sabe se é apenas sazonal ou se os trabalhos usando o termo *think tank* estão caindo em desuso. O futuro mostrará se o ápice de 2016 foi apenas reflexo do momento político brasileiro ou se o termo veio para ficar.

### 3.1 QUAIS CARACTERÍSTICAS ACERCA DAS INSTITUIÇÕES DENOMINADAS *THINK TANKS*

Quarenta por cento dos [155] trabalhos não apresentou definição do que é *think tank*, apenas mencionam o termo. Em alguns, o autor nos deixa entender que o seu leitor já sabe do que se trata, em outros momentos, usa *think tank* para designar atores da sociedade civil, junto com outras organizações não-governamentais. A falta de um conceito pode estar relacionada a alguns fatores como: a) o “atraso” no estudo destas entidades comparado ao tempo em que a sociedade as mantém como referência de expertise. Coincidência ou não, o atraso nos estudos sobre lobby fora dos Estados Unidos, de acordo com Esparcia (2011, p.66), pode ter ocorrido porque “a atividade de grupos de pressão não foi considerada um fenômeno geral das organizações corporativas, mas uma característica do sistema político norte-americano”; b) fenômenos complexos prescindem de abordagem complexa que atravessam diversos campos do saber, a postura da pesquisa deve ser tão multidisciplinar quanto estas entidades e nem todos dispõem desse instrumental, junto com tempo, formação ou equipe;

Ademais, diante da complexidade da maior parte das políticas públicas, há certo consenso sobre a importância da interdisciplinaridade para a sua implementação, ao que corresponderia a exigência de distintos aportes disciplinares [...]. No entanto, na esfera da pesquisa, em geral, pouco se avança além desse consenso genérico, com uma tendência ao predomínio de diálogos internos às disciplinas. (MACHADO, 2016. p. 1987)

c) como o termo se manifesta inclusive na literatura<sup>23</sup> o autor pode pressupor que seu público conheça a terminologia; d) um conceito *universalizante* é uma herança da ciência política de tradição estadunidense e, alguns destes trabalhos, podem estar discutindo especificidades de instituições e não generalidades. Dos 62 trabalhos que não apresentam conceito, apenas 4,8% são estudos de casos, outros 8% exploram algumas características destas organizações, tentando articular um perfil, ou seja, apenas 12,8% dos trabalhos estão tratando de características específicas, como Camila Dias-Rigolin e Maria Cristina Hayashi – que propõem uma agenda de pesquisa para estas entidades – e Raphael Dal Pai que fez um estudo de caso do Instituto

---

<sup>23</sup> Ver capítulo da metodologia deste trabalho, onde mostra os recortes de Dan Brown e Hannah Arendt. Aparece também em Judith Butler, “The Question of Gender: Joan W. Scott’s Critical Feminism” Judith Butler (2011) aponta que, “após o violento ataque de 11 de setembro de 2001, os *think tanks*, junto com o Governo dos EUA e mídia, criaram uma estratégia para celebrar os muçulmanos norte-americanos moderados” (BUTLER, 2011. pg. 131.). Esta figura moderada é construída sob a caracterização de uma mulher, sem véu, moderna e que é crítica às tradições religiosas islâmicas, em oposição aos muçulmanos fundamentalistas, que é um homem religioso, barbado e que odeia a América e valoriza apenas sua própria cultura.

Ludwig von Mises Brasil. Desses que não definem, 33,8% são trabalhos onde *think tank* é o tema central, mas são primordialmente artigos e publicações de anais de congresso (76%), o que nos leva a supor que e) a falta da explicação do conceito ainda pode estar vinculada ao limite de páginas a que esses trabalhos são submetidos. Dos trabalhos que apresentaram algum conceito, oito deles colocaram a definição como notas de rodapé e quatro eram dissertações de mestrado, onde duas tinham como objeto central da pesquisa a influência que os *think tanks* tem em política externa e na educação. Da mesma forma como outros que não conceituam, f) são trabalhos que preferem analisar funcionalmente estas entidades e não partindo de uma definição universal.

As características obtidas através dos conceitos usados pelos autores brasileiros (detalhados na metodologia) foram agrupadas por sua similaridade para análise, onde dispomos na tabela 2 seu agrupamento e o valor obtido.

Tabela 2 – Características dos *think tanks* mais apresentadas nas publicações brasileiras

Cód.	Característica	2003-2007		2008-2013		2014-2018		Total	
		Nº Abso luto	Nº Percen -tual						
13	Influência/intervenção nos processos decisórios (governo) / Formulação de políticas públicas	4	14%	14	16%	38	14%	56	15%
6	Expertise que fornece assistência ao governo	3	11%	6	7%	26	10%	35	9%
-5	Instituições de pesquisa	2	7%	8	9%	23	9%	33	9%
14	Pauta o debate público / formação de consenso / Sensibiliza a sociedade para temas de seus interesses	1	4%	4	5%	18	7%	23	6%
-3	Pesquisa/expertise multidisciplinar	2	7%	7	8%	13	5%	22	6%
-15	Institutos de pesquisa politicamente orientados	0	0%	4	5%	16	6%	20	5%
11	Relações estreitas com a mídia	3	11%	2	2%	10	4%	15	4%
-1	Podem ser independentes / São independentes	1	4%	4	5%	9	3%	14	4%
3	Institutos privados	2	7%	4	5%	8	3%	14	4%
16	Promoção de ideias liberais/neoliberais / Institutos liberais/Neoliberais	1	4%	2	2%	11	4%	14	4%
12	Híbridos (relações com a academia, meio político, empresarial, mídia - age como centro acadêmico, lobista, relações públicas...)	2	7%	2	2%	9	3%	13	3%
-2	Lócus criativo / Organizações autônomas / Pensamento Autônomo / Grupos de reflexão	1	4%	3	3%	8	3%	12	3%
2	Sem fins lucrativos	1	4%	3	3%	8	3%	12	3%
-11	Advocacy tank / Atores políticos	0	0%	2	2%	8	3%	10	3%

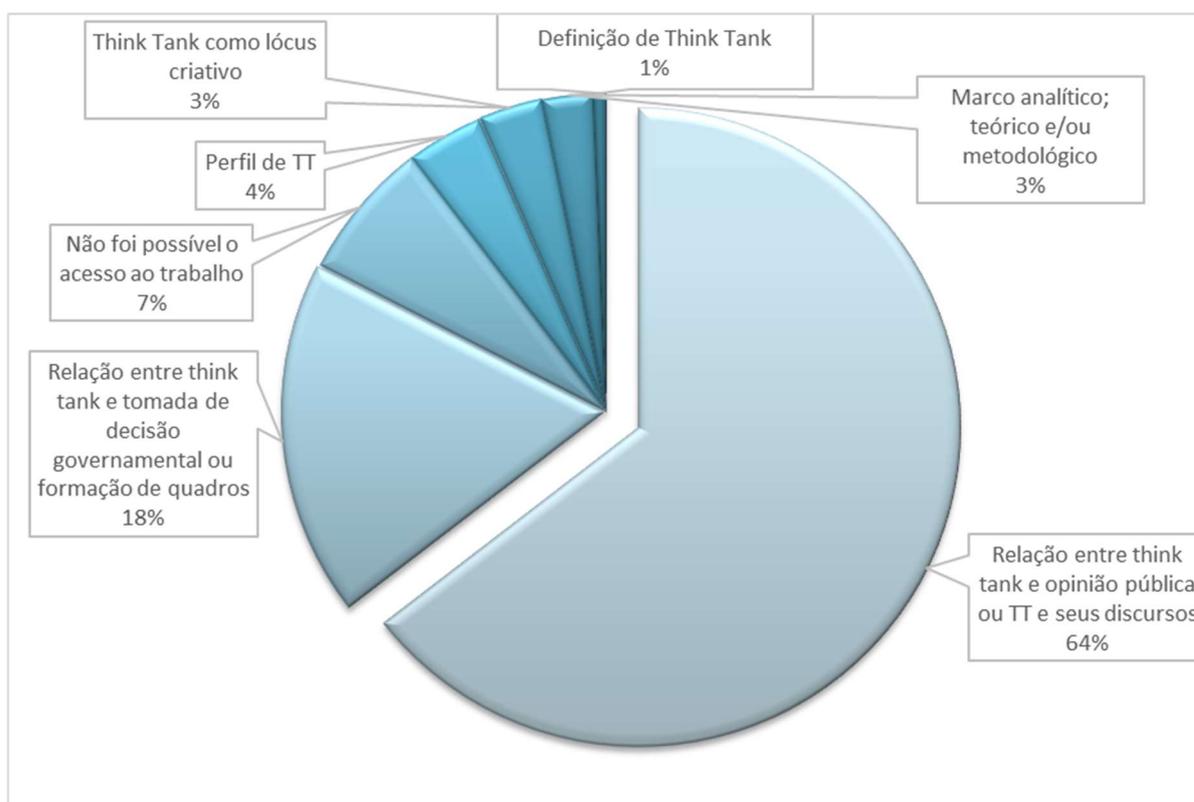
7	Ponte entre o mundo acadêmico e o governo (entre conhecimento e poder)	1	4%	5	6%	3	1%	9	2%
-13	Formação de quadros / <i>Revolving door</i>	0	0%	2	2%	5	2%	7	2%
0	Atuação em âmbito nacional e internacional	0	0%	1	1%	6	2%	7	2%
-14	Assessoria à partidos políticos	1	4%	0	0%	4	2%	5	1%
-8	Difere de grupos de interesse e lobby	0	0%	0	0%	5	2%	5	1%
4	Legitimação através da importância que o conhecimento tem socialmente	0	0%	0	0%	5	2%	5	1%
5	Reputação científica / Credibilidade	0	0%	1	1%	4	2%	5	1%
10	Elite pensante	0	0%	1	1%	4	2%	5	1%
-6	Projetos de curto, médio e longo prazo	1	4%	2	2%	1	0%	4	1%
-9	Atuação em redes	0	0%	0	0%	4	2%	4	1%
-16	Atividades orientadas para o futuro	0	0%	2	2%	1	0%	3	1%
-4	Conceito derivado da RAND Corporation	0	0%	1	1%	2	1%	3	1%
9	Recebem doações de grandes empresas	0	0%	2	2%	1	0%	3	1%
-12	Podem ser associados à grupos de interesse	0	0%	0	0%	2	1%	2	1%
-7	Projetos de longo prazo	1	4%	1	1%	0	0%	2	1%
-10	Buscam transmitir imagem técnica / Conhecimento que se pretende especializado e partidariamente isento	0	0%	0	0%	2	1%	2	1%
1	Formalmente institucionalizados	0	0%	0	0%	2	1%	2	1%
15	Linguagem compreensível para o público	0	0%	1	1%	1	0%	2	1%
8	Promotores de eventos públicos e privados para a circulação de ideias	1	4%	0	0%	1	0%	2	1%
17	Ideais da Sociedade <i>Mont Pélerin</i>	0	0%	1	1%	1	0%	2	1%
Z	Difíceis de definir	0	0%	2	2%	7	3%	9	2%
	<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>	<b>87</b>	<b>100%</b>	<b>266</b>	<b>100%</b>	<b>372</b>	<b>100%</b>

Fonte: Produzida pela autora, 2019

Como podemos verificar na tabela 2, as características de *think tanks* mais apontadas são aquelas em que lhes coloca como influenciadora nos processos decisórios na aplicação de políticas públicas (15%), bem como se trata de uma instituição de pesquisa que se utiliza de sua expertise para fornecer assistência ao governo (9% e 9%)<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> Algumas das expressões foram usadas com certa ironia, fazendo a desconstrução das características de independência, autonomia ou da própria reputação científica dessas entidades e não conseguimos apurar essa ironia em todos os casos, desta forma fizemos a classificação dos termos de forma literal e não interpretativa.

Figura 3 - Percentual à quantidade de publicações no período



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Quando isolamos as dez características mais apresentadas, podemos observar que, com o passar do tempo, elas não se alteram tanto. Separando por número absoluto, ou seja, a comparação através da contagem de vezes que as dez características mais apresentadas surgem nos trabalhos, na figura 5, podemos ver que a função de “influenciar os processos decisórios” se destaca como principal nos 3 períodos, é realmente o consenso da função e critério consolidado de classificação de um *think tank*.

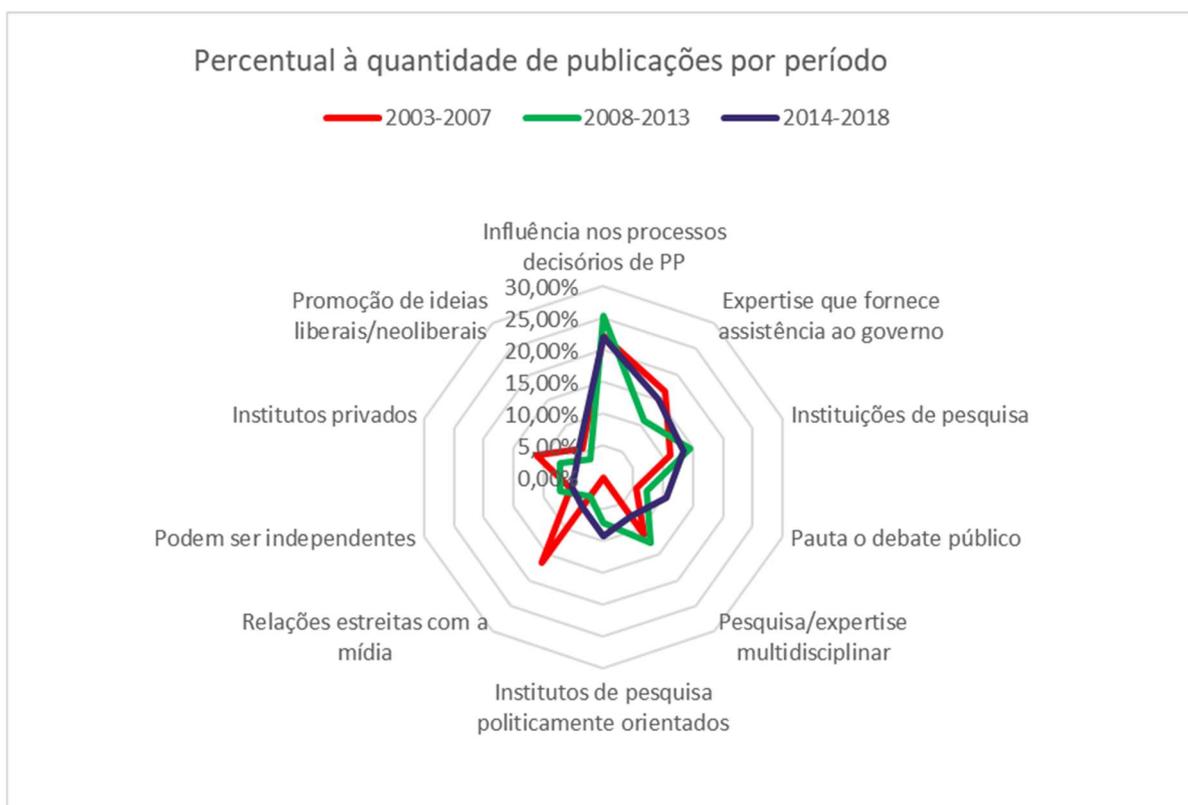
Figura 4 - Dez características mais citadas em número absoluto



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Quando colocamos estas características percentualmente ao número de publicações por período, na figura 6, vemos que a influência nos processos decisórios, tanto como outras características crescem proporcionalmente à quantidade de publicações. Ou seja, essa caracterização não cresce mais que as outras, ela vem sendo usada junto com as demais, paulatinamente. No segundo gráfico, o desvio ocorre nos institutos privados e relações com a mídia.

Figura 5 - Percentual à quantidade de publicações no período



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

A nomeação de institutos privados ou institutos de pesquisa deram lugar, na terceira fase, para “institutos de pesquisa politicamente orientados”. No início, eram classificados como institutos privados ou institutos de pesquisa somente. Essa virada do segundo para o terceiro período pode ter sido influenciada pelos trabalhos de Denise Gros, que é uma das referências mais citadas e que associa *think tanks* aos institutos liberais.

### 3.1.1 A mídia e a opinião pública

A Segunda Guerra (1939-1945), deu início à uma “nova ordem mundial” com a transnacionalização de empresas e o surgimento de organismos mundiais de regulação. A

formação de blocos internacionais hegemônicos proporcionou aos Estados Unidos serem protagonistas de um movimento “missionário” internacional, mas não no sentido religioso, e sim, o de levar o ideal da democracia estadunidense para todos os continentes. A formação dos institutos *think tanks* estão estreitamente interligadas com este momento, ou seja, com a potência do arsenal bélico dos Estados Unidos na Segunda Guerra e, quando o poder de fogo deu uma trégua, com as disputas entre os países hegemônicos que passaria a ser travada nos campos culturais e da linguagem. Essa configuração de uma elite internacional com a ascensão da social-democracia é a chave que muda o foco dos institutos de pesquisa de uma tecnologia de ponta para projetar produtos para uma tecnologia de ponta para projetos sociais. Os sistemas democráticos promoveram a conjectura necessária para o surgimento dessas entidades e estão completamente atrelados ao funcionamento delas (SOARES, 2009; PIVATTO Jr, 2017) e ainda, considerando que, o poder nos processos decisórios em políticas públicas se dissipa entre vários atores, os institutos ganham espaços nestas diversas frentes de elite para influenciar o debate público. Porém, não é condição essencial já que temos atualmente muitos *think tanks* chineses, a maioria estatais. (ABB, 2013)

Esta função principal dos *think tanks* de gerar influência em políticas públicas, que é consenso entre os autores brasileiros, por si, carrega consigo alguns pressupostos universalizantes que precisamos refletir antes de aplicarmos em territórios e sistemas diferentes do local de surgimento dessas entidades. Por exemplo,

“, a nova democracia brasileira difere radicalmente do modelo registrado na tradição ocidental. E a diferença mais notável está em que, nesta democracia de massas, o Estado se apresenta de maneira direta a todos os cidadãos. Com efeito, todas as organizações importantes que se apresentam como mediação entre o Estado e os indivíduos são, em verdade, antes anexos do próprio Estado que órgãos efetivamente autônomos.” (WEFFORT, 1978 p. 53)

A noção de influência, por exemplo, divide as concepções entre aqueles que entendem a aplicação de políticas públicas como exclusivas aos agentes governamentais e resultadas de um plano de governo que, pode ter sido influenciado por grupos de interesse, mas que tem no agente público o poder do veto ou aprovação; e, outra corrente, que entende como produtores de políticas públicas todos os agentes envolvidos no processo, desde os grupos de pressão ou interesse. Estas percepções advêm da própria pluralidade do conceito de política pública (SECCHI, 2013) que não chega a um consenso sobre os limites de atuação do Estado na aplicação de novas demandas. (MACHADO, 2016, p.1987). Inclusive há um debate muito intenso dentro dos próprios *think tanks* sobre seus limites de atuação e, principalmente, sobre a medição do impacto das suas atividades. Primeiro porque, quando um plano é bem-sucedido,

quem receberá o reconhecimento pelo planejamento e execução em um processo feito em “várias mãos”, às vezes discutido em vários campos ou vários níveis governamentais. Se na ponta do processo quem aprova é o gestor público, como tirar desse agente o crédito do sucesso? (KUNTZ, 2013)

Quando vemos o processo no interior da administração pública, segundo Luís Felipe Graça, e comparamos o poder central do governador ao bloco legislativo, por exemplo, este último é atravessado por muitos e diversos atores e interesses, o que gera uma desvantagem. Contudo, o uso de “poderes compensatórios”, como por exemplo, bloquear a agenda do governador ou aprovar, modificar, atrasar ou rejeitar uma medida, aumenta “a profissionalização”, o que faz emergir uma certa “independência do legislativo”. Assim, “a possibilidade do governador se tornar o principal ator na implantação de medidas importantes no Estado não significa a exclusão do legislativo no processo” (GRAÇA, 2016, p.46). Então, podemos entender a profissionalização e independência dos *think tanks* forjadas nesse mesmo jogo, mas ao invés de manipulação na agenda, temos os apoios e investimentos que podem ser garantidos em tal ou qual projeto. A única divergência estaria, no fato de que, aprovando ou não, estas forças externas ao processo decisório não se responsabilizam pelas decisões. E, esses atores externos e suas assessorias em diversas áreas ou em vários níveis, acabam influenciando a dimensão política mesmo quando suas proposições não são acatadas, pois se à frente do legislativo temos o governador, à frente de um *think tank* temos todos os agentes do sistema político para influenciar.

Os *think tanks* são uma parte importante, mas não oficial, da empresa de segurança nacional” [...] “suas contribuições são indiretas e informais. Os *think tanks* não tomam decisões críticas de política externa, não enfrentam responsabilidade pública nem realizam quaisquer funções inerentemente do governo. Mas eles estão cada vez mais integrados à forma como o governo dos EUA conceitua seus interesses de segurança nacional e cria respostas para os diversos desafios e oportunidades da segurança nacional e internacional.<sup>25</sup> (PAISON, 2009)

---

<sup>25</sup> Ellen Paison, Diretora Executiva do Henry Stimson Center, *think tank* de Washington, em artigo publicado pela ORF – Observer Research Foundation – um grande *think tank* indiano – tratando da visita dela em julho de 2009. Do inglês (Tradução nossa): “*Think tanks are an important but unofficial part of the national security enterprise*”, [...] “*their contributions are indirect and informal. Think tanks do not make critical foreign policy decisions, face no public accountability nor do they perform any inherently government functions. But they are increasingly integrated into the way the US government conceptualizes its national security interests and devises responses to the diverse challenges and opportunities of national and international security*”. Disponível em <https://www.orfonline.org/research/do-think-tanks-impact-public-policy-in-india-and-us/> acesso em 18/05/2019 às 19:55h

Assim, nos feedbacks negativos, as disputas políticas entre certos grupos podem colocar, nesse processo já complexo, um “cabo de guerra” de medição de forças dos grupos de interesse.

James McGann (2007) diz que medir uma influência é mais difícil do que caracterizá-la, principalmente em ambientes com muitos atores (ele trata especificamente dos Estados Unidos e inclui forças estrangeiras no debate). Os esforços, no sentido de fazer medição de impacto, levam em consideração os contatos que *think tanks* possuem com formuladores de políticas públicas, com os conselheiros e gestores políticos e com a qualidade e a extensão da circulação dos projetos de pesquisa. Tanto McGann, quanto Donald Abelson e Diane Stone (autores de referência nos estudos sobre *think tanks*) sugerem a medição de impacto quantificando uma infinidade de ações, que vão desde o número de publicações revisadas por pares até a quantidade de polegadas impressas em jornais de grande circulação. (McGANN, 2017, p.41) Esse tipo de comunicação que primeiro atinge um certo público (líderes de opinião e influenciadores) e depois outras camadas da sociedade, Charles Wright chama de “processo em duas etapas”, onde a mensagem é transmitida ao “círculo de influenciados” num contexto de repasse de informação ou em forma de conselho. (WRIGHT, 1968, p.58) Porém, o próprio Wright (1968) indica que chamar de processo em duas etapas pode não ser o suficiente, já que as pessoas buscam conselhos ou informação com aquelas do cotidiano que dividem os mesmos interesses e, assim sendo, se tornam influenciadores de “segundo nível”. Além de serem diversos, dependendo do assunto a ser compartilhado, podem ser, inclusive, dependentes dos meios de comunicação. (WRIGHT, 1968, p.72) “A eficiência do ato comunicador de massa depende, em determinados sentidos, do grau em que os veículos de comunicação de massa estão ligados às redes interpessoais e das características dessas redes.” (WRIGHT, 1968, p.78)

Outra desconstrução que precisamos fazer para entender as funcionalidades de um *think tank* é sobre o que seria a opinião pública. É um termo que aglutina um universo de ações complexas e geralmente é tratado pela pretensa objetividade das ciências sociais aplicadas. Em sentido Gramsciano, teríamos pelo menos duas, a burguesa e a do proletariado. (LIGUORI e VOZA, 2017) Esta divisão em classes é só o início do fracionamento que podemos antever na opinião de massas. Opinião pública, da forma como se costuma colocar, parece fenômeno autônomo das relações em sociedade. Bourdieu (1980) nos alerta que “a opinião pública não existe”, ao menos aquela dos institutos de pesquisa com suas porcentagens exatas para as respostas afirmativas e, muitas vezes, omitindo o resultado de respostas em negação – o que pode nos dizer muito mais sobre determinadas questões. Para considerarmos a opinião pública

como ente onipresente em todos os sistemas sociais, há de se considerar que todos os indivíduos conseguem emitir opinião sobre todos os pontos paradigmáticos de determinado contexto social e, que a soma simplesmente das opiniões individuais, expressa a opinião de uma coletividade. Sem entender os processos que fazem os indivíduos expressarem uma opinião, que existem atravessadores que escapam aos questionários, perde-se na análise os fatores que levaram o respondente a escolher por determinada opção, escolha esta, que está imbricada no seu processo de socialização e também à identificação com uma coletividade que escapa aos recortes da pesquisa. "Uma pessoa toma as posições que está predisposta a tomar em função da posição que ocupa num certo campo." (BOURDIEU, 1980)

Além dos fatores que apontam para uma certa manipulação de resultados quando pesquisas são divulgadas com prospecções, inclinações para novos cenários, sem informar suas limitações, há que considerar outro ponto: que nem toda tentativa de inculcar uma ideia ao público realmente funciona. Wright (1968) aponta, de forma afastarmos conclusões simplistas sobre o quanto a comunicação afeta o público, dois exemplos para esta questão. O primeiro ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a comediantes Kate Smith, transmitindo pela rádio CBS, obteve da audiência 39 milhões de dólares para o Governo dos Estados Unidos. Uma maratona de 18 horas, repetindo apelos a cada minuto. No ano seguinte, arrecadou 112 milhões de dólares em um único meio de comunicação. Um caso de sucesso. Diferente do outro exemplo: em 1947, a Associação Americana para as Nações Unidas fez uma intensiva campanha de seis meses em Cincinnati, com o intuito de fazer um exercício de demonstração para uma educação em massa, usando todos os veículos disponíveis no período: rádios, jornais, panfletos, sinais, cartazes, reuniões e discursos. Ao final, "uma conquista educacional de 2% do público". Antes da campanha, 30% não sabia dizer qual o objetivo das Nações Unidas, e, depois da campanha, 28% continuavam sem saber. "O processo de influência da massa está longe de ser automático, assim como o papel do público é muito pouco passivo." (WRIGHT, 1968, p.110 e 111) O próprio conceito de comunicação de massa e seu desenvolvimento teórico tem relação com o período de expansão tecnológica nos Estados Unidos destes meios de comunicação advindos do período pós-guerra.

Além dos dissensos em políticas públicas e opinião pública, outro foco deste bloco é a relação dos *think tanks* com a mídia. Segundo Daniel Silva há duas correntes interpretativas do papel dos jornalistas na sociedade: uma que entende os grupos midiáticos como ramificações de elite, que atreladas à interesses capitalistas, traduzem jornalismo como instrumental de

relações públicas para atender estes interesses. Outra, que considera o campo dos media com regras próprias que criam espaços de interação para diversos atores sociais, nomeada como “paradigma do caos”. A representação dos especialistas neste espaço midiático seria “o fruto de complexas interações entre uma série de comportamentos estratégicos e o sistema dos media – estratégias essas que são, (...), muitas vezes embasadas nas próprias características de funcionamento e nas normas desse sistema mediático.” (SILVA, D. 2017, p.31)

Albornoz e Hershmann colocam os *think tanks* como um dos tipos de observatórios de informações. Estariam, dessa forma, quase dentro do grupo midiáticos. Seguindo a ideia promovida por Armand Mattelart e Ignácio Ramonet, de que a comunidade de forma geral, deveria manter mecanismos de controle dos meios de comunicação para, de alguma forma, frear interesses de grupos poderosos com relações próximas ou proprietárias de grupos midiáticos. Os observatórios seriam de dois tipos: o primeiro com a função de fiscalizar organizações e o segundo de promoção de ideias e capacidade de intervenção na aplicação de políticas públicas. Estes últimos, os *think tanks*, deveriam estar vinculados ao governo para não representar interesses de um grupo específico, mas de toda a comunidade. “A meta de ambos é a transformação dos observatórios, na sua articulação com a sociedade civil, em agentes dinamizadores da democratização dos campos da informação, da comunicação e da cultura.” (ALBORNOZ e HERSHMANN. 2006. pg7)

Existe um longo percurso entre a opinião pública, a mídia e a decisão política, atravessados não só por grupos, mas por sistemas de funcionamento próprios de determinados setores que participam do processo. Apesar das premissas serem inquestionáveis, pois desde muito sabemos que a comunicação de massa de uma forma ou de outra afeta o público, precisamos estar alertas de que não se dá na mesma proporção, não necessariamente levando ao mesmo direcionamento, mas, ao invés disso, acontece em vários graus e, estas variações, dificultam e tornam mais complexas as análises de todos os cientistas, principalmente aqueles que trabalham em *think tanks* e precisam verificar os seus graus de impacto.

### **3.1.2 Futurólogos com reputação científica**

É capacidade humana a de planejar e tentar prever um futuro, a curto ou longo prazo, porém, no que diz respeito ao campo científico, que lida com fatos, como fazer ciência em cima de fatos que estão por vir? Se fazendo no tempo presente existem variáveis que se perdem, o

que dizer sobre variáveis tão desconhecidas quanto estas do futuro. Segundo Dickson (1975), o argumento de quem faz pesquisa desse tipo é de que, temos a capacidade de criar nosso futuro a partir de opções do agora, criando alternativas de escolha mais à frente.

“Especificamente, o futurólogo acredita que poderá causar impacto nos pontos em que o tempo, o dinheiro, a energia e o pensamento podem conspirar para provocar certos acontecimentos e impedir outros. Concordam, entretanto, com o fato de certos aspectos de todos os futuros estarem fora do nosso controle.” (DICKSON, 1975, p.332-333)

O trabalho de Hermann Kahn foi essencial para popularizar a ideia de “colonização do futuro”. O livro “O ano 2000”, dele e Anthony Wiener, sistematiza um método para o planejamento do futuro. Obras literárias famosas que descrevem futuros utópicos ou *distópicos* também levaram a imaginação futurística a outros patamares na metade do século XX, além de muitas obras acadêmicas que tiveram papel importante: Gerald Feinberg, Bertrand de Jouvenel, Dennis Gabor, Ralph Lenz, entre outros, fundaram as bases da futurologia, com “discussões técnicas rigorosas da variedade das técnicas de previsão.” (DICKSON, 1975, p. 334)

Paul Dickson denominou esse tipo de estudo de “pesquisa política” e o primeiro grande centro, a *RAND Corporation (Research And No Development)* é a materialização do encontro entre pesquisa e política, pois foi criada no final de 1945 por uma parceria entre a força aérea e a empresa *Douglas Aircraft* tendo em vista uma instituição experimental que começou seus trabalhos com um contrato de 10 milhões de dólares. “No seu primeiro ano, a RAND começou a admitir cientistas políticos, economistas e psicólogos no seu quadro de pessoal, [maioria militares] de forma a que suas ideias e seu pensamento não se limitassem apenas às ciências físicas” (DICKSON, 1975, p. 33, inserção nossa). O desenvolvimento da RAND impulsionou toda uma nova indústria metalúrgica, com o uso do titânio, por exemplo, e seu crescimento foi imenso, porém, estava submetida às regras e controle da *Douglas Aircraft*, até quando em 1948 a *Ford Foundation* doou 100 mil dólares para que se tornasse uma empresa independente (DICKSON, 1975, p.33). Alguns autores, como Diane Stone, consideram a RAND como o berço dos *think tanks*, a criação dela, foi modelo para a criação de centenas posteriormente.

Todo o esforço científico estadunidense passava pelos *think tanks*, multidisciplinares, pois focavam em temas e não em disciplinas e resultados comprovados no desenvolvimento militar e industrial, fazendo a união da ciência com respostas criativas para a sociedade, “pensar o impensável” (TEIXEIRA, 2007), um lócus de pensamento autônomo e autêntico, voltados para a construção do futuro.

“Na segunda metade dos anos 50 do século XX, uma preocupação particular sobre a previsão e a especulação do futuro ganhou força. Um dos nomes usados para definir este tipo de previsão foi Futurologia, termo cunhado pelo professor Ossip K. Flechtheim, em 1943.” (ANDRIONI, 2009, p.4)

Os temas relacionados à política externa ou interna e temas sociais, engajavam-se em pautas embasadas em algum ponto do espectro político estadunidense, motivo de orgulho norte-americano, da sua democracia, da pluralidade de ideias que eram debatidas na coletividade (instituições) expressando a própria pluralidade de pensamento do povo. Porém, isso não acontece<sup>26</sup> com as chamadas “ciências duras” ou voltados para pesquisas da área da saúde, onde, em seus artigos científicos colocam o nome de seus institutos de pesquisa, agregados ao termo “*think tank*” no título<sup>27</sup> (o que acabou se tornando sinônimo de institutos de pesquisa nessas áreas). Assim, estes *think tanks* são tratados de forma diferenciada na literatura e nos jornais, estariam trabalhando pelo desenvolvimento social como “neutros” ideologicamente. Os *think tanks* da saúde também se relacionam em redes e promovem eventos para debater suas “descobertas”, como a Rede *Hero*, por exemplo, que tem entre seus associados, setores públicos, universidades, fundações sem fins lucrativos, grandes corporações, como a 3M e empresas de planos de saúde<sup>28</sup>.

Quando o bloco internacional dominante foi formado e decidiu voltar a atenção para os países “periféricos”, os *think tanks* do hemisfério norte chegaram aqui com essa alcunha de “tecnologias voltadas para o futuro”. As duas primeiras vezes que o termo em inglês foi mencionado na Folha de São Paulo, Joelmir Beting salientou a urgência que os países em desenvolvimento precisariam criar este tipo de pesquisa aplicada. (ANEXO B)

A torre-de-marfim em que se converteu a universidade em nações subdesenvolvidas, que praticam tentativas de industrialização sem as muletas da escola, será substituída na era tecnocrônica por uma universidade convertida em um “*think tank*” (poço de ideias), vivamente complexo, fonte de inspiração e formação dos condutores da sociedade.” (Folha de SP. 14 de junho de 1970 Grifo do autor.)

---

<sup>26</sup> Quando dizemos “isso não acontece”, não significa que não ocorra de fato, mas que não é expresso nos trabalhos dos autores estadunidenses, não é visto assim.

<sup>27</sup> Como exemplos, os trabalhos: Kern, S, Hruban, R, Hollingsworth, MA, Brand, R, & ... (2001). *A white paper: the product of a pancreas cancer think tank*. *Cancer research, AACR e Ritch, R, & Schlötzer-Schrehardt, U (2001). Exfoliation (pseudoexfoliation) syndrome: toward a new understanding: proceedings of the First International Think Tank*. *Acta Ophthalmologica...*, Wiley Online Library (Resultado de pesquisa no software *Publish or Perish*).

<sup>28</sup> Fonte: Site Hero. Disponível em <https://hero-health.org/membership/think-tank-members/>. Acesso em 17/06/2019 às 13:44h.

Este tipo de entidade que se popularizou chamar de “*University without students*”<sup>29</sup>, na tipologia de James McGann são os “*think tanks* acadêmicos”, centros de pesquisa criativos e de saídas originais para problemas em torno das políticas públicas. Essa visão está ainda enraizada na tradição de disciplinas da Engenharia e, principalmente, na Administração, onde *think tank*, por exemplo, também seria sinônimo de uma parte indispensável da empresa para planejamento de metas e solução de problemas.<sup>30</sup> Os *think tanks* com este significante [técnico] são entendidos como “grupos que desenvolvem conhecimentos e habilidades que são críticos para toda a organização.” (JULIANI, 2002, p.46)

### 3.1.3 Lobby, Advocacy Tank e Formação de quadros

Na literatura anglo-saxônica, o termo *advocacy tank* é usado para diferenciar um tipo de *think tank*, o que tem por missão defender uma causa, se opondo aos institutos de pesquisa que podem trabalhar para várias frentes (STONE, 2013; XIFRA TRIADU, 2012; MCGANN, 2010). *Advocacy tanks* seriam organizações da sociedade civil que advogam por um interesse público, para promoção “de grandes causas sociais (direitos humanos, meio ambiente, erradicação do trabalho escravo e infantil etc.)” (MANCUSO E GOZETTO, 20018, p.31). A diferença de *advocacy* e lobby é que este segundo se advoga em prol [também] de interesses particulares. Quais são os limites de definição que os fazem pertencer a uma classe e não a outra, não fica claro nos trabalhos brasileiros. Quem usou *advocacy tank*, não os diferenciou de *think tanks*, ou seja, para uma parcela dos pesquisadores brasileiros, todos estão a defender alguma causa o interesse. De acordo com Esparcia (2011), os especialistas em grupos, ao estudarem as formas do seu impacto nas arenas políticas, dividiram os grupos em “de interesse”, quando suas “ações se desenvolvem de forma endógena” (ESPARCIA, 2011, p.66); e, quando as ações do grupo e suas demandas querem atingir o sistema político, são denominados grupos de pressão. O lobby estaria nesta esfera de atuação e, de acordo com Mancuso e Gozetto (2018) bem como para Esparcia (2011), o seu conceito está relacionado aos interesses de segmentos sociais e às decisões nas esferas governamentais.

---

<sup>29</sup> Em tradução literal (nossa) “Universidade sem estudantes”

<sup>30</sup> Ver em: JULIANI, Jordan Paulesky. Gestão Inteligente do Conhecimento. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

"Podem-se definir os lobistas como agentes ou representantes profissionais das associações e dos grupos que se dedicam a intervir, principalmente, sobre os governantes ou sobre aquelas pessoas designadas para tomar decisões que afetem os interesses grupais. Seu trabalho consiste na mediação que realizam entre seu cliente e o destinatário. Assim, os lobistas disponibilizam seus contatos e conhecimentos para aqueles grupos que não podem ou não querem realizar a influência de forma direta." (ESPARCIA, 2011, p.67)

Quando se coloca que essas entidades são responsáveis pela formação de quadros, não significa que necessariamente sejam vinculadas a universidades. A formação, nesse caso, não é curricular (o que também pode haver), mas à formação de quadros de especialistas para o funcionalismo público. Porém, não somente. Tanto os *think tanks* como os *advocacy tanks* (independentemente da sua causa) são formados por uma elite acadêmica que divide sua carreira entre o serviço público, a assessoria a *think tank* e cargos em grandes corporações (que fica condicionada à área de formação do profissional). Esse sistema de alternância de cargos é chamado de *revolving door*<sup>31</sup>, foco de um dos trabalhos, onde Christiane Sauerbronn identificou as trocas de posições em cargos de assessoria entre o Governo Menem e os Comitês Permanentes do Conselho Argentino para as Relações Internacionais – CARI. Outra tese, de Cinthia Regina Campos Ricardo da Silva (2015) aponta que, pelo menos um terço, dos representantes da Comissão Europeia, quando terminaram o mandato, trabalharam com consultorias para *think tanks*. A pesquisadora ainda aponta que esse número pode ser ainda maior, já que não se faz registro oficial dessas consultorias nos currículos profissionais. Existe um problema ético implicado, já que a recomendação de conduta da Comissão é a de coibir o uso da experiência adquirida ou dos contatos feitos enquanto se estava no cargo, “em benefício próprio ou favorecendo a atuação de empresas nacionais lobistas.” (SILVA. C., 2015) Então, o sistema de *revolving door*, também é posto em ação em organizações de nível internacional, fortalecendo uma elite que se reconhece em vários campos dentro da especialização de atuação que se encontram.

Outra característica mencionada pelos pesquisadores brasileiros é a de que o *think tank* seria a ponte entre a academia e o governo; a expertise e o centro decisório; o conhecimento e o poder. Esse entendimento é peculiar ao contexto estadunidense que entende o

---

<sup>31</sup> Tradução literal nossa “Porta-Giratória”. As grandes portas-giratórias dos bancos e prédios são usadas como alegoria para demonstrar a rotatividade de cargos dos *think tanks* com outras organizações. É algo tão culturalmente legitimado nos Estados Unidos que se expressa em peças televisivas, como no seriado *House of Cards*, história fictícia de um presidente dos Estados Unidos, onde assessorar um *think tank* é tido como situação comum para quem sai de cargos públicos.

desenvolvimento social, mediante a perspectiva de que tudo é mais bem desempenhado, sob a tutela da iniciativa privada.

“Os *think tanks* que não são orientados para o mercado, estudam como redistribuir a riqueza, como aumentar a tributação ou a taxa ótima de depreciação monetária. Os governos normalmente confiam em seus próprios *think tanks* internos para essa pesquisa e a complementam com pesquisas de universidades subsidiadas pelo Estado. Os *think tanks* orientados para o mercado concentram-se em encontrar soluções privadas para problemas públicos.” (CHAFUEN, 2013)<sup>32</sup>

Também esse entendimento não é uníssono, nem linear. É uma construção histórica também relacionada com o surgimento das organizações do terceiro setor.<sup>33</sup> Quando os autores dizem que já existiam *think tanks* antes da Segunda Guerra, estão se referindo, em maior grau, às entidades de caridade que não mais representavam a Igreja e nem mais ao Estado. As primeiras foram as fundações, que são

“um complexo de bens destinados à consecução de fins sociais e determinados e, como universitates bonorum, ostentam papel valoroso e de extremo relevo dentro das sociedades em que se inserem, pois são instrumentos efetivos para que os homens prestem serviços sociais e de utilidade pública diretamente a todos aqueles que necessitam, bem como possam transmitir às sucessivas gerações seus ideais e convicções, e seguir atuando.” (PAES, 1999, p. 33)

Nos Estados Unidos, o surgimento dessas entidades se deu principalmente após a Guerra da Secessão (1861-1865). Tanto o Governo, quanto particulares doavam grandes quantias para constituir fundações, principalmente voltadas para a educação, como o *Smithsonian Institution*, *Peabody Educational Fund*, entre outros. (PAES, 1999, p. 80) O crescimento dessas entidades teve como uns dos motivos propulsores a legislação tributária estadunidense, que permitiam às empresas isenção tributária se as quantias fossem aplicadas em benefício social, assim surgiram as Fundações *Ford*, *Rockefeller*, *Carnegie* e *W. K. Kellogg*, criadas no início do século XX com “a missão de patrocinar instituições ou pessoas que realizam trabalhos sociais nas áreas de voluntariado filantrópico, juventude, educação, saúde, desenvolvimento social e liderança.” (PAES, 1999, p. 81)

Na metade do século XX, intensificaram-se as doações dessas fundações aos institutos de pesquisa, (Anexo E) fortalecendo o desenvolvimento de todas as áreas e, nesse momento, a

---

<sup>32</sup> Revista Forbes: CHAFUEN, Alejandro. *Think tanks: Mestres do Universo?* Revista Forbes. 08/02/2013. Disponível em <https://www.forbes.com/sites/realspin/2013/01/16/think-tanks-are-they-the-masters-of-the-universe/#5013ecaa264a>. Acesso em 06/06/2019 às 07:18h.

<sup>33</sup> Organizações privadas com adjetivos públicos. (PAES, 1999)

ciência política, começava a cultivar seu status de “ciências das ciências”. Um dos intelectuais que proporcionou isso foi David Easton. O primeiro capítulo do seu livro “Uma teoria de análise política” é a promoção da ciência política enquanto única possível de produzir uma teoria geral dos sistemas, que pudesse ser aplicada a todos os campos do saber. O porquê disso reflete o momento pelo qual as ciências estavam passando, acadêmica e politicamente com a exportação de expertise dos Estados Unidos para o globo. Easton via sua teoria de sistemas como peça analítica para todos os fenômenos sociais, um método do *behaviorism* para análise do sistema político.

“A ideia-chave desta abordagem era a convicção de que existem certas unidades básicas de análise para o comportamento humano a partir dos quais podem ser feitas generalizações e essas generalizações podem fornecer uma base comum sobre a qual poderiam ser desenvolvidas as ciências especializadas do homem em sociedade. Em lugar da combinação mecânica das ciências sociais, teríamos uma ciência do comportamento como base.” (EASTON, 1968, p.36-37)

Para Easton, o precursor da tentativa de integrar pesquisas teóricas e empíricas foi Laswell (1940) que com auxílio fundamental de Herbert Simon, “mostrou como o novo movimento em torno do comportamento estava intimamente ligado à teoria, no caso, especificamente, em Administração.” (EASTON, 1968, p.43) Os estudos de Laswell e Simon usaram a unidade básica de análise “decisão” e, a partir de então, essa unidade se expandiu para várias outras áreas. “A tomada de decisões passou a ser o novo conceito mais generalizado em pesquisa política.” (EASTON, 1968, p. 43) E é esse princípio que ainda tramita nos trabalhos acadêmicos, de dentro da ciência política para todas as demais disciplinas marcando os termos do debate.

Além da expertise, da técnica e da *advocacy*, há quem diga que houve uma mudança no papel que os *think tanks* desempenham antes e depois da virada do século XXI (TEIXEIRA, 2010; RAVICHANDER, 2016), o investimento agressivo em publicidade, fizeram com que, além de ideias, tentem cooptar emoções através de mensagens que cativem o público a defender com eles suas causas. A concorrência entre os *think tanks* também pode ter mudado a forma de relacionamento com o público. Então, além de termos no presente uma tipologia muito abrangente e diversa dessas entidades ainda tem uma transição e uma mudança de atuação ao longo da história, que ainda não está bem clara nos nossos trabalhos, nem quando tratamos das nossas instituições. A colocação de alguns autores brasileiros de que se trata de institutos privados também pode ser questionada. Não só foram criados através de uma iniciativa do Estado, como - *think tanks* governamentais - são mencionados nos rankings mundiais de

influência e transparência. Institutos como o IPEA, por exemplo, que foi escolhido para representar o Brasil no evento dos *think thanks* do BRICS.<sup>34</sup>

A condição dos *think tanks* constituírem-se como organizações sem fins lucrativos, é apenas sua constituição formal enquanto organização que deve respeitar e se enquadrar à uma legislação de determinado Estado. Se ele faz o que diz fazer, defender interesses e atingir o centro político para poder converter intenções em uma prática, sob algum ponto de vista, isto é lucrar.

### 3.2 QUAIS AUTORES SÃO REFERÊNCIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS

No item anterior vimos o quanto a ciência política dos anos 50 e 60, nos moldes da teoria behaviorista, influenciaram os teóricos e pesquisadores estadunidenses em todas as áreas. A própria formação dos institutos de pesquisa está imbricada com o desenvolver da teoria do comportamento, muitas surgiram para aprimoramento de técnicas sociais, inclusive com experimentos sociais. As tecnologias de comunicação em massa foram surgindo retroalimentando os estudos teóricos sobre o assunto. A legitimação desses institutos se dá a partir da valoração que nossa sociedade faz do conhecimento (HAUCK, 2016), mas o que legitima um intelectual como sumidade em um assunto? Se a valoração é sobre o conhecimento, em tese, seria um grande conhecimento acerca de determinado tema? O que mede o potencial de conhecimento sobre um tema? A quantidade de trabalhos? A quantidade de citações? O tamanho do currículo? A importância social das organizações em que prestou serviço? Uma resposta possível seria: um pouco de tudo isso. A circulação das ideias de um intelectual e seu potencial de influência em determinado contexto social é em essência semelhante ao status criado por um *think tank*. O intelectual precisa de patrocinadores públicos ou privados, precisa conhecer os meios de socializar o seu trabalho e agir de forma criativa para receber atenção em determinado segmento. Dispõe de uma agenda de contatos pautada nos melhores eventos para compartilhar seu conhecimento, as revistas mais bem conceituadas para as suas publicações, a

---

<sup>34</sup> Existe um fórum para os *think tanks* e partidos políticos dos países do BRICS. Em evento no ano de 2017 a proposta era de aumentar o intercâmbio e o diálogo dos países para compartilhar experiências de governança e partilhar frutos de pesquisa. Ver nota de rodapé na página 103 em FRAUNDORFER, Markus. Fome Zero para o Mundo – A difusão global brasileira do programa fome zero. V.2 N.4. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Revista Austral, 2013.

escolha cautelosa para parcerias de trabalho e, claro, a maior carga conceitual sobre os *think tanks* como vimos é a influência nos processos decisórios. E, existe alguma tomada de decisão que não tem por base o trabalho intelectual como argumento? “Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais.” (GRAMSCI, 1982, p. 7)

A busca pelo conceito para poder compreender melhor estas organizações pode ser o motivo pelo qual James McGann é o autor mais citado nos trabalhos brasileiros, e, devido a pesquisa exploratória inicial, ousamos dizer que é possível que seja o mais citado em todos os continentes. Isso se dá por causa do seu programa *Think Tanks and Civil Societies* e o *Ranking Global Go Think Tank Index* que faz o ranqueamento dos *think tanks* mais influentes do mundo todo. O ranking de influência acaba sendo o porto referencial das publicações brasileiras, na medida em que não se tem um conceito preciso, o ranking, divulgado gratuitamente, vira instrumento para certificar as organizações como *think tanks*. E é usado pelas próprias organizações para se promoverem. CEBRI, FGV, PVBLICA e IPEA já utilizaram o ranking para se colocar como prestadora de serviço socialmente relevante e entidade influente. No ranking de James McGann a FGV vem recebendo papel de destaque desde o ano posterior à sua primeira menção como um dos *think tanks* mais influentes no Brasil e na América Latina e Caribe. Desde 2009 a FGV é destaque não apenas no ranking como faz parceria com o *Lauder Institute* na coordenação de fóruns<sup>35</sup> e eventos internacionais que envolvem os maiores *think tanks* do mundo<sup>36</sup> e é membro representante do Brasil no *Council of Councils*<sup>37</sup>. Em 2017, a FGV promoveu o *Global Think Tank Innovations Summit* com os maiores 50 *think tanks* do mundo em parceria com o mesmo instituto. Um ano antes de aparecer no ranking, Marcos Cintra, vice-presidente da FGV, fez um apelo à necessidade que o Brasil tem de constituir *think*

---

<sup>35</sup> Fonte disponível em <http://portal.fgv.br/noticias/fgv-promove-encontro-principais-think-tanks-mundiais>. Acesso em 06/06/2019 às 07:06h

<sup>36</sup> FGV organizou em 2015 o III Latin America *Think Tank Summit* junto com o *Lauder Institute*, o *CARI – Argentine Council for International Relations* e o *CIPPEC – Center for Implementations of Public Policies Promoting Equity and Growth*, outro grande *think tank* argentino. Teve seu estudo “A nova classe média” premiado pelo *Lauder Institute*. Disponível em [https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=ttcsp\\_summitreports](https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=ttcsp_summitreports) Acesso em 08/06/2019 às 22:13

<sup>37</sup> Na programação do evento, tradução nossa do inglês: “Os participantes são convidados a divulgar ideias das reuniões do *Council of Councils* e podem atribuir essas informações ao *Council of Councils*, mas não revelar a identidade, o país ou a afiliação de qualquer palestrante, participante ou instituição que participe da reunião. As sessões gravadas serão anotadas na ordem do dia. Um fotógrafo oficial estará presente e as fotos serão exibidas na página oficial e nas páginas sociais, mas o uso de dispositivos de gravação pessoais e câmeras é proibido.” Disponível em <https://www.cfr.org/interactive/councilofcouncils/reportcard2019/#!/about>. Acessado em 08/09/2019 às 22:16

*tanks*. No artigo<sup>38</sup>, diz que está cansado de manifestações vazias de conteúdo e que, movimentos como o “Cansei” só sabem reclamar sem propor nada para a melhoria da vida em sociedade e, que se universidades, partidos políticos, entidades empresariais e de trabalhadores não se unissem para promover o debate público qualificado, ficaríamos reféns dos marqueteiros e politiquinhos que ocupam o lugar destas instituições junto à opinião pública. Além da FGV, o programa de James McGann é parceiro dos *think tanks* mais influentes de acordo com seu próprio *ranqueamento*.

“Ele também é o presidente e fundador Parceiro da McGann Associates, um programa e consultoria de gestão firma especializada nos desafios enfrentados por *think tanks*, políticos, organizações internacionais e instituições filantrópicas. Estabelecido em 1989, a **McGann Associates tem o prazer de contar com muitos das principais instituições políticas, fundações e organizações internacionais no Estados Unidos e no exterior como seus clientes.**” (McGANN, 2007, grifo nosso)

O livro “*The Fifth Estate: Think Tanks, Public Policy, and Governance*” de McGann teve apoio da *Brookings Institution* e, seu ranking, serve de painel publicitário para estas entidades. Alguns centros de pesquisa europeus, como o *Center for Economic Studies* de Munique, fazem duras críticas ao ranking<sup>39</sup>. Existem fragilidades na sua execução, já que a medição de impacto, de influência, por si só, já é um desafio para os próprios *think tanks*, que conhecem de perto suas ações e as monitoram. O *ranqueamento* anual de aproximadamente seis mil *think tanks* espalhados pelo globo é uma empreitada quase impossível para qualquer centro de pesquisa. E esta inviabilidade é expressa nos erros vistos no ranking. Por exemplo, instituições com nomes duplicados, como o “*Centre for Contemporary International Relations* – CICIR, que consta na lista dos vinte e cinco *think tanks* mais influentes da China em 2008, no sétimo e oitavo lugar simultaneamente. A duplicidade de nomes é recorrente por vários motivos: a) pela língua, pois às vezes se escreve na língua de origem das entidades e se replica em inglês; b) porque são identificados por país de origem, mas alguns trazem a cidade na linha de *ranqueamento* e não o país, como na lista de 2009 algumas entidades tem ao lado Hong Kong, Dubai, Taiwan; e também c) porque alguns trazem a sigla ao lado e outros não, o que dificulta a revisão por quem produz o ranking. A forma de inscrição para o ranking é através de

---

<sup>38</sup> CINTRA, Marcos. Da reclamação à ação. Folha de São Paulo. 06/08/2007. Disponível em <http://marcoscintra.org/mc/reclamacao-acao-2/>. Acesso em 14/12/2015 às 10:11h.

<sup>39</sup> Ver em SEILER, Christian. WOHLRABE, Klaus. *A CRITIQUE OF THE 2009 GLOBAL “GO-TO THINK TANKS” RANKING*. CESifo DICE REPORT: Journal for institutional comparisons. Vol. 8. N.2. Munich: Ludwig-Maximilians University’s. Summer 2010.

formulário disponibilizado pelo *Lauder Institute* e é o próprio *think tank* que informa os impactos regionais que causa. Ou seja, se não fosse apenas o problema em si da parcialidade, a falta de rigor metodológico traz indícios de que o ranking tem mais de publicidade do que de pesquisa. Quais são os interesses deste tipo de publicidade é uma pergunta para outro tema de pesquisa, por hora, sabemos que há um obscurantismo que ronda as práticas dos *think tanks*, principalmente pela dificuldade de medição dos seus impactos<sup>40</sup>, ao mesmo tempo, é de interesse dessas organizações que resultados positivos e críveis deste impacto cheguem aos ouvidos dos seus doadores para dar continuidade à sua existência. É no mínimo problemático recorrer ao ranking para identificar as instituições mais influentes em políticas públicas no Brasil. Primeiro, pela tipologia (Anexo D) que McGann faz a partir do contexto estadunidense, segundo, como é possível ter ciência da influência dessas entidades no contexto brasileiro? A definição de James McGann para *think tanks* que inspirou 11,68% dos trabalhos brasileiros é:

Think tanks ou instituições de pesquisa, análise e envolvimento de políticas públicas são organizações que geram pesquisa orientada a políticas, análise, e conselhos sobre questões domésticas e internacionais, em um esforço para permitir formuladores de políticas e o público a tomar decisões informadas sobre questões de política. Think tanks podem ser afiliados a partidos políticos, governos, grupos de interesse ou empresas privadas ou constituídos como organizações não-governamentais independentes (ONGs). Essas instituições muitas vezes atuam como uma ponte entre o acadêmico e a formulação de políticas públicas, servindo ao interesse público como uma voz independente que traduz pesquisa aplicada e básica em uma linguagem e forma que é compreensível, confiável e acessível para os formuladores de políticas e público. Estruturados como corpos permanentes, em contraste com comissões ad hoc ou painéis de pesquisa, os think tanks dedicam uma porção substancial de seus recursos financeiros e humanos para comissionamento e publicação investigação e análise política nas ciências sociais: ciência política, economia, administração pública e assuntos internacionais. Os principais produtos dessas organizações são livros, monografias, relatórios, resumos, conferências, seminários, briefings e discussões informais com legisladores, funcionários do governo e principais interessados. (McGANN, 2007, P.6)

Sua definição contém 15 das 34 partes dos conceitos apresentados pelos pesquisadores brasileiros. Mesmo que somente 16 trabalhos tenham usado McGann diretamente para a definição, ele é “referência das nossas referências”, como Tatiana Teixeira e Juliana Hauck. É James McGann, sua equipe do *Lauder Institute* e os próprios *think tanks* apoiadores do ranking que pautam o debate sobre o que pode e o que não pode ser considerado um *think tank*. Importante salientar que, antes da obra de McGann tornar-se referência, a definição clássica era

---

<sup>40</sup> Ver artigo de Sarah Lucas, da Fundação Hewlett, que orienta sobre as seis maneiras que *Think Tanks* podem pensar para superar a angústia sobre as medidas de impacto. Disponível em <https://hewlett.org/6-ways-think-tanks-can-overcome-angst-about-impact/> Acessado em 26/08/2018 às 20:33hs.

de Kent Weaver que os entendia como entidade sem fins lucrativos. Na parceria que ambos fizeram, McGann passou a incluir organizações com fins de lucro, ou seja, empresas, entidades do segundo setor na definição (ABB, 2013). Esta preponderância de James McGann nas referências, por meio do seu ranking, nos faz pensar o papel primordial do intelectual na difusão dessas entidades, não só daqueles que as constituem, mas também dos que pretendem estudá-las.

Inovações nas técnicas de produção e nos meios de comunicação e transporte criam interesses na remoção dos obstáculos que impedem sua extensão ou (...) permitem a apropriação monopolizada dos ganhos que elas proporcionam. Mas as organizações internacionais não são forjadas por essas forças. Elas são obras conscientes de uma classe especial de agentes: os intelectuais, no sentido gramsciano do termo. (...) Em todo o processo, os intelectuais desempenham papel protagônico, articulando iniciativas dispersas, concebendo planos grandiosos, soldando alianças sociais requeridas para o encaminhamento destes e, nesse sentido, operando como "arquitetos" de novos "blocos históricos". (CRUZ, 2019, p.5)

Existem outros rankings, mas são regionais<sup>41</sup> ou com outro propósito, como o *Transparify* para elencar os *think tanks* mais transparentes. Enrique Mendizabal é o idealizador dele e é mencionado em seis trabalhos brasileiros, mas nenhum deles o usou como recurso para explicar o que é um *think tank*. Mendizabal criou um site<sup>42</sup> para cooptação de ideias em políticas públicas com a intenção de privilegiar as relações entre os países do hemisfério sul.

Dos sete mais citados temos duas brasileiras, e estas, usam os autores norte-americanos mais referenciados, obviamente devido a origem estadunidense dessas entidades. Uma delas é Tatiana Teixeira, no geral, a segunda mais citada. Seu livro com certeza se tornou uma referência nacional, mas seu trabalho está voltado para a compreensão dos *think tanks* norte-americanos e suas visões com relação ao Brasil e a política externa estadunidense. A outra é Denise Gros, sétima autora mais referenciada, ela pesquisa sobre neoliberalismo, o entendendo como movimento ideólogo internacional e sua influência no empresariado gaúcho da década de oitenta do século XX. Quem cita Gros, associa *think tank* com institutos liberais que tem por função disseminar socialmente os ideais da Sociedade *Mont Pèlerin*.

Diane Stone é a terceira referência mais usada para conceituar. A australiana se divide em trabalhos entre a Austrália e a Europa, é professora da Universidade de Camberra e Vice-

---

<sup>41</sup> Como "La financiación de ideas". Índice de transparencia financiera de los *think tanks* españoles (2016). Um observatório de *think tanks*.

<sup>42</sup> Site de parceria entre Enrique Mendizabal e Vanesa Weyrauch (uma das autoras referência nos trabalhos): [www.politicsandideas.org](http://www.politicsandideas.org) Acesso em 30/06/2019 às 13:46hs.

Presidente da Associação Internacional de Políticas Públicas. Foi membro de um *think tank* londrino por dez anos, prestou consultoria para o World Bank, para uma organização transnacional e foi diretora do primeiro programa de mestrado FP6 Marie Curie da Comissão Europeia<sup>43</sup> onde o tema central eram as políticas públicas em nível mundial. Junto com Paul Dickson (uma citação), é Diane Stone quem coloca a *RAND Corporation* como precursora dos *think tanks*. Ela também entende como atores políticos (*advocacy*) com expertise para influenciar governos e o debate público, mas, diferente de James McGann, enfatizando as entidades como sem fins lucrativos, e tem o entendimento de *think tanks* como instituições com reputação científica e locais propícios para o desenvolvimento criativo de soluções para os problemas que envolvem políticas públicas.

Tom Medvetz também é uma referência no assunto, sua análise bourdiesiana embasa os trabalhos que tentam abarcar toda a pluralidade dos *think tanks*. Para Medvetz, *think tanks* são entidades híbridas que se relacionam com vários campos distintos (relações com a academia, meio político, empresarial, mídia etc.) e de várias formas (lôcus criativo para solução de problemas, projetos sob encomenda, relações públicas na função de lobista, formação de quadros etc.). Quem usa Tom Medvetz menciona a dificuldade de conceituação e prioriza o entendimento dessas entidades através do seu contexto histórico e de atuação que varia de ambiente para ambiente. Medvetz e seu longo estudo sobre estas entidades, seria o primeiro a não fazer um conceito fechado, mas uma abordagem para o estudo dessas entidades, pois “os conceitos não são verdadeiros ou falsos; são mais ou menos úteis.” (EASTON, 1968, p.60)

O conceito de campo se torna útil aqui como um dispositivo de nível *meso* para direcionar um curso intermediário entre a abordagem *microorganizacional* que concede autonomia demais ao *think tank* e a abordagem macroestrutural que tende a reduzi-los a uma série de determinações abstratas. Minha proposição básica é que o espaço dos *think tanks* tem suas próprias leis específicas, agentes, convenções e assim por diante, mas também que sua estrutura espelha a do campo de poder no qual está embutida. O grau preciso de autonomia do campo – sua capacidade de isolar seus membros de forças e restrições externas – torna-se uma questão operativa, uma vez que a resposta determinará a proporção adequada de explicação "internalista" para "externalista". Mas podemos ver imediatamente que esta é uma questão empírica, não algo que pode ser derivado teoricamente. (MEDVETZ, 2008)

Assim, um *think tank* será caracterizado por sua própria constituição em determinado nível social, graus de atuação, estrutura e suas relações com os agentes internos e externos.

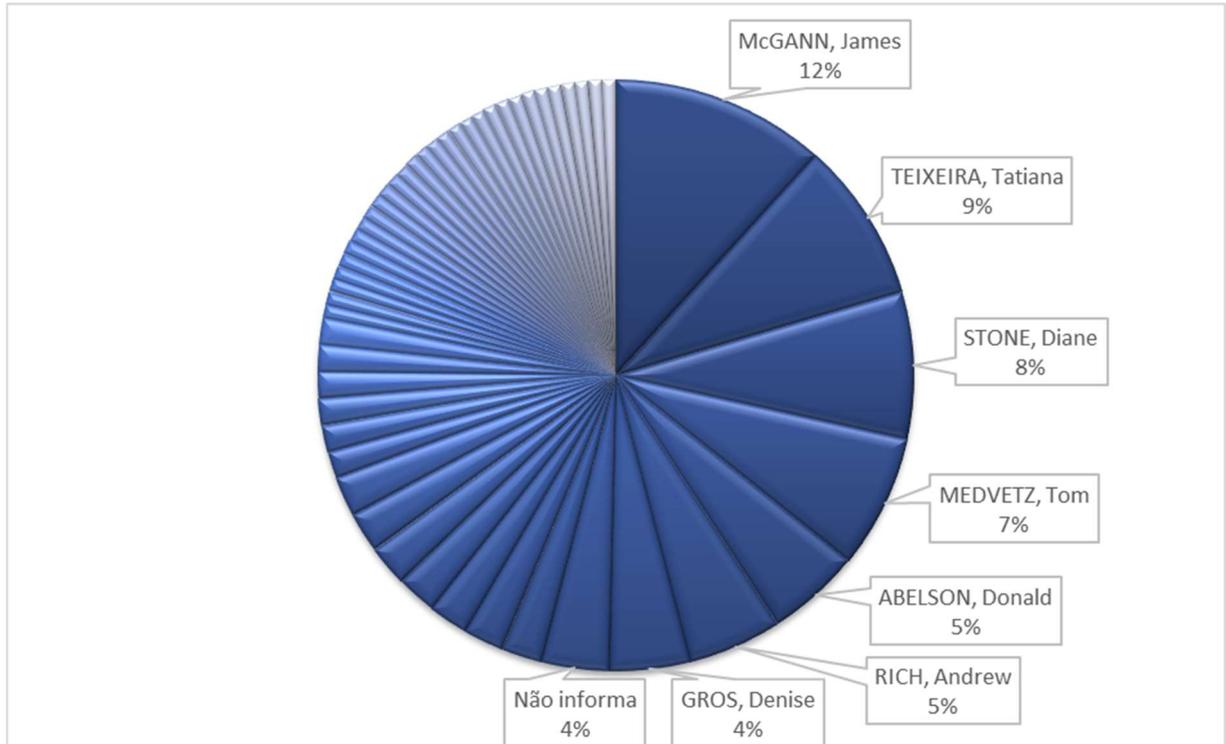
---

<sup>43</sup> Fonte Central European University. Disponível em [https://people.ceu.edu/diane\\_stone](https://people.ceu.edu/diane_stone). Acesso em 24/06/2019 às 00:06h.

Donald Abelson e Andrew Rich são outros autores citados. Ambos são professores de estudos políticos. Abelson do Canadá e Rich dos Estados Unidos. Seus artigos e alguns livros estão disponíveis gratuitamente na internet e isso é um ponto relevante para que cheguem a ser referências no assunto. Quem cita Abelson e Rich entende *think tanks* como instituições de pesquisa autônomas e independentes e, mesmo apostando numa grande influência dessas organizações no processo de políticas públicas, eram – há pouco tempo – extremamente discretas em suas atuações.

No geral, os mais citados para formular o conceito de *think tanks* foram:

Figura 6 – Autores mais usados como referência



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Apesar de trabalharmos os mais citados, esse resultado não é expressivo, pois as referências ficaram, de forma geral, muito pulverizadas. Dos 155 trabalhos, o mais citado, James McGann, teve apenas dezesseis menções na colocação do conceito. Tatiana Teixeira, Diane Stone e Tom Medvetz praticamente empatados (de 10 a 12) e logo, Donald Abelson, Andrew Rich e Denise Gros de seis a sete menções. Em cinco trabalhos não pudemos localizar quem era a referência para conceituar e depois temos quarenta e três autores referenciados uma, duas ou três vezes no máximo. Ou seja, praticamente um terço destes trabalhos não mostram suas referências ou mencionam alguém que não tem o estudo de *think tanks* como foco de sua carreira acadêmica. São estudiosos como Ianni, Bourdieu, Mattelart, Wallace, que mencionam o termo em algumas publicações e, como tem seus nomes solidificados nos estudos sociológicos, acabam sendo referenciados. Destes 43, 12 são brasileiros e os/as brasileiros/as mais citados, com três referências cada, são Eduardo Svartmann, que entende *think tanks* como grupos de interesse para *advocacy* e *lobby* e o trabalho conjunto de Camila Dias-Rigolin e Maria

Cristina Hayashi que propuseram um marco-analítico e metodológico para investigação de *think tanks*.

Assim exposto neste capítulo, não podemos concluir de fato que os trabalhos brasileiros elegeram um autor/autora ou um conjunto homogêneo deles para ser usado como referência nos trabalhos sobre *think tanks*, mas sabemos que algumas das maiores referências têm vinculações estreitas com estas entidades, no sentido de promovê-las.

#### 4 QUEM ESCREVE SOBRE THINK TANKS NO BRASIL?

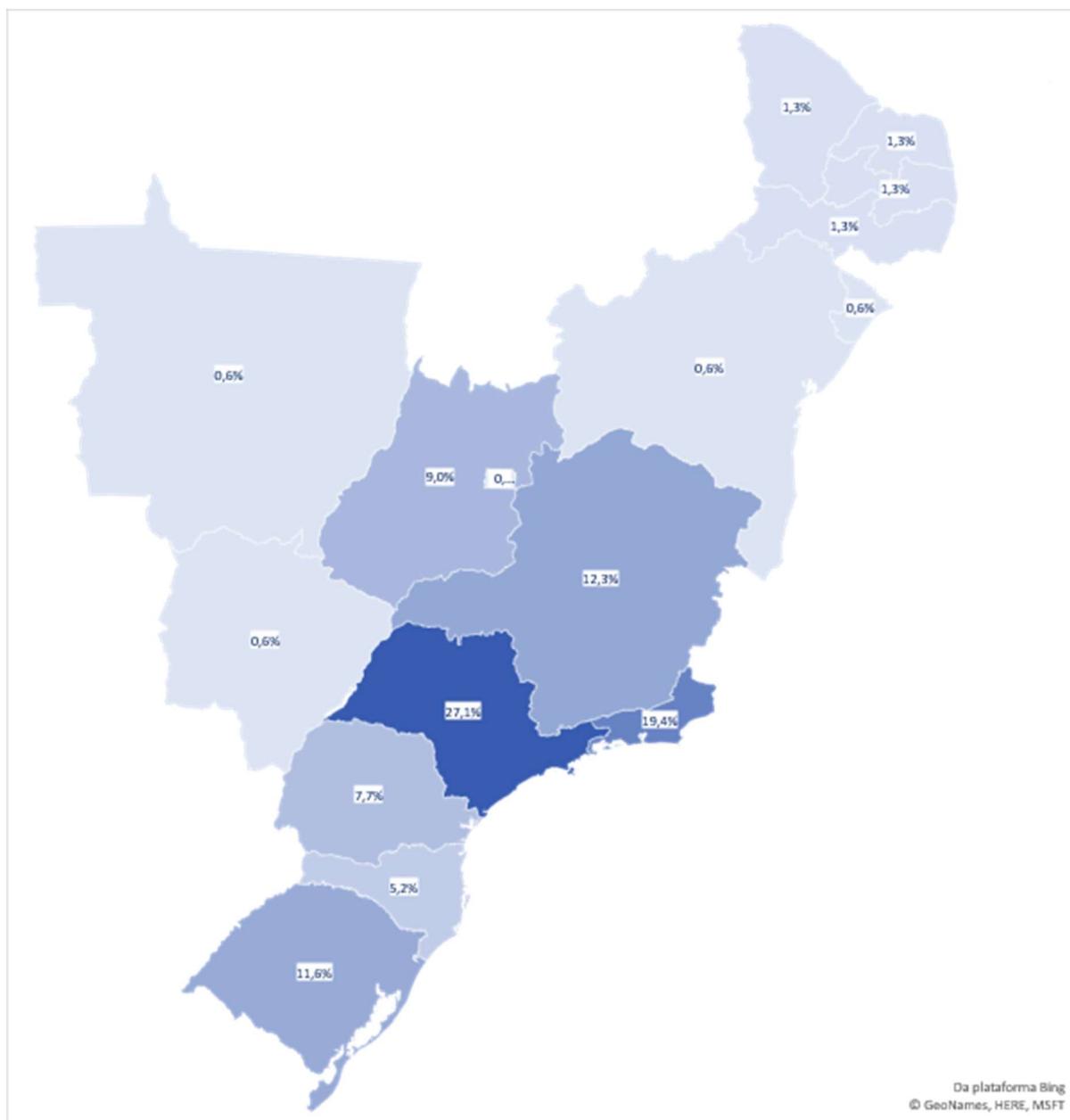
O objetivo deste capítulo é formar o perfil do acadêmico que se detém ao tema “*think tank*” no Brasil. Como já pontuado na metodologia, estamos cientes de que alguns trabalhos debruçados sobre as instituições brasileiras não serão tratados aqui por não utilizarem o termo “*think tank*”. Mas, é nossa intenção levantar questões sobre a “importação” deste termo para explicar nossas entidades ou as transnacionais que aqui se alojaram ou criaram modelos organizacionais aos moldes estadunidenses.

Nestes 155 trabalhos encontrados, obtivemos o total de 147 autores e autoras, sendo 125 tratados como autores/as principais, pois constavam primeiro no trabalho e outros 23 coautores e coautoras<sup>44</sup>. No Apêndice A consta a lista total onde pode ser observado que o tema não se concentra em um grupo de pesquisadores, é extremamente plural. As publicações, conforme podem ser vistas na figura 8, são mais frequentes nas regiões Sudeste, Centro-oeste (representado pelo DF) e Sul. Com a maior incidência de publicações (42) no Estado de São Paulo (considerando o local de publicação).

---

<sup>44</sup> Apenas a autora Luciana Wietchikoski tem trabalhos enquanto autora (sua tese) e coautora (artigo publicado em anais de congresso). Considerando a Luciana apenas como autora, ficam 125 autores/as + 22 coautores/as = 147 no total.

Figura 7 - Brasil. Publicações com o termo *think tank* – por unidade federativa (em %)

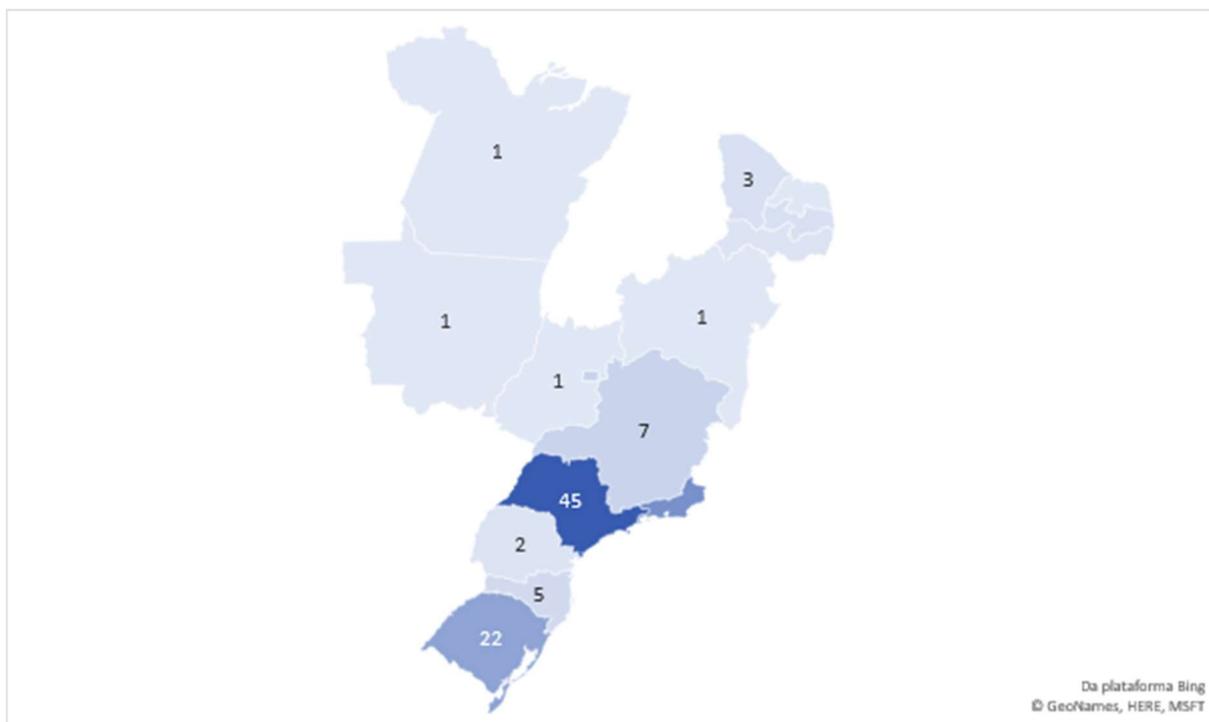


Fonte: produzido pela autora, 2019.

O mapa das Instituições aos quais os autores pertencem os concentra mais ao Sudeste e Sul do País. O Norte já aparece, mas apenas com um trabalho no Pará. Trata-se da Dissertação do ano de 2016 de Olavo Franco Caiuby Bernardes sobre os problemas imigratórios do mundo contemporâneo. Os mapas das regiões das publicações e das regiões dos autores/as (Figura 9)

são similares devido à grande quantidade de teses e dissertações<sup>45</sup>, porém, mesmo quando isolamos os artigos, o Sul e o Sudeste ainda são preponderantes.

Figura 8 – Brasil. Publicações com o termo *think tank* – Instituições dos autores – por unidade federativa



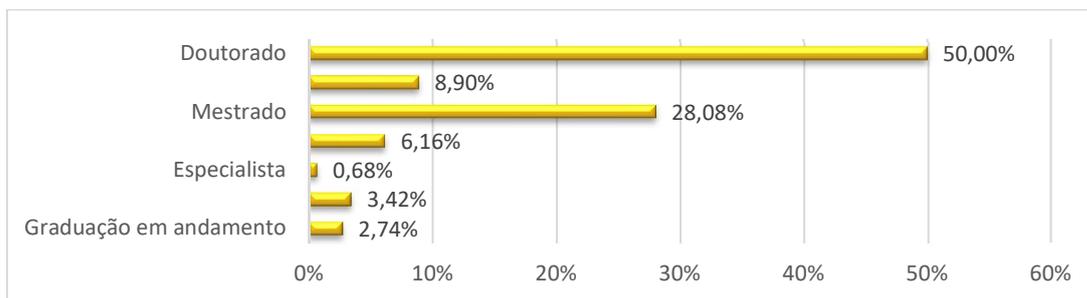
Fonte: produzido pela autora, 2019.

Exatamente metade dos trabalhos são de profissionais já doutores ou apresentando a tese de conclusão do doutorado<sup>46</sup>, conforme a figura 10 a seguir:

Figura 9 – Brasil. Publicações com o termo *think tank* – Formação dos autores/as no momento da publicação

<sup>45</sup> Pois desta forma, a Instituição de origem do autor é a mesma de onde ele está graduando no momento.

<sup>46</sup> As teses e dissertações publicadas foram consideradas como mestrado e doutorado já concluídos.

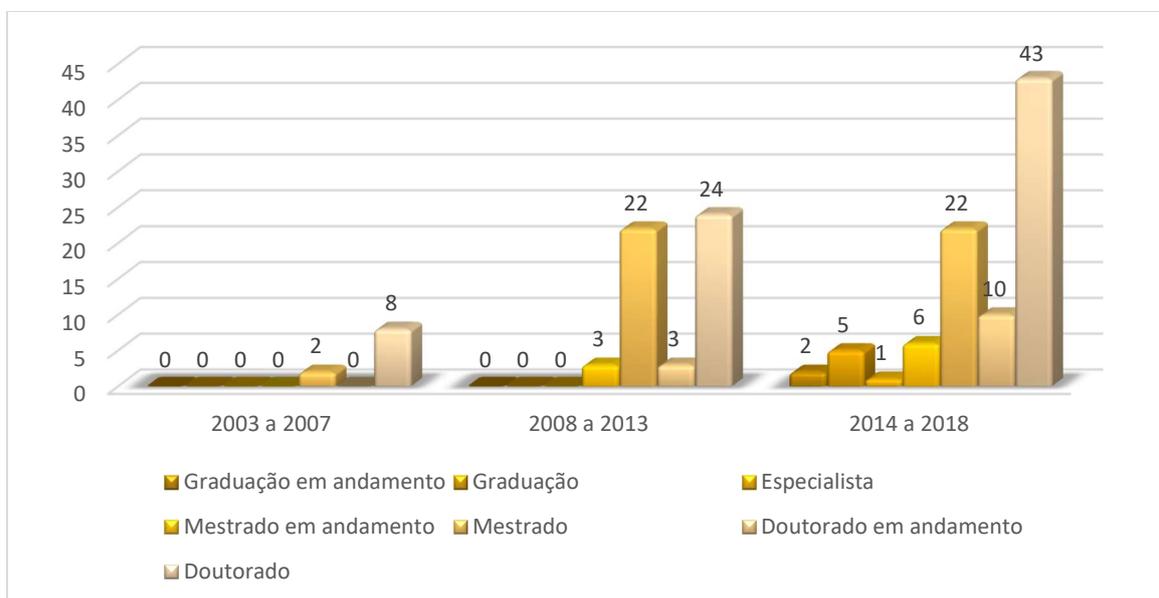


Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Pode-se concluir que os trabalhos sobre *think tanks* concentram-se nos profissionais pós-graduados e, de acordo com a relação “Grau de formação versus Período de publicação” da figura 11 e “Tipo de publicação versus Período de Publicação da figura 12, podemos observar que, diferente do que prevíamos, a quantidade de teses e dissertações é tão expressiva quanto a de artigos. No primeiro período (2003-2007) havia apenas mestres e doutores, os especialistas e graduandos só entram no terceiro período (2014-2018). A circulação do tema se dá efetivamente mais pelos artigos e trabalhos dos cursos de pós-graduação do que propriamente pela participação em Congressos.

Os trabalhos de estudantes de mestrado e doutorado começaram a apresentar o tema apenas no segundo período (2008-2013) e os trabalhos de graduação só surgiram no terceiro, de 2014 até 2018.

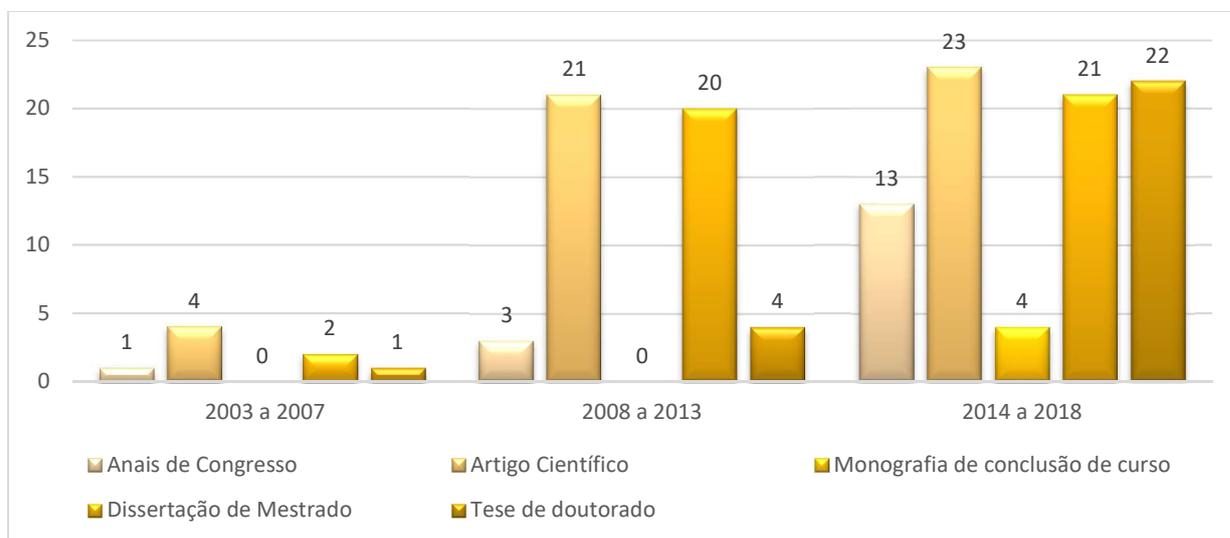
Figura 10 – Brasil. Publicações com o termo *think tank* – Formação dos autores/as por período



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

A implicação de doutores/as no segundo período se deu mais através de publicações de artigos do que em teses. A figura 12 mostra o tipo de publicações por período. Considerando que, no primeiro período não havia estudantes com mestrado ou doutorado em andamento, a grande incidência de artigos no segundo período, foram de profissionais com a pós-graduação completa, ou seja, que entraram em contato com o tema ou associaram o termo *think tank* aos seus objetos de estudo após a formação do curso. E, a quantidade de artigos do segundo período, pode ter influenciado a disseminação do termo para a expressiva quantidade de dissertações e teses do terceiro período. Outro dado curioso é a quantidade de artigos científicos (48 no total) ser quase a mesma quantidade de dissertações (43 no total).

Figura 11 – Brasil. Publicações com o termo *think tank* – Tipos de publicação por período.



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

A categorização por período (apurada post-facto) nos levou a identificar 3 fases das publicações:

a) 2003 a 2007 – Recepção do tema – Não contabilizamos os trabalhos de Dickson (1975) e Durand (1997) na recepção, pois citações destes trabalhos só ocorreram bem depois de 2003.

b) 2008 a 2013 – Fase dos Exponentes – Quando surgem os trabalhos de Denise Teixeira e Denise Gros, as brasileiras mais usadas como referência no assunto e com mais trabalhos publicados usando o termo.

c) 2014 a 2018 – Apogeu e possível início de declínio – A maior incidência de trabalhos foram nos anos de 2016 e 2017 e, levantamos como possível causa, além da expansão de *think tanks* feministas, como o “*Think Olga*”<sup>47</sup> foco de dois trabalhos, a grande presença do termo “*think tank*” na mídia<sup>48</sup> em 2015 (ano anterior ao apogeu) e em 2016 (ano do

<sup>47</sup> Think Olga! Disponível em <https://thinkolga.com/>. Acesso em 12/06/2019 às 20:47h.

<sup>48</sup> Na Folha de SP em 31/12/2016, disponível em

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1845953-grupos-vendem-direita-como-o-novo-avalia-professor.shtml>. Acesso em 12/06/2019 às 20:44h. No Jornal GGN de 20/12/2017, disponível

<https://jornalggm.com.br/analise/o-que-nao-entendemos-direito-ainda-sobre-2013/>. Acesso em 12/06/2019 às

20:46h. The Intercept em 09/08/2017, replicada pelo portal Brasil de Fato em 14 de agosto de 2017. disponível

em <https://theintercept.com/2017/08/09/atlas-network-alejandro-chafuen-libertarian-think-tank-latin-america-brazil/>. e <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/14/think-tanks-organizacoes-por-tras-da-guinada-da-direita-na-america-latina/>. Acesso em 12/06/2019 às 20:42h.

impeachment). Alguns artigos jornalísticos, ou ligavam *think tanks* estadunidenses conservadores aos movimentos de direita que mobilizaram manifestações em prol do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff no Brasil - principalmente a repercussão da reportagem “A Nova Roupas da Direita”, da Agência Pública publicada em 23 de junho de 2015<sup>49</sup> - ou vinham em defesa dos *think tanks*, como o artigo escrito por Rubens Barbosa, ex-embaixador brasileiro em Washington e presidente do Instituto<sup>50</sup>, *publicizando* no Estadão, o novo *think tank* “Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior – Irice”.

A Agência Brasil em abril de 2019 divulgou<sup>51</sup> o resultado da pesquisa sobre Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos – FASFIL do IBGE, onde demonstra queda no índice de instituições privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil com dados de 2016. Este tipo de organização brasileira responde por aproximadamente 5% das pessoas assalariadas no país. A economista Denise Guichard do IBGE, entrevistada pela reportagem, acusou como um dos fatores da redução dessas instituições<sup>52</sup>, a instabilidade econômica do período, já que este tipo de organização depende de financiamentos externos. O Sudeste e o Sul são as regiões com maior concentração deste tipo de entidade. Em 2016, as entidades religiosas representavam 35,09% do total, enquanto as de educação e pesquisa, 6,69%<sup>53</sup>. As mudanças no cenário político nacional certamente têm relação com esses dados e as respostas exclusivas em torno da economia podem não mais dar conta do fenômeno que agora ultrapassa outras esferas que os estudos acadêmicos brasileiros sobre instituições não estão se detendo. O crescimento dos *think tanks* nos EUA é, em parte explicado pelo aumento da credibilidade científica, que garantiu local social privilegiado e inquestionável. Sem contar, que o faturamento do terceiro setor nos Estados Unidos chega a ser maior que o PIB de uma grande economia mundial<sup>54</sup>. Porém, até mesmo nos Estados Unidos, estas entidades, ou parte delas, estão começando a ser vistas com desconfiança. As eleições de Donald Trump ligaram escândalos a entidades tradicionais norte-

---

<sup>49</sup> De Mariana Amaral, disponível em <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em 12/06/2019 às 20:51h.

<sup>50</sup> Estadão online de 22/03/2016. Disponível em <https://opinio.estadao.com.br/noticias/geral,novo-think-tank-em-sao-paulo,1000022535>. Acesso em 12/06/2019 às 20:57h.

<sup>51</sup> Agência Brasil, 05/04/2019. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-04/total-de-fundacoes-privadas-cai-14-no-pais-diz-pesquisa-do-ibge>. Acesso em 08/06/2019 às 01:17h

<sup>52</sup> GANDRA, Alana. Total de fundações privadas cai 14% no país, diz pesquisa do IBGE. Rio de Janeiro: Agência Brasil. 05/04/2019. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-04/total-de-fundacoes-privadas-cai-14-no-pais-diz-pesquisa-do-ibge>. Acesso em 08/06/2019 às 22:59h.

<sup>53</sup> Fonte: IBGE – Pesquisa FAFIL 2016. Arquivo disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/fasfil/tabelas>. Acesso em 08/06/2019 às 01:18h.

<sup>54</sup> Fonte: *Think Tank* GIFE. Disponível em <https://gife.org.br/terceiro-setor-nos-eua-e-comparavel-a-6a-economia-mundial/>. Acesso em 27/04/2019 21:24hs.

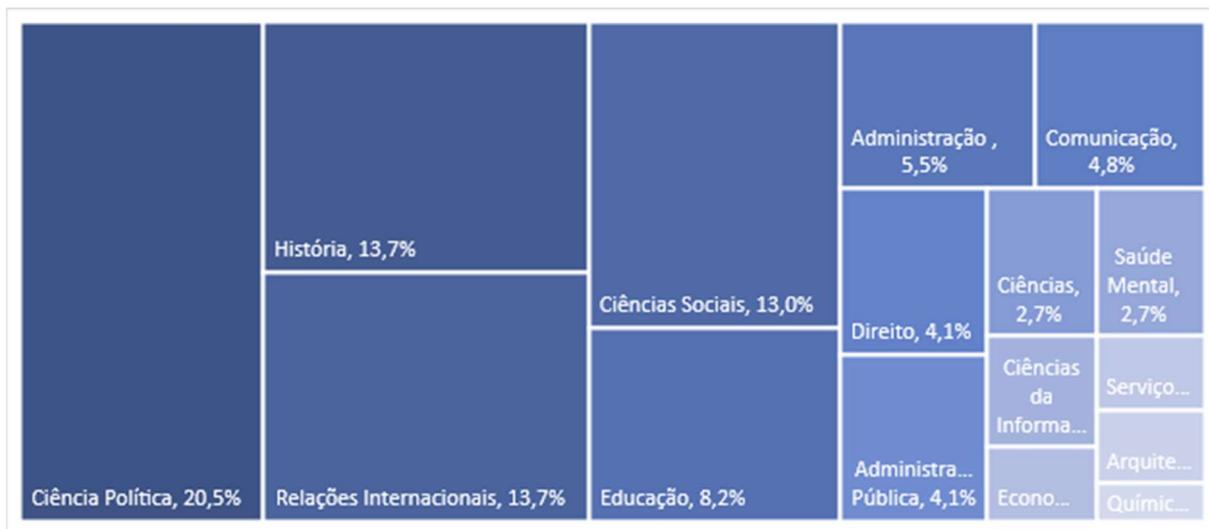
americanas. Neste momento, o *post-fact* (pós-verdade) esteve em alta no vocabulário da mídia internacional e, o país “da liberdade”, atualmente questiona a credibilidade dos seus reservatórios de ideias<sup>55</sup>. Isso incidiu até mesmo na criação de *fact tanks*, já catalogados por James McGann, Instituições que dizem não trabalhar com ideias, mas com fatos. Se o estadunidense faz a virada simbólica das ideias para os fatos, sem reagir contrário ao toque de marcha da ciência, no Brasil, as entidades religiosas – e isto é uma sugestão para posteriores investigações – podem estar modificando as estruturas de poder. No sentido de uma alteração de paradigma da credulidade das instituições científicas para a fé – literalmente – nas entidades de cunho religioso. É o exemplo de um cenário ainda obscuro e especulativo, mas que precisa, com certeza, ser explorado. É importante a caracterização e descrição de funcionalidade para efetuar uma classificação, como fez Junia Soares, bem como também é importante entendermos as origens deste tipo de instituição, como fez Tatiana Teixeira e, é imprescindível, não retirar do contexto o jogo de poderes no campo internacional e as trocas simbólicas com pesos diferentes na balança, como fez Denise Gros. Porém, neste novo cenário que se alinha, está em campo um novo jogo de poderes, com novas forças envolvidas e que está desenhando a possibilidade de uma completamente diferente taxonomia à brasileira.

Voltando ao perfil dos acadêmicos brasileiros, identificou-se que a Ciência Política e as Ciências Sociais, lideram a quantidade de estudos junto com as Relações Internacionais e História. Não foi identificado um conceito que tenha se destacado mais em uma área que na outra. Com exceção das áreas duras, que apontam *think tanks* como institutos de pesquisa criativos e independentes, as demais áreas apontaram como características principais as generalizações já apresentadas no capítulo 1 deste trabalho.

---

<sup>55</sup> Revista Economist, 29 de maio de 2019. Disponível em <https://amp.economist.com/open-future/2019/05/29/can-think-tanks-survive-a-post-fact-world>. Acesso em 08/06/2019 às 01:15h.

Figura 12 – Brasil. Publicações com o termo *think tank* – Áreas de formação profissional dos autores



Fonte: Produzida pela autora, 2019.

O Gráfico da figura 3 mostra que os trabalhos caminhavam juntos (em quantidade) até o segundo período, quando a ciência política praticamente cooptou o termo a partir de então, tornando-se majoritariamente a disciplina que utiliza o termo *think tank* e estuda estas entidades.

Figura 13 - Áreas de estudo mais presentes x período de publicação



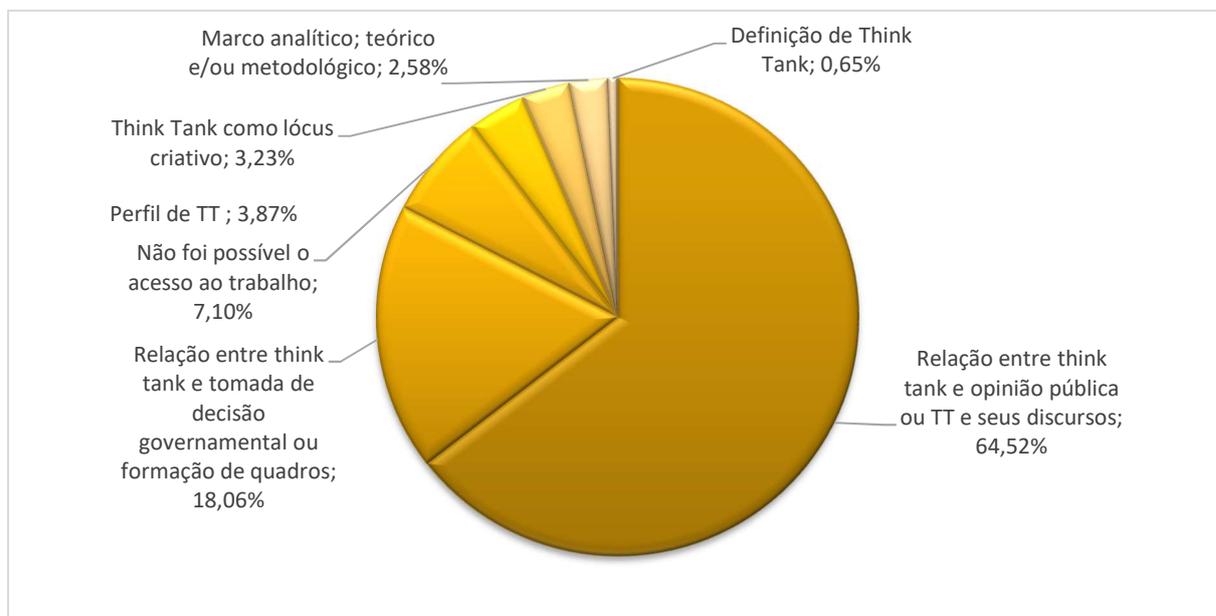
Fonte: Produzido pela autora, 2019.

A relação “Disciplina versus Instituição de origem do autor” é bem heterogênea. Não podemos dizer que há uma instituição predominante no estudo, mas podemos apontar o Estado de São Paulo como um lócus de estudos do tema. A maior incidência está, principalmente, na UNICAMP e na USP.



relação de *think tanks* com a opinião pública ou mencionarem seus discursos, quando tratados como agências *advocacy*. Representam 64,52% dos trabalhos.

Figura 16 – Brasil. Publicações com o termo *think tank* – Abordagem acerca do tema.



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Esta representação expressiva nos trabalhos para explorar as relações dos *think tanks* com a opinião pública, converge com os conceitos que os autores/as brasileiros/as apresentaram [Influência nos processos decisórios/Pauta o debate público]. Porém, conseguimos identificar, o que poderíamos chamar, de duas linhas de abordagens, e ambas, com foco nos processos decisórios. A primeira linha, chamamos de visão tecnicista, e a segunda, visão política.

#### 4.1 VISÃO TECNICISTA

A versão de que os *think tanks* são condição sine qua non do desenvolvimento social e tecnológico das nações considera que os agentes públicos, aqui entendidos como representantes eleitos ou servidores públicos, não dispõem de recurso científico suficiente que lhes auxilie na tomada de decisões. Os institutos de pesquisas preencheriam esta lacuna no funcionamento e prestação do serviço público. A visão aqui é de neutralidade científica na ação dos *think tanks*, que, vinculados ou não ao governo, estariam em busca das melhores respostas

e projetos para o desenvolvimento social. As eleições de Trump foram um marco para que a população dos Estados Unidos começasse a duvidar das intenções dos *think tanks* relacionados à administração pública, mas as instituições de pesquisa das “ciências duras”, mantém seu status positivista, de posicionamento neutro frente às questões políticas. Na visão tecnicista, mesmo quando se trata de *think tanks* politicamente orientados, eles trabalham para responder os interesses de toda a sociedade, a partir de um ponto de vista defendido. Não se trataria de interesses iminentes ao grupo diretor do *think tank* ou dos seus financiadores e estariam abertos ao debate público acerca das suas propostas, ouvindo o contraditório com o intuito de aprimorar seus projetos.

A visão tecnicista é herança da cultura política estadunidense, do positivismo behaviorista e da tendência de tentar consumir conceitos universais na ciência política, compreendendo a partir de uma só teoria, os mecanismos de funcionamento de toda uma sociedade. Como vimos no capítulo 1, David Easton foi um dos expoentes desse momento nos Estados Unidos, da virada da ciência política mais voltada à filosofia, para a ciência política nos laboratórios experimentais dos Institutos de pesquisa do comportamento. Para Easton, os grupos de pressão seriam os inputs do sistema político, estruturas necessárias e reguladoras de demandas, favorecendo o equilíbrio do sistema.

A aproximação da agenda da ciência política com a da economia e de outras especialidades disciplinares voltadas para a “gestão”, contribui para a formação dos novos consensos científicos sobre o papel da escolha das elites políticas e a reconstrução de instituições democráticas em países periféricos. (ENGELMANN, 2013, p.10)

O representante que identificamos para esta visão tecnicista foi James McGann, seguido de Diane Stone, Andrew Rich e Donald Abelson. Estes profissionais partem do princípio que, apesar de poder defender interesses dos grupos hegemônicos economicamente, estas entidades são fundamentais ao bom desenvolvimento social. As contribuições sociais durante o rápido crescimento tecnológico dos Estados Unidos, reforçam essa necessidade. As grandes fundações que surgiram com fins caritativos, e que por isso não pagam encargos ao governo, também contribuem para este ambiente de promoção e defesa destes institutos, pois conseguem se justificar socialmente.

Uma das razões para isto é que os Estados Unidos têm uma cultura cívica e filantrópica altamente desenvolvida e um conjunto de créditos e incentivos fiscais estaduais e federais que estimulam corporações e indivíduos a apoiar *think tanks* e outras organizações cívicas. Além disso, nenhum outro país tem um ambiente político que é capaz de suportar um número tão grande de

instituições. Claramente, alguns desses doadores estão buscando suas próprias agendas pessoais e políticas, mas muitos filantropos são guiados por auto-interesse esclarecido e um desejo de ajudar a melhorar as condições globais. (McGANN, 2007)

Toda a confiança e legitimidade que o povo estadunidense cede às instituições de pesquisa se pautam na crença de que a democracia possível está calcada na pluralidade de visões, que eles acreditam estarem representadas por estas entidades. McGann afirma que, algumas instituições conservadoras, por exemplo, estão abertas ao debate de ideias sobre os assuntos que já lhe parecem com posicionamento fechado. É possível imaginar que grandes ações políticas e/ou empresariais estão sempre abertas a alterações de seus planos frente à garantia de execução de um projeto. O espectro político dessas entidades se torna volúvel à uma série de fatores, desde seu posicionamento geográfico, passando pelo momento político e econômico até chegar às organizações e países que precisam se relacionar para manter seus projetos.

Gramsci e Polanyi, entre outros, enfatizaram as dimensões políticas do liberalismo econômico; é desnecessário insistir neste ponto. Mas, ao fazermos, eles tinham em vista, predominantemente, a política interna. Quando consideramos a questão sob o prisma das relações internacionais, o liberalismo econômico aparece em posição ambivalente. Em capitalismo periféricos, ele estará associado a orientações e tendências que favoreçam sistematicamente a busca de acomodação e de soluções de compromisso com os Estados capitalistas centrais. Nas potências hegemônicas, por sua vez, ele aparecerá em aliança com falcões e realistas, denunciando em conjunto o "idealismo" do "internacionalismo liberal". (CRUZ, 2019, p.9)

O limite de nossa escala para o máximo de visão tecnicista que um autor pode obter é caracterizá-las com “Atividades orientadas para o futuro”. Se fosse o gradiente político dos autores críticos aos posicionamentos “neutros” dos *think tanks*, este item seria o limite da outra visão, a política. Dickson, em 1975 já apontava os problemas decorrentes dos limites dessa visão

“Para começar, a nação não fez seu trabalho caseiro. Depressa se tornou aparente, à medida que os anos 60 iam passando, como se conhecia pouco, na realidade, a respeito do problema. Enquanto planejadores do Pentágono e os especialistas espaciais tinham toda a espécie de dados sofisticados nas pontas dos dedos, havia uma ignorância genuína, por outro lado, no que se refere aos verdadeiros problemas sociais.” (DICKSON, 1975, p. 234)

Os autores que defendem esse posicionamento tecnicista veem nas atividades futuras o projeto do bem-estar social que só pode ser oportunizado por uma ciência exata em dados, tratando de assuntos “desde palitos com sabor de canela até mísseis com ogivas atômicas” (DICKSON, 1975, p. 188). Foi com essa alcunha de projetar e idealizar o futuro que se deu o

crescimento dessas entidades e que também ganharam a confiança dos doadores para que pudessem cavar caminhos a serem escolhidos futuramente.

## 4.2 VISÃO POLÍTICA

Na visão política, *think tanks* estariam mais próximos de grupos de interesse. Seriam entidades constituídas por elites, não só acadêmicas, mas de todos os segmentos sociais, devido às práticas de *revolving door*. Seria a visão mais difundida no hemisfério sul, em reação ao legado de sua expansão histórica no contexto latinoamericano.

Alguns trabalhos fazem a identificação exata de *think tanks* com institutos liberais, outros já classificam institutos liberais como uma das possibilidades de classificação de um *think tank*.

O problema conceitual em tratá-los como institutos de pesquisa politicamente orientados é aceitar que, assim sendo, estaríamos pressupondo que existe algum instituto que não é. Atualmente, sabemos da existência de diversos *think tanks* reconhecidos dentro do espectro político à esquerda, (a considerar a situação latino-americana), como o *think tank* Olga, Clacso, Flacso e Unasul. Em determinados posicionamentos, até o *think tank* do BRICs e o IPEA podem ser considerados. É uma realidade ainda ignorada em muitos trabalhos a reação política de institutos frente às atuações de entidades tradicionais brasileiras no quesito afetação às políticas públicas. O último extrato do gradiente da visão política foi a categorização de que *think tanks* são entidades planejadas e coordenadas, que atuam desde o início do século XX, numa conjunção de esforços e de forma linear, a difundir na opinião pública os ideais da Sociedade *Mont Pèlerin*. Esta Sociedade é a alcunha do Congresso *Walter Lippmann*, iniciativa de Hayek e apoiada por *William Röpke* com o intento de reunir banqueiros e empresários para financiar o projeto a longo prazo de sensibilização da sociedade para pautas neoliberais. Tinha em seu quadro de participantes, figuras proeminentes do mundo acadêmico daquele período, como Karl Popper, Milton Friedman e Frank Knight da Escola de Chicago, Ludwig Von Mises da Escola de Viena de Economia e Lionel Robbins da London School of Economics. Denise

Gros é a representante desta visão nos trabalhos brasileiros e figura sozinha neste ponto do gradiente.<sup>56</sup>

O problema de entender os *think tanks* unilateralmente (conforme o gradiente) como entes permanentes de emanção do liberalismo, ou como centros conspiratórios ou de defesa cega aos interesses do capital, é perder parte do processo complexo de permeabilidade no tecido social nas quais estas entidades e representantes destas entidades ocupam. Por exemplo, a FGV foi senão a primeira, mas uma das primeiras universidades a proporcionar o curso de pós-graduação em lobby. Há um crescente debate sobre a regularização do lobby no Brasil. Há um processo em tramitação no congresso para isso e a atividade já consta no cadastro de ocupações do Ministério do Trabalho. Os autores Wagner Mancuso e Andreia Gozetto, publicaram um livro de introdução ao lobby, com histórico da atividade, conceito, lista de atividades dos lobistas, problemas éticos envolvidos etc. O lançamento do livro foi publicado em jornais. Andreia Gozetto faz palestra em órgãos públicos sobre lobby e é possível que o livro se torne uma referência no assunto, com o apoio de um grande *think tank*, editora do livro, chamado FGV. Através do livro da Professora Andreia - que leciona na FGV - o assunto vai percorrer alguns centros que podem impulsionar o tema, e é assim, que o assunto entra em pauta nos centros decisórios. Através de contatos formais e informais com o apoio destas entidades. Não é possível dizer que os professores estão sendo guiados pela entidade para a disseminação do assunto. É um tema de estudos políticos como outro qualquer. É um curso de especialização como outro qualquer. Independentemente de ser regularizada ou não, a atividade de lobista existe, então faz-se necessário discutir sobre esse ponto para que possamos entender os mecanismos que auxiliam nos processos decisórios. O fato de os professores concederem palestras a partir dos seus estudos é uma atividade completamente dentro do rol de afazeres do acadêmico, a divulgação do trabalho é essencialmente necessária, tanto para dar continuidade ao apoio à pesquisa, quanto para que se dê prosseguimento nas questões imbricadas. Daqui há alguns anos, alguém pode resumir, tentando fazer ligação direta dos fatos, de que o livro de Mancuso e Gozetto e seu engajamento no debate sobre lobby ajudou a FGV a impulsionar o apoio para a aprovação do projeto de lei 1202 de 2007 que disciplina a atividade de lobby. Porém, o que ajudou a pressionar o debate, foram em suma, atividades do cotidiano dos intelectuais e das entidades de pesquisa. É nessa nuvem de fumaça que permeia o campo

---

<sup>56</sup> Lembrando que, quando dizemos que figura sozinha, não significa que não houve outros autores/as, mas que não houve outros expoentes dessa modalidade. Pois, só foram inclusos no gradiente aqueles com mais de dois trabalhos.

acadêmico, midiático e político que operam os *think tanks* e, por enquanto, nenhuma metodologia conseguiu abarcar toda a complexidade dos fatores constitutivos destas entidades.

Não é mera coincidência o fato de que as áreas ou campos – no sentido bourdiesiano – tangenciados pelos *think tanks*, sejam as mesmas de formação dos autores do escopo dessa pesquisa.

O espaço acadêmico tem um peso fundamental na fusão entre o conhecimento e a definição de formas institucionais. Neste sentido, ao se propor como objeto de estudo o peso do conhecimento científico sobre as instituições como recurso para a definição do sentido de modelos, um dos caminhos, é procurar reconstruir os nexos entre a produção intelectual e o espaço do poder político. Em muitas abordagens, o conhecimento científico, ou a difusão de ideias é tratado como forma autônoma em relação ao espaço de poder. As redes transnacionais de experts, ideólogos e *think tanks* (entidades que produzem análise de cenários e dados) com influência em arenas decisórias governamentais não pode ser analisada apenas enquanto redes de conhecimento autônomas. A análise da produção e difusão de expertises em escala internacional pode ser apreendida como uma internacionalização das “guerras palacianas”. (ENGELMANN, 2013, p.6)

Devido a constituição híbrida destas entidades, tal qual a abordagem de Medvetz [parte centro acadêmico de pesquisa, parte agência tecnocrática, parte grupo de *advocacy*, parte empresa de *lobby* ou relações públicas etc], mesmo as entidades especialistas em um assunto, como política externa, por exemplo, precisam operar em, ou atravessar, diversos ambientes. Os trabalhos selecionados nesse estudo confirmam a similaridade entre as relações que um *think tank* precisa pautar e as áreas do conhecimento voltadas para o estudo de políticas públicas:

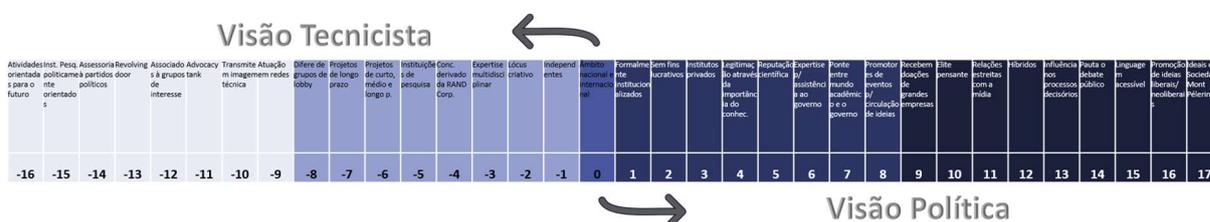
- Ciência Política, no que concerne às influências sobre o meio decisório através da expertise na aplicação de políticas públicas;
- Relações Internacionais, no que diz respeito de sua atuação internacional ou em redes internacionais;
- Comunicação, devido suas relações estreitas com a mídia e quando são entendidos como lócus criativo e germinador de ideias para posterior avanço de pautas nos *stakeholders* e opinião pública (comunicação de massa);
- Direito, no que diz respeito à constituição formal de suas organizações e suas relações com organismos internacionais;
- Administração e Políticas Públicas, já que as políticas públicas são seu objetivo último para alteração ou aplicação e questões relacionadas ao Estado e a Sociedade Civil.

O representante moderado da visão política é Tom Medvetz. Ele não propõe um conceito fechado, mas orienta uma abordagem a *think tanks*, precisa entendê-lo como um órgão em trânsito por vários campos sociais e, que inclusive, dependendo do contexto, pode transitar por todo o gradiente. Medvetz seria o mais próximo de abarcar essa complexidade. Os trabalhos brasileiros estão divididos nesse espectro entre as visões tecnicista e política, ou seja, a volatilidade dos *think tanks* também é expressa nessa tentativa de sua caracterização.

### 4.3 GRADIENTE CONCEITUAL

Para a representação desses valores, fizemos um escalonamento, de acordo com uma definição subjetiva do que seriam conceitos/valores mais próximos da visão tecnicista, contrapondo-os à visão política. Esses valores estão expostos na gradação de [-16] a [17] na lista que segue:

Figura 17 – Gradiente conceitual sobre os *think tanks*



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Para melhor visualização no quadro:

Quadro 4 – Plataformas digitais de busca

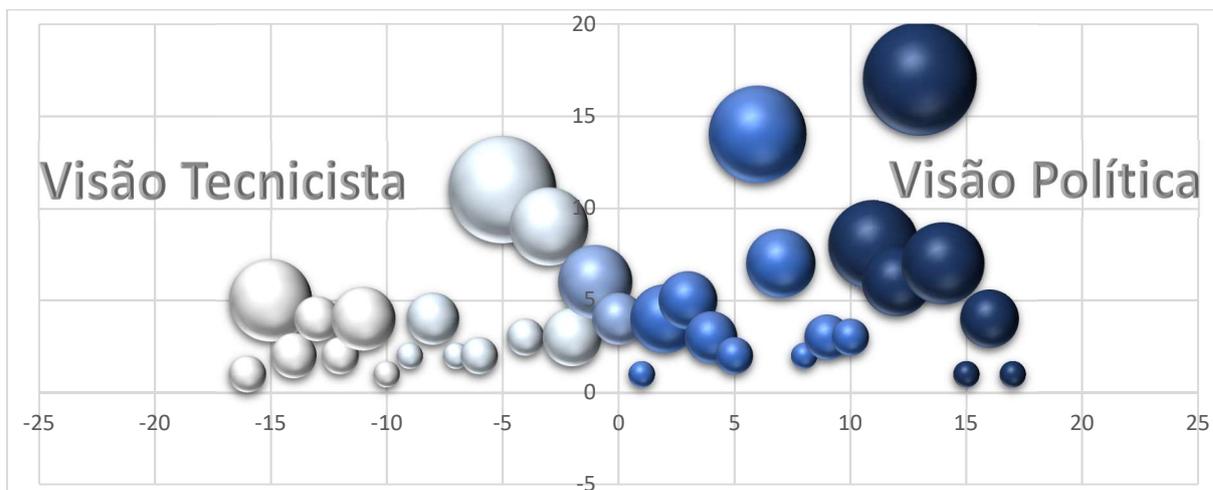
Atividades orientadas para o futuro	-16
Inst. Pesq. politicamente orientados	-15
Assessoria à partidos políticos	-14
<i>Revolving door</i>	-13
Associados à grupos de interesse	-12
<i>Advocacy tank</i>	-11
Transmitem imagem técnica	-10
Atuação em redes	-9
Difere de grupos de lobby	-8

Projetos de longo prazo	-7
Projetos de curto, médio e longo p.	-6
Instituições de pesquisa	-5
Conc. derivado da <i>RAND Corporation</i> .	-4
Expertise multidisciplinar	-3
Lócus criativo	-2
Independentes	-1
Âmbito nacional e internacional	0
Formalmente institucionalizados	1
Sem fins lucrativos	2
Institutos privados	3
Legitimação através da importância do conhec.	4
Reputação científica	5
Expertise p/ assistência ao governo	6
Ponte entre mundo acadêmico e o governo	7
Promotores de eventos p/ circulação de ideias	8
Recebem doações de grandes empresas	9
Elite pensante	10
Relações estreitas com a mídia	11
Híbridos	12
Influência nos processos decisórios	13
Pauta o debate público	14
Linguagem acessível	15
Promoção de ideias liberais/ neoliberais	16
Ideais da Sociedade <i>Mont Pélerin</i>	17

Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Os autores mais referenciados ou com a maior quantidade de trabalhos foram alocados nos pontos destes gradientes de acordo com o conceito de *think tanks* utilizados no seu trabalho. Da mesma forma, os autores que foram usados como referência também foram alocados conforme as definições que servem de parâmetros para os trabalhos brasileiros. Não foram considerados trabalhos com menos de duas menções (a menos que fosse o único a servir de exemplo naquele ponto do gradiente, como o trabalho de Thiago Moraes no gradiente [1] – Formalmente institucionalizado). Ele usa a definição, colocando ele mesmo como referência de trabalhos anteriores. Acabou ficando como expoente deste tópico. A planilha total está disponível desmembrada no Apêndice B. Para melhor visualização, os dados desta planilha foram formatados em um gráfico de dispersão na figura 18.

Figura 18 – Abordagem acerca dos *think tanks*



Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Na abscissa, quanto mais próximo ao zero, mais ao centro e plural são as características delimitadas. A visão tecnicista está exposta à esquerda e a visão política, à direita. As esferas maiores significam mais autores, entre os brasileiros e as referências nacionais e internacionais, que compartilham aquela classificação especialmente. Quanto mais acima no eixo da ordenada, mais autores sobre o tópico. A esfera maior à direita é a de quem define *think tanks* como influentes nos processos decisórios em políticas públicas. Nela estão todas as referências já citadas neste trabalho (McGann, Medvetz, Rich, Abelson, Teixeira, Gros...), nacionais e internacionais. Converte até quem compartilha da visão tecnicista. Pois, nesta visão, a técnica é sempre neutra, mesmo quando trabalha para fins orientados. A segunda maior esfera superior do lado direito é a expertise que fornece assistência ao governo, seguido de relações estreitas com a mídia.

Já do lado esquerdo, a maior esfera, ou seja, a maior concordância está próxima ao eixo zero da abscissa. É a convergência dos autores/as quando definem *think tanks* como Institutos de Pesquisa somente. Logo seguido de Pesquisa e expertise multidisciplinar.

Apesar dos brasileiros insistirem no ponto de que *think tanks* diferem de grupos de interesse (esfera ao centro do grupo à esquerda da ordenada), usam outras características que os definem como tal. Para Esparcia (2011), os grupos de interesse se identificam como:

- Capacidade para mobilizar seus membros;
- Energia e recursos disponíveis;
- Posição de imagem do grupo perante a sociedade;

- *A eficiência de sua organização interna;*
- *Possibilidade de acesso aos gestores públicos e/ou parlamentares;*
- *Adequação de seus interesses aos valores determinantes da sociedade.*

Todas estas características podem ser lidas sob a perspectiva das 34 partes dos conceitos que os autores/as brasileiros usaram em seus trabalhos. Por exemplo:

- *Capacidade para mobilizar seus membros = Relações estreitas com a mídia e formadores de opinião;*
- *Energia e recursos disponíveis = Recebem doações de grandes empresas;*
- *Posição de imagem do grupo perante a sociedade = Legitimação social a partir da importância que se dá ao conhecimento;*
- *A eficiência de sua organização interna = Institutos privados, institucionalmente formados;*
- *Possibilidade de acesso aos gestores públicos e/ou parlamentares = Prática de revolving door;*
- *Adequação de seus interesses aos valores determinantes da sociedade = Institutos de pesquisa politicamente orientados.*

Além disso, ainda em Esparcia (2011), estes grupos precisam ter antes de iniciar suas atividades:

- *Disposição passiva para a observação da elaboração das decisões = Planejamento para influência nos processos decisórios;*
- *Disposição ativa para a preparação de propostas = Projetos de curto, médio e longo prazo;*
- *Vocação apriorística para identificar decisões e ações futuras = Atividades voltadas para o futuro.*

Assim exposto, parece que estamos tratando das mesmas entidades, mas ainda há uma clivagem entre a bibliografia por quem trata sobre o tópico *think tank* e aquelas que falam de lobby, grupos de interesse e pressão e, principalmente, por quem trata sobre políticas públicas. Se a concordância geral é de que são institutos que influenciam decisivamente nas políticas públicas, a agenda desta disciplina deveria ter apresentado a maior parte dos trabalhos. Francisco Weffort já nos alertou: “As associações tendem a constituir-se não propriamente em

fonte de poder político, mas em mecanismo que ajuda a estabelecer as condições que o fazem mais eficiente.” (WEFFORT, 1978, p. 20) É preciso saber quais são os mecanismos e quais as condições brasileiras que abrem caminhos e fortalecem estas entidades.

A cooptação do assunto pela ciência política fez com que ficássemos no debate abstrato sobre os discursos dos *think tanks* e suas relações com a “opinião pública”, utilizando os catálogos estrangeiros para entendermos o funcionamento local.

O caminho por onde avançou a construção de uma ciência das instituições foi em muitos momentos o caminho contrário da busca da dimensão social do fenômeno institucional ou do estudo das formas institucionais como um fenômeno social. Por consequência, a produção desse conhecimento científico aproximou-se de uma agenda de temas estreitamente relacionada com a propagação de modelos. (ENGELMANN, 2013, p.5)

Nenhum trabalho foi encontrado em eventos direcionados ao debate de políticas públicas. E, existe no Brasil, diversas instituições que organizam seminários para atender esse nicho de pesquisa: UFFS, UFPR, UNISC, UFRGS, UESB, UFSM, ANPED e, inclusive, o Conselho Federal de Psicologia - CFP. Isso significa que, apesar de dizermos que *think tanks* são primordialmente instituições que influenciam políticas públicas, o estudo sobre os institutos de pesquisa que servem como referência para os centros decisórios, ainda não estão vinculados ao centro do debate acadêmico em políticas públicas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, apesar de termos, desde muito, instituições que se identificam com os conceitos apresentados nos estudos brasileiros sobre o que é um *think tank*, ainda não dispomos de um campo consolidado de conhecimento nesta área e que promova trocas. Os eventos acadêmicos sobre políticas públicas não trazem o assunto *think tank*. Da mesma forma, a bibliografia sobre lobby e grupos de pressão e de interesse foi apartada dos estudos dessas entidades. Os trabalhos usam os conceitos de James McGann, Diane Stone e Medvetz para entender suas entidades, mas não os põe em contradição com outros autores ou até mesmo com a realidade brasileira.

Assim como nossas referências se dividem em nacionais e internacionais, quase meio a meio, também nosso foco de estudo (enquanto brasileiros) está dividido entre organizações nacionais e internacionais. Quando pretendemos estudar ambas no mesmo trabalho, a classificação usada é a estrangeira. Considerando que boa parte da bibliografia estrangeira está voltada a *publicização* e promoção dessas entidades, podemos ponderar que, a consolidação dos estudos sobre *think tanks* nos Estados Unidos se deu através dos próprios *think tanks*. Assim como nos Estados Unidos os *think tanks* é que fazem estudos sobre si, aqui, temos o projeto do IPEA em mapear o impacto destes institutos no Brasil. Apenas instituições com esses recursos conseguiriam concluir um trabalho de tal monta. Como vimos nesta pesquisa, *think tanks* são instituições híbridas que tramitam em vários campos sociais e, para compreendê-las, faz-se necessário conhecimento multidisciplinar, ou seja, os mesmos recursos que os *think tanks* põe em funcionamento para promover influências nos centros decisórios. Esta característica citada é o consenso de definição de *think tank* nos trabalhos brasileiros, não apenas na linha de gradiente encontrada na visão tecnicista, como também na visão política. Apesar das diferenças entre ambas, onde a primeira defende a manutenção destas entidades para a manutenção de um ambiente democrático e a segunda, que estariam visceralmente ligadas à uma elite não apenas acadêmica, mas política, econômica e social, há concordância nos pontos mais emblemáticos.

Além da influência em políticas públicas e pressão nos centros decisórios, os trabalhos apontaram que os *think tanks* tem relação estreita com a mídia e desta forma pautam o debate público. Também são instituições de pesquisa com meta em projetos para o futuro e, assentados em uma contradição: apesar de serem apontados como diferentes de grupo lobistas, podem ser

associados à grupos de interesse ou atuarem como *advocacy tank*, na defesa de interesse não de um grupo, mas de toda a sociedade.

A caracterização da realidade brasileira, está calcada no referencial norte-americano, utilizado como um modelo ideal para construção de recursos metodológicos para enfrentar a dificuldade de análise.

Das duas autoras brasileiras que se tornaram referência no assunto, uma estuda os *think tanks* estadunidenses e a outra os *think tanks* de orientação neoliberal e sua atuação junto ao empresariado. A tipologia feita até o momento se encontra em um dos primeiros trabalhos sobre o tema, na área de administração, também respaldada pelos modelos de análise anglo-saxões.

O termo chega aqui deslocado de um conceito e, sendo o Brasil um país simpático às instalações de companhias estrangeiras, não conseguimos diferenciar o papel dos *think tanks* internacionais que atuam em redes pelo mundo, dos *think tanks* nacionais. Por recebermos um conceitual americanizado, acabamos não enquadrando na classificação os *think tanks* daqui a menos que a própria instituição se identifique como tal.

Não foram encontrados pontos de concentração, nas publicações, nas referências e nem nas universidades brasileiras. Os estudos são muito pulverizados, de diversas fontes, diversos autores/as. As duas convergências nas características gerais é a de que se concentram em São Paulo e que em sua maioria o público é constituído de doutores ou alunos em fase de doutoramento. Prova de que o resultado é eclético é a que as brasileiras que se tornaram referência não têm a origem no estado de São Paulo.

Também foi possível identificarmos que a maior área de concentração nos trabalhos é a Ciência Política, que pauta o debate e as fontes de referência dessa área para as demais.

## REFERÊNCIAS

ABB, Pascal. China's Foreign Policy Think Tanks: Changing Roles and Structural Conditions. Leibniz: **GIGA Research Unit** – Institute of Asian Studies, Janeiro de 2013.

ACUÑA, Carlos H. Enseñanzas, mitos y realidades de la coordinación entre la sociedad civil y el Estado en América Latina. Salvador: **XIV Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública**; 2009, p.27-30. Disponível em: <http://siare.clad.org/fulltext/0062618.pdf>. Acesso em 01/07/2017 21:28:47

ALBORNOZ, Luís A.; HERSCHMANN, Micael (Org.). Os observatórios ibero-americanos de informação, comunicação e cultura: balanço de uma breve trajetória. **E-compós**, Brasília, v. 7, p.2-20, 1 jan. 1970. Quadrimestral. E-compos. <http://dx.doi.org/10.30962/ec.102>. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/102>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

ALMANZA, Victoriano Garza. Tanques Pensantes. **Revista CULCyT**. Universidad Autónoma Ciudad Juárez. Ciudad Juárez: Jan-Fev, 2016. Ano 03. Nº12.

ANDRIONI, Fabio Sapragnas. Entre profecias e prognósticos: a trajetória histórica até a ciência do futuro em O Ano 2000. **XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza: ANPUH, 2009.

BOLAÑO, César. Indústria e Criatividade: Uma perspectiva latino-americana. **Cadernos do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2006. Ano 1. Nº1.

BOURDIEU, Pierre. “A opinião pública não existe”. In: THIOLENTE, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: Da Enciclopedia a Wikipedia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BUTLER, Judith. **The Question of Gender**: Joan W. Scott's Critical Feminism. Edited by Judith Butler and Elizabeth Weed. Indiana University Press. Bloomington: 2011.

CARDENOSA, Bruno. **El Gobierno Invisible**: Think Tank, los hilos que manejan el mundo. Madrid: Editora Espejo de Tinta, 2007.

COSTA, Kátia Miriam. Think Tanks no mundo globalizado. **Observare** - Observatório de Relações Exteriores. Universidade Autônoma de Lisboa. Revista Janus, 2017. Ed. A comunicação mundializada. Pg. 110 a 111.

CRESPO, Silvio. Os Donos do Mundo. **Revista Getúlio**. Rio de Janeiro: Editora FGV, Junho de 2008. Nº 10. Ano 2. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/getulio/issue/view/3391>. Acessado em 06/06/2018 às 23:16

DREIFUSS, René Armand. **A Internacional Capitalista: Estratégia e táticas do empresariado transnacional (1918-1986)**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1986.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

DURAND, Maria Rita G. L. Formação das elites político-administrativas no Brasil. Brasília: **Revista do Serviço Público**, 1997. Ano 48. Nº 2.

EASTON, David. **Uma Teoria de Análise Política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.11-62.

ENGELMANN, Fabiano Em torno do poder: ciência e instituições políticas In: SEIDL, E; GRILL, I. (Org.). **As Ciências Sociais e os espaços da Política**. 1ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013. pp. 75-101. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299485773>. Acesso em 07/07/2019 às 23:58hs.

ESPARCIA, Antonio Castilho. Novos cenários de participação política: análise das estratégias de comunicação dos grupos de pressão (lobbies). Traduzido do original espanhol por Pamela Pereira da Silva. Ano8. N.14. São Paulo: **Organicom**. USP. 1º semestre de 2011.

ESPARCIA, Antonio C. LOZANO, Emilia S. Lobbies y Think Tanks: Comunicación Política en la Red. Barcelona: **Editorial Gedisa**, 2017.

FARIAS, Alex Jobim. Difusão do Neoliberalismo na América Latina. **Revista Tensões Mundiais**. Pg.180. Observatório das Nacionalidades. Fortaleza, 30/08/2010.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. SGUISSARDI, Valdemar. Quantidade / Qualidade e Educação Superior. **Revista Educação em Questão**. v. 42. n. 28. Natal. 2012. p. 61-88.

FONTES, Virgínia. O capital-imperialismo: algumas características. **Revista Novos temas**. N.3. Revista do Instituto Caio Prado Jr. N.3 Salvador: Quarteto. São Paulo: ICP; junho de 2011.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 14ª ed. São Paulo, Nacional, 1976

GARCÉ, Adolfo. Gerardo Uña. (org.) **Think Tanks e Políticas Públicas en Latinoamérica: dinâmicas globales y realidades regionales**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

GRAÇA, Luís Felipe Guedes da. **O Governo do Estado e a Assembleia Legislativa: entre a submissão e os limites da independência**. 1ª ed. Curitiba: appris, 2016. p.15-56

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GROS, Dense Barbosa. **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2003

HAUCK, Juliana C. Rosa. **Think Tanks: quem são, como atuam e qual seu panorama de ação no Brasil**. Dissertação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

KUNTZ, Fred. Comunicações e métricas de impacto para think tank. **Center for International Governance Innovation**. 11 de julho de 2013. Disponível em <https://www.cigionline.org/articles/communications-and-impact-metrics-think-tanks>. Acesso em 06/06/2019 às 05:50h.

JULIANI, Jordan Paulesky. **Gestão Inteligente do Conhecimento**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

LIGUORI, Guido. VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. Verbetes: opinião pública

MATO, Daniel. Think Tanks, fundaciones y profesionales en la promoción de las ideas (neo)liberales en América Latina. Buenos Aires: **CLACSO**, 2007.

McGANN, James G. **Think Tanks and Policy Advice in the United States**: Academics, advisors and advocates. Routledge: New York, 2007.

MACHADO, Cristiani Vieira. Resenha de MARQUES, E. FARIA, C. A Política Pública como campo Multidisciplinar. São Paulo, Rio de Janeiro. Editora UNESP; Editora Fiocruz; 2013. Resenhas Book Reviews. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. 21(6). Rio de Janeiro; ABRASCO, 2016.

McGANN, James G. **Latin America Think Tank Summit Report**: Latin America in a Global Perspective. University of Pennsylvania, 2015. Disponível em <https://www.gotthinktank.com/summits/>. Acessado em 27/05/2018 às 17:01h.

McGANN, James G. **Global Go To Think Tanks 2008** Index Report. University of Pennsylvania, 2008. Disponível em <https://www.gotthinktank.com/global-goto-think-tank-index/>. Acessado em 27/05/2018 às 18:41h.

McGANN, James G. **Global Go To Think Tanks 2017** Index Report. University of Pennsylvania, 2017. Disponível em <https://www.gotthinktank.com/global-goto-think-tank-index/>. Acessado em 27/05/2018 às 18:45h.

McGANN, James. **Think Tanks And Policy Advice In The United States**: Academics, advisors and advocates. New York: Routledge, 2007.

MEDEIROS, Max G. do M. C. SILVA, Cosmo da. SIQUEIRA FILHO, Valdemar. O Poder Invisível: A Influência dos Think Tanks na opinião pública e decisões políticas no Brasil. **9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política (ALACIP)**. Montevideo, 2017.

MENDIZABAL, Enrique. What is a think tank? Defining the boundaries of the label. Artigo no site da organização **On Think Tanks**. Part 7: Think Tanks: Definitions and Terminology. Outubro de 2014. Disponível em: <https://onthinktanks.org/articles/what-is-a-think-tank-defining-the-boundaries-of-the-label/>. Acessado em 03/06/2018 às 18:26h.

MEDVETZ, Tom. Think Tanks as an Emergent Field. New York: **The social science research council**. October 2008.

MINELLA, Ary César. Construindo Hegemonia: democracia e livre mercado (atuação do NED e do CIPE na América Latina). **Caderno CRH**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, abril de 2009.

MINELLA, Ary César. **Grupos Financeiros Latino-Americanos no Século XXI**: perfil econômico e sociopolítico comparado. Projeto de Pesquisa. UFSC, Departamento de Sociologia e Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, março 2015 [Projeto com bolsa de produtividade do CNPq, processo num. 313611/2014-9].

MINELLA, Ary Cesar. **Think tanks e grupos financeiros na américa latina**. Projeto de pesquisa. Ufsc, departamento de sociologia e ciência política, programa de pós-graduação em sociologia política, florianópolis, março 2019.

OPSA – Observatório Político Sul-Americano. Temas de pesquisa: Organizações internacionais, com ênfase no sistema ONU. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP/UERJ, 2019. Disponível em <http://opsa.com.br/contato/>. Acesso em 09/07/2019 às 18:30hs.

PAES, José Eduardo Sabo. **Fundações e Entidades de Interesse Social**: Aspectos Jurídicos, administrativos, contábeis e tributários. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

RIGOLIN, Camila Dias. HAYASHI, Maria Cristina. Por dentro dos “reservatórios de ideias”: Uma agenda de pesquisa para os think tanks brasileiros. Rio de Janeiro: **Liinc em Revista**, v.8, n.1. 2012. p 20-33.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas: Conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 133p. ISBN 9788522110797.

SILVA, Cinthia Regina Campos Ricardo da. **Entre a Expertise e a Política**: Uma questão de escolha? O perfil da Comissão Europeia e o Empoderamento do Parlamento Europeu. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SILVA, Daniel Reis. **Relações Públicas, Ciência e Opinião**: Lógicas de influência na produção de (in)certezas. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade federal de minas gerais, 2017.

TEIXEIRA, Tatiana. **Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA**: a arte de pensar o impensável. 1ª edição. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

TEIXEIRA, Tatiana. Os BRICS na visão dos principais think tanks norte-americanos. **Revista Carta Internacional**. Publicação da Associação Brasileira de Relações Internacionais. Vol. 6. N. 2. Julho-dezembro de 2011. Pg. 132 a 145. Disponível em

<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/viewFile/43/27>. Acessado em 03/06/2018 às 19:23h.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.45-104.

WRIGHT, Charles R. **Comunicação de Massa**: Uma perspectiva sociológica. Tradução de Mary Akier. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968. p.11-82.

VICENTE, Maximiliano Martin. **História e Comunicação na Ordem Internacional**. Cap. A crise do Estado de bem estar social e a globalização: história da comunicação. Editora Cultura Acadêmica. UNESP. 2009. P. 123 a 146.

VIEIRA, Adriano. **Qualidade da Educação**: subsídios para a promoção de políticas públicas. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2008. Orientador: José Roberto Rus Perez. Disponível em [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252003/1/Vieira\\_Adriano\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252003/1/Vieira_Adriano_M.pdf) Acessado em 03 de junho de 2019 às 23:22h

**APÊNDICE A – AUTORES E COAUTORES DA PRODUÇÃO ACADÊMICA  
USANDO O TERMO THINK TANK EM PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS**

AUTORES

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| 01 AMUSQUIVAR, Érika Laurinda          | 30 DURAND, Maria Rita G. Loureiro |
| 02 ANDRIONI, Fabio Sapragnas           | 31 ELIAS, Miriam Luciana Freitas  |
| 03 ARANHA, Francisco Arantes           | 32 FARIA, Ana Lúcia Barbosa       |
| 04 ARAUJO, Francisco Barreto           | 33 FARIAS, Alex Jobim             |
| 05 ARAUJO, Jonathan Frade              | 34 FERREIRA, Solange Reis         |
| 06 AYERBE, Luis Fernando               | 35 FINGUERUT, Ariel               |
| 07 BAGGIO, Katia Gerab                 | 36 FONSECA, Francisco             |
| 08 BARBOSA, Jefferson Rodrigues        | 37 FONTOURA, Leandro Heitich      |
| 09 BARBOSA, Letícia Cristina Bizarro   | 38 FRANÇA, André Moraes           |
| 10 BASTOS, Remo Moreira Brito          | 39 FREITAS, Cristina Almeida de   |
| 11 BATISTA, Adriana Santos             | 40 FRIDERICHS, Lidiane Elizabete  |
| 12 BERNARDES, Olavo Franco Caiuby      | 41 GIMÉNEZ, Maria Julia           |
| 13 BERNARDI, Liane Maria               | 42 GIORGI, Guido Ignacio          |
| 14 BIRN, Anne-Emanuelle                | 43 GOMES, Ricardo Corrêa          |
| 15 BORTONE, Elaine de Almeida          | 44 GONCALVES, Daniel soares Mano  |
| 16 BRITO, Leonardo Leonidas de         | 45 GROS, Denise Barbosa           |
| 17 BUJDOSO, Yasmin Lilla Veronica      | 46 GUERRIEIRO, Lídice de Barros   |
| 18 CARDOSO, Evorah Lusci Costa         | 47 HAUCK, Juliana C. Rosa         |
| 19 CARLOS, Sara Dalpiaz                | 48 HEY, Ana Paula Belem           |
| 20 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros | 49 ITO, Rodrigo                   |
| 21 CHAVES, Miriam Waidenfeld           | 50 JAKOBSEN, Kjeld Aagaard        |
| 22 CRISTOFOLETTI, Evandro Cogo         | 51 KOBERSTEIN, Evandro Léo        |
| 23 CRUZ, Sebastiao Carlos Velasco e    | 52 KRAWCZYK, Nora Rut             |
| 24 DAL PAI, Raphael Almeida            | 53 LANCMAN, Selma                 |
| 25 DALL AGNOL, Augusto Cesar           | 54 LIMA FILHO, Nereu              |
| 26 DIAS, Gustavo                       | 55 LIMA, João Victor da Mota Uzer |
| 27 DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro       | 56 LIMA, Mariana Fonseca          |
| 28 DICKSON, Paul                       | 57 LIMA, Marlos Correia de        |
| 29 DOLES, Luiz Felipe Pereira          | 58 LUIZ, José Victor Regadas      |

- 59 MAGALHÃES, David Almstadter
- 60 MAIA, Tatyana de Amaral
- 61 MALACARNE, Robson
- 62 MALCHER, Beatriz Moreira da Gama
- 63 MARQUES, Rafael de Sá
- 64 MARTINS, Erika Moreira
- 65 MATTOS, Fernando Preusser de
- 66 MATTOS, Renan Alfenas de
- 67 MAXIMO, Jéssica Cristina Resende
- 68 MENDES, Flavio da
- 69 MENDEZ, Alvaro Gabriel Bianchi
- 70 MENEZES, Ivandro Pinto de
- 71 MIRANDA, Maria Concetta
- 72 MORAES, Thiago Aguiar de
- 73 MOREIRA JUNIOR, Hermes
- 74 NOGUEIRA, Rafael Pires
- 75 OLIVEIRA, André Silva de
- 76 OLIVEIRA, Marcel Carrijo de
- 77 ONOFRE, Gabriel da Fonseca
- 78 ONUKI, Janina
- 79 OSTERMANN, Fábio Maia
- 80 PASTORE, Bruna
- 81 PAULA, Andre Mendes Pereira de
- 82 PFANZ, Ludger
- 83 PINHEIRO, Ana Cláudia
- 84 PIVATTO Jr, Dilceu Roberto
- 85 POLITZER, Kurt
- 86 RAIMANN, Elizabeth Gottschalg
- 87 RAY, Subhasis
- 88 REIS, Eliana Tavares dos
- 89 RESIN, Carlos Alberto Sá
- 90 RIBEIRO. Ricardo Alaggio
- 91 RICARDO FILHO, Geraldo Sabino
- 92 ROCHA, Camila
- 93 ROSENBERG. Barbara
- 94 SANTORO, Maurício
- 95 SANTOS, Aline Pavan dos
- 96 SANTOS, Leonardo Moreira dos
- 97 SANTOS, Ricardo Oliveria dos
- 98 SANTOS. Pedro Alcocer
- 99 SAUERBRONN, Christiane
- 100 SECCHI, Leonardo
- 101 SILVA, Daniel Reis
- 102 SILVA, Igor Castellano da
- 103 SILVA, João Paulo Bernardo da
- 104 SILVA, Selma Cristina da
- 105 SILVEIRA, Luciana
- 106 SOARES, Junia Rosa
- 107 SOUSA, Rodrigo Farias de
- 108 SOUSA, Rodrigo Farias de
- 109 SOUZA, Jamerson Murillo A. de
- 110 SOUZA, Rafael Valentim de
- 111 SOUZA, Vanessa Cristine Zaccharias de
- 112 SPONHOLZ, Liriam
- 113 SVARTMAN, Eduardo Munhoz
- 114 TEIXEIRA, Ana Christina Celano
- 115 TEIXEIRA, Tatiana
- 116 TOMAZINI, Carla Guerra
- 117 VADELL, Javier
- 118 VELLOSO JUNIOR, Joelson
- 119 VIANNA, Marcelo
- 120 VIEIRA. Adriano
- 121 VOTH, Jeffrey Michael
- 122 WACQUANT, Loïc

123 WIETCHIKOSKI, Luciana

124 ZABOLOTSKY, Boris Perius

125 ZHENG, Ruichen

COAUTORES

- 01 ÁVILA, Rafael Oliveira de
- 02 BARROS, Juliana de Oliveira
- 03 BOROWSKY, Fabíola
- 04 BRUNSTEIN, Janette
- 05 CARDONE, Nicole Guimarães
- 06 CAVALHEIRO, Ricardo Alves
- 07 GONÇALVEZ, Rita Maria de Abreu
- 08 GRILL, Igor Gastal
- 09 HAYASHI, Maria Cristina P. Innocentini
- 10 HOFF, Natali Laise Zamboni
- 11 ITO, Letícia Elena
- 12 KUBRUSLY, Ricardo Silva
- 13 LEITE, Cristiane Kerches da Silva
- 14 LIDDLE, Joyce
- 15 MACHADO, Candice
- 16 MATEO, Luiza
- 17 MONTANO, Monique
- 18 SANCHEZ, Michelle Ratton
- 19 SERAFIM, Milena Pavan
- 20 SHAFFER, Gregory
- 21 SUSIN, Maria Otília
- 22 VALDÉS, Sandra
- 23 WIETCHIKOSKI, Luciana (autora em um trabalho e coautora em outro)



## APÊNDICE B – QUADRO GERAL “VISÃO TECNICISTA” + “VISÃO POLÍTICA”

### Visão Tecnicista



Atividades orientadas para o futuro	Inst. Pesq. politicamente orientados	Assessoria à partidos políticos	Revolving door	Associados à grupos de interesse	Advocacy tank
-16	-15	-14	-13	-12	-11
LIMA, Marlos Correia de. FGV	FRANÇA, André Morais. UFRGS	GROS, Denise Barbosa. FEE	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	FRANÇA, André Morais. UFRGS	DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro. UNICAMP
McGANN, James	LUIZ, José Victor Regadas. UERJ	LUIZ, José Victor Regadas. UERJ	PIVATTO Jr, Dilceu Roberto. UFRGS	ROCHA, Camila. USP	FRANÇA, André Morais. UFRGS
MATTELART, Armand	PIVATTO Jr, Dilceu Roberto. UFRGS	GROS, Denise Barbosa	TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	McGANN, James	PIVATTO Jr, Dilceu Roberto. UFRGS
	MEDVETZ, Tom	MEDVETZ, Tom	HAUCK, Juliana Cristina Rosa	STONE, Diane	SECCHI, Leonardo. UDESC
	TEIXIERA, Tatiana		Tatiana Teixeira		MATTOS, Fernando Preusser de. UFRGS
	MATTELART, Armand				DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro.
	STONE, Diane				MEDVETZ, Tom
	GROS, Denise Barbosa				TEIXIERA, Tatiana
					STONE, Diane
					McGANN, James
					SMITH, James Allen

## Visão Tecnicista



Transmitem imagem técnica	Atuação em redes	Difere de grupos de lobby	Projetos de longo prazo	Projetos de curto, médio e longo p.	Instituições de pesquisa
-10	-9	-8	-7	-6	-5
FRANÇA, André Morais. UFRGS	SANTOS, Leonardo Moreira dos. PUC-Rio	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	LIMA, Marlos Correia de. FGV	TEIXEIRA, Tatiana	DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro. UNICAMP
MEDVETZ, Tom	STONE, Diane	HEY, Ana Paula Belem. USP	VADELL, Javier. UNICAMP	MAGALHÃES, David Almstadter	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG
		MATTOS, Fernando Preusser de. UFRGS	TEIXEIRA, Tatiana	TEIXEIRA, Tatiana	LUIZ, José Victor Regadas. UERJ
		McGANN, James		RICH, Andrew	PIVATTO Jr. Dilceu Roberto. UFRGS
		MEDVETZ, Tom			TEIXEIRA, Tatiana. UERJ
		HAUCK, Juliana Cristina Rosa			ROCHA, Camila. USP
					SECCHI, Leonardo. UDESC
					SVARTMAN, Eduardo Munhoz. UFRGS
					MATTELART, Armand
					McGANN, James
					MEDVETZ, Tom
					LUIZ, José Victor Regadas
					HAUCK, Juliana Cristina Rosa
					TEIXEIRA, Tatiana
					DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro
					DENHAM, Andrew
					GROS, Denise Barbosa
					STONE, Diane
					ROCHA, Camila
					ABELSON, Donals
					SECCHI, Leonardo

## Visão Tecnista

Conc. derivado da RAND Corp.	Expertise multidisciplinar	Lócus criativo	Independentes	Âmbito nacional e internacional	Formalmente institucionalizados
-4	-3	-2	-1	0	1
MALACARNE, Robson. Mackenzie	DURAND, Maria Rita G. Loureiro. FGV	FRANÇA, André Morais. UFRGS	DURAND, Maria Rita G. Loureiro. FGV	TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	MORAES, Thiago Aguiar de. PUC-RS
MORAES, Thiago Aguiar de. PUC-RS	LUIZ, José Victor Regadas. UERJ	TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	FRANÇA, André Morais. UFRGS	MORAES, Thiago Aguiar de. PUC-RS
STONE, Diane	MALACARNE, Robson. Mackenzie	McGANN, James	LIMA, Marlos Correia de. FGV	MATTOS, Fernando Preusser de. UFRGS	
	SECCHI, Leonardo. UDESC	MEDVETZ, Tom	ROCHA, Camila. USP	MATTOS, Fernando Preusser de	
	TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	RICH, Andrew	SECCHI, Leonardo. UDESC	FRANÇA, André Morais	
	VADELL, Javier. UNICAMP	STONE, Diane	TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	TEIXEIRA, Tatiana	
	MATTELART, Armand	ABELSON, Donals	SECCHI, Leonardo		
	VADELL, Javier		McGANN, James		
	LUIZ, José Victor Regadas		DURAND, Maria Rita G. Loureiro		
	DURAND, Maria Rita G. Loureiro		DURAND, Maria Rita G. Loureiro		
	DICKSON, Paul		STONE, Diane		
	TEIXEIRA, Tatiana		TEIXEIRA, Tatiana		
	STONE, Diane		RICH, Andrew		
	ABELSON, Donals				



## Visão Política

Sem fins lucrativos	Institutos privados	Legitimação através da importância do conhec.	Reputação científica	Expertise p/ assistência ao governo	Ponte entre mundo acadêmico e o governo
---------------------	---------------------	---	----------------------	-------------------------------------	---

2	3	4	5	6	7
FRANÇA, André Morais. UFRGS	FRANÇA, André Morais. UFRGS	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	LIMA, Marlos Correia de. FGV	DURAND, Maria Rita G. Loureiro. FGV	DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro. UNICAMP
HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	GROS, Denise Barbosa. FEE	SECCHI, Leonardo	SECCHI, Leonardo. UDESC	FRANÇA, André Morais. UFRGS	DURAND, Maria Rita G. Loureiro. FGV
	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	ABELSON, Donald	GROS, Denise Barbosa. FEE	LUIZ, José Victor Regadas. UERJ
SVARTMAN, Eduardo Munhoz. UFRGS	TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	SECCHI, Leonardo. UDESC	STONE, Diane	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	ROCHA, Camila. USP
TEIXEIRA, Tatiana. UERJ	DENHAN, Andrew	RICH, Andrew		HEY, Ana Paula Belem. USP	SECCHI, Leonardo. UDESC
TEIXEIRA, Tatiana	GROS, Denise Barbosa	HAUCK, Juliana Cristina Rosa		HEY, Ana Paula Belem	SOARES, Junia Rosa. UDESC
RICH, Andrew	RICH, Andrew			LIMA, Marlos Correia de. FGV	VADELL, Javier. UNICAMP
McGANN, James				LUIZ, José Victor Regadas. UERJ	VADELL, Javier
STONE, Diane				TEIXEIRA, Tatiana	TEIXEIRA, Tatiana
ABELSON, Donald				MATTOS, Fernando Preusser de. UFRGS	McGANN, James
ACUÑA, Carlos				SVARTMAN, Eduardo Munhoz. UERJ	MEDVETZ, Tom
				VADELL, Javier. UNICAMP	DURAND, Maria Rita G. Loureiro
				McGANN, James	DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro.
				MEDVETZ, Tom	
				HAUCK, Juliana Cristina Rosa	
				GROS, Denise Barbosa	
				STONE, Diane	
				DURAND, Maria Rita G. Loureiro	
				RICH, Andrew	
				SOARES, Junia Rosa	
				ABELSON, Donald	



## Visão Política

Promotores de eventos p/ circulação de ideias	Recebem doações de grandes empresas	Elite pensante	Relações estreitas com a mídia	Híbridos	Influência nos processos decisórios
---	-------------------------------------	----------------	--------------------------------	----------	-------------------------------------

8	9	10	11	12	13
VADELL, Javier. UNICAMP	GROS, Denise Barbosa. FEE	MATTOS, Fernando Preusser de. UFRGS	VADELL, Javier. UNICAMP	FRANÇA, André Morais. UFRGS	DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro. UNICAMP
ABELSON, Donals	LIMA, Marlos Correia de. FGV	PIVATTO Jr, Dilceu Roberto. UERJ	FRANÇA, André Morais. UFRGS	GROS, Denise Barbosa. FEE	DURAND, Maria Rita G. Loureiro. FGV
	SVARTMAN, Eduardo Munhoz. UFRGS	SVARTMAN, Eduardo Munhoz	GROS, Denise Barbosa. FEE	LIMA, Marlos Correia de. FGV	FRANÇA, André Morais. UFRGS
	LIMA, Marlos Correia de	McGANN, James	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG	GROS, Denise Barbosa
	GROS, Denise Barbosa		HEY, Ana Paula Belem. USP	McGANN, James	HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG
	ABELSON, Donald		VADELL, Javier	MEDVETZ, Tom	HEY, Ana Paula Belem. USP
			SMITH, James Allen	HAUCK, Juliana Cristina Rosa	MATTOS, Fernando Preusser de. UFRGS
			McGANN, James	GROS, Denise Barbosa	LIMA, Marlos Correia de. FGV
			MEDVETZ, Tom	ABELSON, Donald	LUIZ, José Victor Regadas. UERJ
			HAUCK, Juliana Cristina Rosa		ROCHA, Camila. USP
			GROS, Denise Barbosa		PIVATTO Jr. Dilceu Roberto. UERJ
			RICH, Andrew		SECCHI, Leonardo. UDESC
					SVARTMAN, Eduardo Munhoz
					VADELL, Javier. UNICAMP
					TEIXEIRA, Tatiana. UERJ
					MEDVETZ, Tom
					DENHAM, Andrew
					GROS, Denise Barbosa
					STONE, Diane
					DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro
					DICKSON, Paul
					DURAND, Maria Rita G. Loureiro
					GROS, Denise Barbosa
					HAUCK, Juliana Cristina Rosa
					MATTOS, Fernando Preusser de
					McGANN, James
					RICH, Andrew
					VADELL, Javier
					TEIXEIRA, Tatiana
					ROCHA, Camila.
					ACUÑA, Carlos



## Visão Política

Pauta o debate público	Linguagem acessível	Promoção de ideias liberais/ neoliberais	Ideais da Sociedade Mont Pélerin
14	15	16	17

DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro. UNICAMP  
ROCHA, Camila. USP  
GROS, Denise Barbosa. FEE  
GROS, Denise Barbosa. FEE

HAUCK, Juliana Cristina Rosa. UFMG  
SECCHI, Leonardo. UDESC  
McGANN, James  
STONE, Diane  
GROS, Denise Barbosa  
GROS, Denise Barbosa

VADELL, Javier. UNICAMP

STONE, Diane

ROCHA, Camila

SVARTMAN, Eduardo Munhoz  
TEIXEIRA, Tatiana

VADELL, Javier

DIAS-RIGOLIN, Camila Carneiro  
HAUCK, Juliana Cristina Rosa

ACUÑA, Carlos



Esperando cerca de 3 mil cientistas, engenheiros e outros especialistas, o Balleste Memorial Institute, em Columbus, Ohio, é a maior organização particular de pesquisas no país.

### "Tanques de idéias" resolvem problemas

WASHINGTON, fevereiro — Governar uma nação como os Estados Unidos não é tarefa fácil. É dirigir uma indústria e um exército numa mesma casa, com milhões de pessoas vivendo em condições de pobreza, com um constante influxo de imigrantes e um nível de inflação que...

Do outro lado do oceano, o ex-presidente da Universidade de Chicago, Herbert A. Brown, presidente do Centro de Estudos de Problemas Sociais, considera que os problemas de governar os Estados Unidos são semelhantes aos de governar a União Soviética. O ex-presidente do Centro...

Um dos mais antigos grupos de pesquisa do Estado Unidos é o Brookings Institute, fundado em Washington, D. C. Fundado há 30 anos, este instituto estudia problemas econômicos, políticos e sociais. Algumas de suas pesquisas mais recentes são sobre o desenvolvimento econômico...

Outros são mais novos organizações de tanques de idéias: a RAND Corporation, fundada em 1946, e o Instituto de Estudos de Problemas Sociais, fundado em 1950. Ambos são organizações de pesquisa que trabalham em conjunto com o governo...

Atualmente, os tanques de idéias não estão em condições de produzir resultados tão rápidos quanto antes. Isso se deve ao fato de que muitos dos problemas que eles enfrentam são mais complexos e exigem mais tempo para serem resolvidos...

Com a indústria privada, os tanques de idéias também enfrentam dificuldades. Muitas vezes, as empresas não têm recursos suficientes para financiar pesquisas de longo prazo, o que limita a capacidade de inovação...

Com a indústria privada, os tanques de idéias também enfrentam dificuldades. Muitas vezes, as empresas não têm recursos suficientes para financiar pesquisas de longo prazo, o que limita a capacidade de inovação...

### Computador comanda o trafego de Londres

Um sistema de controle de tráfego aéreo baseado em computador foi instalado em Londres, permitindo o controle de milhares de voos diariamente. O sistema foi desenvolvido por especialistas em computação e é considerado um dos mais avançados do mundo...

Este sistema está em pleno funcionamento e já controla o tráfego de milhares de voos diariamente. O sistema foi desenvolvido por especialistas em computação e é considerado um dos mais avançados do mundo...

### TV em circuito fechado

Exposições e eventos de televisão em circuito fechado estão sendo utilizados para transmitir informações importantes para o público. Isso inclui notícias, relatórios de campo e programas educativos...

### Plástico mais duro que ebanho

Um novo tipo de plástico, desenvolvido por pesquisadores em materiais, é mais resistente e durável do que o ebanho. Este material pode ser usado em uma variedade de aplicações industriais e domésticas...

### Janelas sob o controle de botões

Novas janelas inteligentes, equipadas com sensores e sistemas de controle remoto, permitem que os usuários ajustem a temperatura e a iluminação de seus ambientes com facilidade. Isso melhora o conforto e a eficiência energética...

### NEGOCIOS DE OCASIO

Comprovo TV usada, Diários de Uima, e outros itens disponíveis para venda. Os preços são muito baixos e a qualidade é excelente. Não perca esta oportunidade de adquirir produtos de primeira mão...

### CONTAS DE LUZ E FORÇA

Procura de novos valores para contas de luz e força. Os preços estão muito altos e precisamos encontrar alternativas mais econômicas. Estamos buscando soluções inovadoras para reduzir os custos...

### ARIGÓ - 92-0854

RAPIDO LUXO CONGONHAS LTDA. (EX-EXPRESSO SANTA ELISIA). Avise aos interessados em consultar com José Arigó, em Congonhas do Campo (MO), Lida e volta, às 2.30, 5.30 e domingos. Informações tel. 92-0854 ou no local, Rua Bresser, 1.330-21.

### TELAS METÁLICAS BRONZINA LTDA.

Em todas as telas, tintas e extras finais. É um produto de alta qualidade, resistente e durável. Ideal para uso em ambientes industriais e comerciais. Solicite o catálogo.

UM FESTIVAL DE MULHERES BONITAS alta tensão! SUPERBELDADES. CINEMASCOPE SUPERCOLORIDO. HOJE. S. TROPEZ. AUREA.

AGRADECIMOS AOS ILUSTRES EXIBIDORES QUE GENTILMENTE PRONTOFICARAM-SE A LANÇAR ESTE FILME SIMULTANEAMENTE COM A CAPITAL DE SÃO PAULO, POSSIBILITANDO ASSIM UM ACONTECIMENTO INÉDITO NA HISTÓRIA DA CINEMATOGRAFIA!

### IMPLACVEL! VOLENTO! REALISTA! Como vencer um O MATADOR

HOJE MARABÁ REPÚBLICA. O MATADOR. HOJE MARABÁ REPÚBLICA. O MATADOR. HOJE MARABÁ REPÚBLICA. O MATADOR.

ANUNCIE HOJE E PAGUE DEPOIS BASTA TELEFONAR 52-7903

SERVIÇOS ESPECIALIZADOS CURSOS - PROFESSORES. PES DE MESA FORMICAS. ESCOLA ESPECIALISTAS AERONAUTICA.

TOURING CLUB DO BRASIL BOLETIM INFORMATIVO. CONSORCIO DE AUTOMOVEIS.

CONSORCIO DE AUTOMOVEIS. mínimo de dois carros por mês. um por sorteio, os demais por lance.

CARROS ROUBADOS DURANTE A SEMANA. Serviço de Utilidade Pública.

Table with columns: Marca, Ano, Cor, Valor. Lists stolen cars and their details.

caderno

FOLHA DE SÃO PAULO

Domingo, 14 de junho de 1970

ABECIP expõe poupança e empréstimo em S. Paulo

Para debater com jornalistas da área econômica o programa do III Encontro Nacional das Unidades do Crédito Incobrador e Poupança, estará amanhã em São Paulo o sr. Milton Moreira Velloso, presidente da ABECIP, entidade que congrega as instituições que operam na área do sistema brasileiro de poupança e empréstimo, um dos grandes setores do Plano Nacional de Habitação.

O sr. Milton Moreira Velloso receberá os jornalistas para um almoço amigável de confraternização no Nacional Club. Nesta oportunidade, estará acompanhado dos diretores da ABECIP em São Paulo, srs. Antônio Passos de Barros Neto, Rafael Coimbra, Egídio Pinheiro, Armando Escobar e representantes da Caixa Econômica Federal de São Paulo, principal agente financeiro do BHN.

A mesa, o presidente da ABECIP e demais diretores da entidade participando, a partir das 12h30, do programa "A Multiplicação do Dinheiro", organizado e apresentado por Joelmir Beting na TV-Cadete, Canal 11.

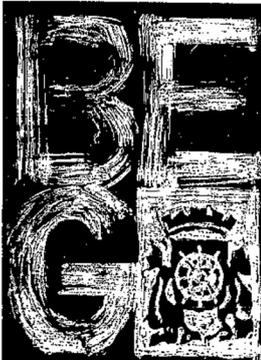
Nessa oportunidade, discutiremos sobre os principais temas a serem tratados no

Escalada de um banco comercial que acredita na racionalização

O Banco do Estado de Guanabara realizou ontem 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento". Para o sr. Alberto Vieira, diretor de Habitação do BBE, o crescimento do banco comercial em 1970 foi de 100 por cento.

Para o sr. Milton Velloso, presidente da ABECIP, o crescimento do sistema brasileiro de poupança e empréstimo em 1970 foi de 100 por cento.

De um banco de Habitação, o BBE passou a ser um banco comercial, com depósitos em 1970 de 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".



Logo do relatório anual do BBE, certamente, o mais arrojado projeto de área gráfica em matéria de relatórios de empresas. O desenvolvimento interno da publicação, órgão de cores, inovou no encadernação, nas linhas e sobre o novo estylo de que chegou a indústria gráfica no País.

Esses têm sido os maiores motivos de crescimento do BBE, que em 1970 atingiu o índice de 100 por cento em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O problema do BBE é de natureza financeira, mas também de natureza administrativa. O crescimento do banco comercial em 1970 foi de 100 por cento.

Os depósitos em 1970 foram de 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O crescimento do BBE em 1970 foi de 100 por cento, com depósitos em 1970 de 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O BBE em 1970 atingiu o índice de 100 por cento em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O crescimento do BBE em 1970 foi de 100 por cento, com depósitos em 1970 de 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O BBE em 1970 atingiu o índice de 100 por cento em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O crescimento do BBE em 1970 foi de 100 por cento, com depósitos em 1970 de 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O BBE em 1970 atingiu o índice de 100 por cento em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O crescimento do BBE em 1970 foi de 100 por cento, com depósitos em 1970 de 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O BBE em 1970 atingiu o índice de 100 por cento em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O crescimento do BBE em 1970 foi de 100 por cento, com depósitos em 1970 de 415 mil cruzeiros em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

O BBE em 1970 atingiu o índice de 100 por cento em depósitos em 1969, mais de 100 milhões em depósitos em 1970 com uma taxa de crescimento de "pouco mais de 100 por cento".

NOTAS ECONOMICAS Joelmir Beting

A era tectônica

A tecnologia no lugar da ideologia. A economia no lugar da política. A ação do homem no lugar da natureza. O mercado comum no lugar do mercado interno. A empresa no lugar do quartel. O prêmio no lugar do salário. A patente da fabricação no lugar do mapa da campanha. O estorço coletivo no lugar do orgulho nacional inconsequente. Assim será a "era tectônica" para a qual estamos caminhando com a mesma determinação com que o rio avança para o mar. A tese é de um educador da Universidade de Columbia e conselheiro pessoal de Hubert Humphrey, o professor Zbigniew Brzezinski, em seu livro "The Great Powers: The New Superpowers of the World".

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

Brzezinski nos alerta e finaliza, e conclui a tese pelo mesmo propósito de facilitar o diálogo de ideias. O conceito de "era tectônica" é o mesmo que o de "era tectônica" em geologia, que quer dizer a mudança de uma situação para outra, a mudança de uma situação para outra.

COFIBENS
Linha de crédito especial
de R\$ 2.000,00
de R\$ 100,00 a R\$ 200,00
de R\$ 100,00 a R\$ 200,00
de R\$ 100,00 a R\$ 200,00

FINVAPSA
Linha de crédito especial
de R\$ 2.000,00
de R\$ 100,00 a R\$ 200,00
de R\$ 100,00 a R\$ 200,00

SIMPLEX - AUDITORIA, PLANEJAMENTO E PROJETOS LTDA.
Rua Marquês de São Carlos, 111, 11º andar
Tel. 3041-1111

PROGRESSO S/A
Corretora de Letras e Títulos
Rua Marquês de São Carlos, 111, 11º andar
Tel. 3041-1111

SUDAM - INCENTIVOS FISCAIS
Para projetos de desenvolvimento econômico e social
em áreas de desenvolvimento econômico e social

GANHE AS CUSTAS DO IMPOSTO DE RENDA SUDAM
Aplicando em:
BANCO MERCANTIL DE DESCONTOS S.A.

LETRA IMOBILIÁRIA
Linha de crédito especial
de R\$ 2.000,00
de R\$ 100,00 a R\$ 200,00
de R\$ 100,00 a R\$ 200,00

Os depósitos
Manutenção e regularização
de depósitos em nome de terceiros

COMPANHIA PALLISTA DE FERTILIZANTES
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

OPAS
SOCIIDADE DE CAPITAL ABERTO
GENEC - R - 69/4330 - CGC-61.087.212

AVISO AOS ACIONISTAS
Comunicamos aos Senhores Acionistas que:

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

Preocupada eletronicamente, sua expansão em áreas cooperativas e seguradoras, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica, a qualificação de aproximadamente 20 mil técnicos em eletrônica.

## ANEXO C – ORIENTAÇÃO POLÍTICA E FILOSÓFICA DOS *THINK TANKS*

*Table 3.5* Political and philosophical organization of US think tanks

<i>Conservative</i>	
American Enterprise Institute	Hudson Institute
Competitive Enterprise Institute	Manhattan Institute
Family Research Council	National Center for Policy Analysis
Heritage Foundation	Progress and Freedom Foundation
Hoover Institution	
<i>Libertarian</i>	
Cato Institute	Reason Foundation
<i>Center-Right</i>	
Center for Strategic and International Studies	Washington Institute for Near East Policy
Milken Institute	
<i>Centrist</i>	
Baker Institute	National Bureau of Economic Research
Council on Foreign Relations	Public Policy Institute of California
Economic Strategy Institute	RAND Corporation
Freedom Forum	Resources for the Future
Institute for International Economics	
<i>Center-Left</i>	
Brookings Institution	New America Foundation
Carnegie Endowment for International Peace	Progressive Policy Institute
Carter Center	Urban Institute
<i>Progressive/Liberal</i>	
Center for American Progress	Economic Policy Institute
Center for Defense Information	Institute for Policy Studies
Center for Public Integrity	Joint Center for Political and Economic Studies
Center on Budget and Policy Priorities	Justice Policy Institute
Citizens for Tax Justice	Worldwatch Institute

Fonte: McGANN, 2007, p. 25

## ANEXO D – [IN]DEPENDÊNCIA E AFILIAÇÃO DOS *THINK TANKS*

*Table 3.3* Comparative characteristics of independent and affiliated think tanks

<i>Type of think tank</i>	<i>Culture</i>	<i>Objective</i>	<i>Limitations</i>	<i>Interest served</i>	<i>Example institutions</i>
<i>Academic</i> “university without students”	Scholarly-academic	Bring knowledge to bear on public policy	Theoretical approach to problems, not always directly conducive (relevant) to policy-making	Academics and policymakers	Brookings Institution
<i>Contracting/consulting</i>	Technocratic	Serve government	Systems and quantitative approach to policy analysis does not apply to all policy problems and client interest priorities	Government agencies and bureaucrats	Rand Corporation
<i>Advocacy</i>	Ideological	Promote ideology expression of opinions	Ideology restricts research topics and narrow interest group	Ideologues and Studies	Institute for Policy
<i>Policy enterprise</i>	Marketing	Package and promote ideas for market and market segment	Orient their research toward the interests of the market (selected donors and policy makers)	Individual market segments	Heritage Foundation
<i>For-profit</i>	Business	Expand client base	Client’s interest. Business approach to policy analysis may ignore political dimension of public policy	Private	Stanford Research Institute
<i>Political party</i>	Political	Get party elected	Party platform, party members limits range of policy options	Party	Progressive Policy Institute
<i>Governmental</i>	Bureaucratic	Provide information for policy production	Bureaucratic culture. Agenda set by branches of the government. Bureaucratic politics and turf issues constrains analysis and policy choices	Executive and legislative branches of government	Congressional Research Service
<i>University</i>	Academic	Advance knowledge	Education and knowledge creation are top priorities not politics or public policy	Academia	Asia Pacific Research Center – Stanford University

Fonte: McGANN, 2007, p. 21.

## ANEXO E – DOAÇÕES RECEBIDAS PELOS *THINK TANKS*

<i>Think tank</i>	1983 (\$ in millions)	2005 (\$ in millions)	<i>Growth</i> (%)
Brookings Institution	13.0	41.5	219
CATO Institute	1.3	15.0	1,054
Center for Strategic and International Studies	7.5	27.1	261
Council on Foreign Relations	6.6	31.3	374
Ethics and Public Policy Center	1.3	1.9	46
Heritage Foundation	8.7	37.6	332
Hoover Institution	9.3	30.7	230
Hudson Institute	24.0	7.5	-69
Institute for Contemporary Studies	1.3	Closed	N/A
Institute for International Economics	1.3	8.0	515
Joint Center for Political Studies	2.0	5.2	160
Manhattan Institute for Policy Research	0.925	8.0	765
Reason Foundation	1.2	4.2	250
Resources for the Future	5.5	11.0	100
World Resources Institution	3.0	21.4	613

### Note

The figures are taken from 1983 and 2005 survey data collected by James G. McGann and the Think Tanks and Civil Societies Program. 1983 data was cross-referenced with the Foundation for Public Affairs, Public Interest Profiles, Congressional Quarterly Press for 1984.

Fonte: McGANN, James. *Think tanks and policy advice in the US: academics, advisors and advocates*. Routledge e Taylor & Francis e-Library, 2007.